

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA  
MENSAL

*Fundada em 1938*

*N.º 146*

VOLUME XXXVIII

*JUNHO, 1950*



---

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L<sup>DA</sup> — LISBOA

---



## A fotografia é a base...

de toda a gravura. Material moderno, fotógrafos especializados neste género de trabalho são condições primárias para a obtenção de bons clichés. A melhor aparelhagem fotográfica e uma equipa de fotógrafos com longa prática, mantêm há muitos anos a categoria de primeiros fotogравadores do país a

**BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>DA</sup>**

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

*Carolina Michaëlis de Vasconcelos*

# NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição  
Crítica das Obras de Gil Vicente

*NOTAS I a V*

incluindo a Introdução à  
edição facsimilada do  
Centro de Estudos Históricos  
de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22  
facsímeles e extensos Índices 150\$00  
Edição especial numerada de  
1 a 100 ..... 180\$00

*Edição da Revista 'Ocidente'*



# SELOS

da

*Cruz Vermelha Portuguesa*

Aplique sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos  
Jardim 9 de Abril — Lisboa

## ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

# O HISSOPE

*Poema herói-cómico em  
8 cantos*

Reprodução de um manuscrito inédito do Século XVIII, com prefácio e anotações do Professor José Pereira Tavares

1 volume de 192 páginas — 25\$00

*EDIÇÃO DA 'REVISTA DE  
PORTUGAL' — LISBOA*

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR:  
ÁLVARO PINTO  
GERENTE: MARIA  
AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL  
FUNDADA EM 1938  
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALLITRE, 155, 1.º — LISBOA

## SUMÁRIO DO N.º 146 / VOLUME XXXVIII / JUNHO DE 1950

- MÁRIO BEIRÃO — «Vede que fresca fonte...» — Versos — Pág. 265. *EM PROL DA CULTURA* — VI — Pág. 317/321.
- JOÃO DE BARROS — «O culto popular de Camões e da obra camoniana» — Pág. 266. *ÁLVARO PINTO* — «Notas e Comentários» — Pág. 322/324.
- HERNANI CIDADE — «A nobresa de Camões — A hierárquica e a moral» — Pág. 267/272. *Fins de página, de CAMÕES* — Pág. 272, 293 e 303.
- JACINTO DO PRADO COELHO — «Camões poeta do desengano» — Pág. 273/276. *ILUSTRAÇÕES*
- ANTÓNIO SALGADO JÚNIOR — «'Os Lusíadas' e o tema das 'Argonáuticas'» — Pág. 277/294. *Luís de Camões* — por JOAQUIM LOPES — Pág. 265.
- RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invocação de Clío — Os portugueses perante Camões — Alvitres e Sugestões» — Pág. 295/298. *Luís de Camões* — por JOSÉ MALHOA — Pág. 267/A.
- DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — Camões e os pintores — Camões no Romantismo — Sonhos, deveres e monumentos — Fantasias e indignidades» — Pág. 299/303. *Camões lendo 'Os Lusíadas' aos Frades de Alcobaca* — por ANTÓNIO CARNEIRO — Pág. 276/B.
- «Pela Seara Alheia — 'Os Lusíadas'» — (De 'A Literatura Portuguesa', de AUBREY BELL) — Pág. 304. *Venus pede a protecção de Júpiter para os Portugueses* — por CARLOS REIS — Pág. 292/A.
- AUGUSTO MORENO — «Consultório Linguístico» — Pág. 305/307. *Inês de Castro ante o Rei, já movido a piedade* — por COLUMBANO — Pág. 292/B.
- BIBLIOGRAFIA — Notas de JOÃO DE CASTRO OSÓRIO e outras — Pág. 308/315. *SUPLEMENTOS*
- «Teatro Nacional de São Carlos e Pavilhão dos Desportos» — Pág. 316. *RUI GALVÃO DE CARVALHO* — «Antero Vivo» — continuação — Pág. 73/88.
- VENTURA LEDESMA ABRANTES* — «O Património da sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — com prefácio do Coronel ABÍLIO VALDEZ PASSOS E SOUSA — Pág. 1/24.

### ASSINATURA

Portugal — 6 meses	95\$00;	Ano	180\$00
Colónias portug. e Espanha ...	>		190\$00
Brasil .....	>		180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. ....	>		\$ 10.00

Com direito aos números especiais

### NÚMERO AVULSO

Portugal .....	17\$50
Colónias portug. e Espanha .....	18\$00
Brasil .....	17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A. ....	\$ 0.90

Números atrasados (1/108) — 15\$00

### REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA

FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 85 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ÁLVARO PINTO

PREÇO DESTE N.º 146 (ESPECIAL CAMONIANO) — 20\$00; 20 CRUZEIROS; \$1.00.

# Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África  
Sede—R. do Comércio, 85—Lisboa ● Sucursal—R. Infante D. Henrique, 73—Porto  
*Serviço rápido de passageiros e carga para a África e América do Norte*

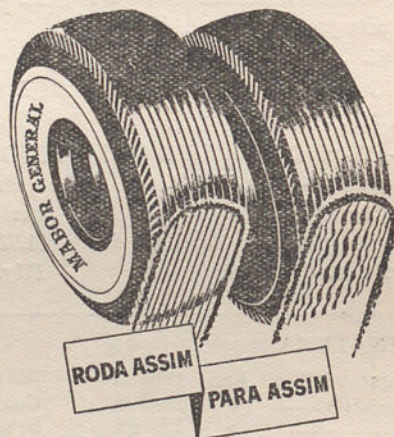
## FROTA DA C. N. N.

Navios de passageiros em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento	Navios de carga em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento
Moçambique . . . . .	9.423	18.220	Sofala . . . . .	12.145	18.520
Angola . . . . .	9.550	18.250	Moçamedes . . . . .	9.120	12.990
Nyassa . . . . .	9.130	17.442	Rovuma . . . . .	9.120	12.990
Nova Lisboa . . . . .	7.050	12.675	S. Tomé . . . . .	9.050	12.550
Lourenço Marques . . . . .	6.950	12.000	Cubango . . . . .	8.350	13.350
Quanza . . . . .	6.230	11.550	Congo . . . . .	4.905	7.325
India . . . . .	7.000	11.400	Nacala . . . . .	3.370	5.130
Timor . . . . .	7.000	11.400	Tagus . . . . .	1.630	2.320
Chinde . . . . .	1.475	2.700	Angoche . . . . .	1.240	1.950
Luabo . . . . .	1.805	3.030	<b>Em construção :</b>		
Zambézia . . . . .	1.857	3.538	Save . . . . .		
Lúrio . . . . .	1.857	3.538			

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo



O PNEU QUE POSSUI  
GRANDE PODER DE  
ACÇÃO-TRACÇÃO, DE-  
VIDO À CONCEPÇÃO  
ESPECIAL DA SUA  
SUPERFÍCIE DE RO-  
DAGEM



# SQUEEGEE



# MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & Cº LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª, Lda.

s/s ANDES	2 JUNHO	CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes, carga geral e de frigorífico	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND CHIEFTAIN	7 JUNHO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ALCANTARA	13 JUNHO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes e carga geral	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND MONARCH	18 JUNHO	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	26 JUNHO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes, carga geral e de frig.	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND PRINCESS	28 JUNHO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)

## A COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

## C. P.

TRANSPORTE DE MOBÍLIAS  
PELO CAMINHO DE FERRO

A mobília sem acondicionamento, transportada em regime de vagão completo, deixou de estar sujeita ao recargo de 50 %, passando portanto a transportar-se pelo mesmo baixo preço, da mobília acondicionada.

PEÇA INFORMAÇÕES

# RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS

## EDIÇÕES de «OCIDENTE» e da «REVISTA DE PORTUGAL»

*R. de S. Félix, à Lapa, 41, 1.º, Dt.º — Lisboa*

- «OCIDENTE» — Revista mensal ilustrada fundada em 1938 — Director: *Alvaro Pinto* — Número avulso: 17\$50; 37 volumes encadernados em pano (Vol. I a XXXVII — N.º 1 a 140) 3.100\$00
- Capas de pano:
- Vols. I/XXXIII, cada uma 20\$00
  - Vols. XXXIV/VII, cada uma 25\$00
  - Capas com lombada de pele, cada uma 30\$00 e ..... 35\$00
  - Qualquer n.º atrasado até o 108 (inclusive) ..... 15\$00
- «REVISTA DE PORTUGAL» — Série A «Língua Portuguesa» — Director: *Alvaro Pinto* — N.º: 17\$50; Volumes I a XI (N.º 1/55), cada um, encadernado ..... 100\$00
- Volume XII (N.º 56/60), encadernado ..... 120\$00
  - Volumes XIII e XIV (N.º 61/70 e 71/80), preço de cada um, encadernado ..... 185\$00
- Capas de pano:
- Volumes I/XII, cada uma ... 20\$00
  - Volumes XIII/IV, cada uma 25\$00
  - Qualquer n.º atrasado até o 54 (inclusive) ..... 15\$00
- «RAIZES DE PORTUGAL» — pelo *Prof. A. Mendes Correia*—2.ª edição 15\$00
- «VIAGEM» — Poemas de *Cecília Meireles* — Único livro premiado pela Academia Brasileira em 1938 ..... 15\$00
- «A TETRALOGIA DO PRÍNCIPE IMAGINÁRIO» — por *João de Castro Osório*. Ilustrações de *Hugo Manuel* — 4 vol. — Cada um ..... 6\$00
- «FÉDON» — de *Platão* — Prefácio de *Leonardo Coimbra* — Trad. de *Ángelo Ribeiro* — 3.ª edição ..... 12\$50
- «FLORILÉGIO DAS POESIAS PORTUGUESAS ESCRITAS EM CASTELHANO E RESTITUIDAS À LÍNGUA NACIONAL» — por *João de Castro Osório* ..... 12\$50
- «A EXPRESSÃO DA LIBERDADE EM ANTERO E OS VENCIDOS DA VIDA» — por *Feliciano Ramos*, com 7 ilustrações ... 6\$00
- «TEATRO CAMONIANO — 1) - ENFATRIÇÕES»
- 2) «EL REI SELEUCO» — Prefácio e Notas do *Professor Vieira de Almeida* — Cada um ..... 10\$00
- «UM HUMANISTA PORTUGUÊS — DAMIÃO DE GÓIS» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* ... 10\$00
- «A PEDRA NO LAGO» — Peça em 4 actos, por *Fernanda de Castro* ... 10\$00
- «O BLOCO PENINSULAR» — pelo *Prof. A. Mendes Correia* ..... 5\$00
- «LUÍS DE CAMÕES — A VIDA E A OBRA LÍRICA» — pelo *Prof. Hernâni Cidade* ..... 10\$00
- «OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE — 1) — O VELHO DA HORTA» — Prefácio, Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* ..... 10\$00
- 2) «A EXORTAÇÃO DA GUERRA» — Prefácio, Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* ..... 10\$00
- «SOARES DOS REIS» — com 25 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «LUÍSA DE AGUIAR TODI» — com 8 ilustrações — por *Mário de Sampaio Ribeiro* ..... 10\$00
- «FERNÃO LOPES» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* 10\$00
- «O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA ATRAVÉS DOS SÉCULOS» — pelo *Prof. Ezequiel de Campos* — 2.ª edição, com numerosos mapas e gráficos ..... 50\$00
- «OS LUSÍADAS» — de *Luís de Camões* — *Fac-simile* da 1.ª edição, com Prefácio e Notas de *Cláudio Basto* — Brochado 40\$00, encadernado em pano 55\$00
- «VIDA E OBRAS DE GIL VICENTE» — por *Anselmo Braamcamp Freire* (2.ª edição definitiva), com 19 estampas (últimos exemplares) ..... 80\$00
- «NOTAS VICENTINAS» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* — 1 vol. com 664 páginas e extensos índices 150\$00
- Edição especial (N.º 1 a 100) 180\$00
  - Tomo IX (Frontispício, Índices e Capa) ..... 15\$00
  - Qualquer tomo atrasado ... 17\$50
- «LIÇÕES DE FILOGIA PORTUGUESA» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*
- Um vol. de 432 pág. .... 80\$00
- «JOÃO JOSÉ DE AGUIAR»—c/18 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS» — compilados por *Carlos Galvão Simões* — Tomos I e II — Cada um ... 25\$00
- «OS ÚLTIMOS FINS DO HOMEM» — pelo *P.º Manuel Bernardes* — reprodução facsimilada da 1.ª edição de 1728, com Prefácio e Notas pelo *Prof. Vieira de Almeida* e Bio-bibliografia por *Barbosa Machado* — brochado 240\$00
- Encadernado ..... 300\$00

- «PORTUGAL AMOROSO» — Novelas históricas de *D. João de Castro*—2.ª edição — Capa de *Diogo de Macedo* 20\$00
- «A DESCENDÊNCIA DE EL-REI O SENHOR D. JOÃO II» — pelo *Marquês de Lavradio* ..... 16\$00
- «DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES» — por *José Mazza*, com Prefácio e Notas do P.º *José Augusto Alegria* — 1 vol. de 104 p. 15\$00
- «COLUNATA» — Romance de *Vieira de Almeida* — 328 págs. .... 20\$00
- «A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII» — por *Diogo de Macedo* — Com 50 ilustrações, 40\$00 edição especial ..... 60\$00
- «A JANELA DE TORMES» — (No Centenário de Eça de Queirós) — por *Vieira de Almeida* — Com 8 ilustrações — 20\$00; edição especial ..... 30\$00
- «EÇA DE QUEIRÓS E OS SEUS ÚLTIMOS VALORES» — por *Feliciano Ramos* — Com 20 ilustr. — 25\$00; ed. especial 40\$00
- «O ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO», com um índice organizado por *Sebastião Pestana* e cerca de 20.000 palavras extraídas do 'Vocabulário Ortográfico Resumido' (2.ª edição) ..... 17\$50
- «SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA, NA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO, NO ANO DE 1653 E UMA CARTA A D. JOÃO IV» — pelo P.º *António Vieira*, com Prefácio e Notas por *Sebastião Morão Correia* — 1 volume de 128 páginas ..... 10\$00
- «A CONQUISTA DO PARAÍSO» — por *J. Caminha Dantas* — Novela — Capa de *Joaquim Lopes* ..... 15\$00
- «INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Manuel de Pina Boléo* ..... 20\$00
- «PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES» por *Ezequiel de Campos* ... 30\$00
- «DA POESIA MEDIEVAL PORTUGUESA» — por *Aubrey F. G. Bell, C. Bowra e William J. Entwistle* ..... 15\$00
- «A LINGUAGEM RÚSTICA NO CONCELHO DE ELVAS» — por *J. Capela e Silva* — com 28 ilustrações ..... 20\$00
- «QUESTÕES DE LÍNGUA PÁTRIA» — 2.º volume — por *I. Xavier Fernandes* 25\$00 1.º vol. (2.ª edição) ..... 25\$00
- «ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE» — por *Perilo Gomes* — 1 volume de 212 páginas ..... 20\$00
- «PEQUENO DICIONÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE VOZES DE ANIMAIS (Onomatopeias e definições)» — por *Júlio de Lemos*, com uma Carta e um Estudo por *Augusto Moreno* ..... 20\$00
- «CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL» (Antigo Colocci-Brancuti) — Leitura, Comentário e Glossário por *Elza Pazeco Machado* e *José Pedro Machado* — 1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros medievais portugueses — Está concluído o 1.º Volume com 408 páginas de texto e 80 de *fac-simile* ..... 150\$00 Tiragem especial (1 a 200) 25\$00 (Assinatura de 5 tomos (desde o 6.º): edição comum, 125\$00; especial, 225\$).
- «PRECONCEITOS DA ÉPOCA» — por *Myron Malkiel Jirmonsky* — 1 volume de 144 páginas ..... 17\$50
- «OS SERMÕES DE GIL VICENTE E A ARTE DE PREGAR» — por *Joaquim de Carvalho* — 1 volume de 88 págs. 15\$00
- «AUTO DE SANTO ANTÓNIO» — por *Afonso Alvares* — Prefácio, notas e Glossário do Prof. *Almeida Lucas* — 1 volume de 80 páginas ..... 12\$50
- «ENSAIOS DE FILOLOGIA ROMÂNICA» — por *Harri Meier* — 1 volume de 260 páginas ..... 30\$00
- «SORTE» — Romance de *Fernanda de Castro*, capa de *Inês Guerreiro* — 1 volume de 232 páginas ... 20\$00
- «ANTERO DE QUEENTAL E A MULHER» — Ensaio de *Rui Galvão de Carvalho* — 1 vol. de 60 págs. e 4 ilust. ... 15\$00
- «A EXPRESSÃO LÉXICO-GRAMATICAL DO 'LEAL CONSELHEIRO'» — 2.ª edição — por *Herbert Palhano* — 1 vol. com 184 págs. e o retrato de D. Duarte 20\$00
- «ELOGIO DO CONTISTA TRINDADE COELHO» — por *Júlio de Lemos* — 1 volume de 56 páginas ..... 15\$00
- «LIÇÕES DE TERMINOLOGIA MÉDICA» — pelo Prof. *Paulo Mangabeira Albernaz* — 1 vol. de 64 páginas ... 15\$00
- «HISSOPE» — Poema herói-cómico em 8 cantos — Reprodução de um Manuscrito inédito do Século XVIII, com Prefácio e anotações de *José Pereira Tavares* — 1 vol. de 192 páginas 25\$00
- «GONZAGA E A JUSTIÇA» — Confronto de Baltasar Gracián e Tomás António Gonzaga — por *João de Castro Osório* — 1 vol. de 80 páginas ..... 15\$00

No Brasil os preços são os mesmos à razão de 1 cruzeiro por escudo  
 Depositário no Rio de Janeiro — Livraria Antunes :: Em São Paulo — Livraria Teixeira :: Em Porto Alegre — Livraria do Globo :: Em Curitiba — Livraria Ghignone  
 No Pará — Agência Martins :: Em Manaus — Gavinho & Gonçalves

## Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)  
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 0551

## FROTA

n/m «África Ocidental» .....	1.504 Ton.	n/m «Cartaxo» .....	1.376 Ton.
n/m «Alcobaça» .....	9.437 »	n/m «Colares» .....	1.376 »
n/v «Alcoutim» .....	10.526 »	n/m «Conceição Maria» .....	2.974 »
n/m «Alfredo da Silva» .....	5.500 »	n/m «Corucho» .....	1.376 »
n/m «Alexandre Silva» .....	2.974 »	n/v «Costeiro» .....	900 »
n/m «Alemquer» .....	9.437 »	n/v «Costeiro Segundo» .....	490 »
n/v «Alferrades» .....	2.118 »	n/m «Costeiro Terceiro» .....	1.426 »
n/m «Almeirim» .....	9.437 »	n/m «Covilhã» .....	1.376 »
n/v «Amarante» .....	12.595 »	n/v «Cunene» .....	9.800 »
n/m «Ambrizete» .....	9.100 »	n/v «Foca» .....	2.018 »
n/m «Ana Mafalda» .....	5.500 »	n/v «Inhambane» .....	9.619 »
n/m «Andulo» .....	9.100 »	n/v «Luso» .....	10.125 »
n/m «António Carlos» .....	2.974 »	n/v «Maria Amélia» .....	3.005 »
n/m «Arraiolos» .....	9.437 »	n/v «Mello» .....	6.253 »
n/m «Belas» .....	7.100 »	n/v «Mirandella» .....	7.000 »
n/m «Borba» .....	7.145 »	n/m «São Macário» .....	1.221 »
n/m «Braga» .....	7.110 »	n/v «Saudades» .....	6.430 »
n/m «Bragança» .....	7.110 »	n/v «Zé Manel» .....	1.220 »

Total: 186.415 toneladas

Rebocadores — «Africa», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»  
Lanchas a motor — «Garotas», «Bilhões», «Obidos», «Maquela», «Carocha»

34 Batelões (19 de 500 ton., 13 de 400 ton., e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.)  
e 1 Draga «Barreiro» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 35 passageiros e carga, cada um;  
2 Rebocadores de 1.200 ton. cada um

Carreiras de Lisboa para: Norte de Europa — Norte de África — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina  
— Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importante — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros  
da Companhia União Fabril no Barreiro e Lisboa

## Vitrais e Mosaicos d'Arte

RICARDO LEONE

PINTOR VIDREIRO, MOSAÍSTA E TÉCNICO

Sucessor de

CLÁUDIO A. MARTINS

MEDALHA D'OURO

Milão, 1920

GRAND PRIX

Sevilha, 1929

GRAND PRIX

Rio de Janeiro, 1932

GRAND PRIX

Lisboa, 1932

CASA FUNDADA EM 1905

225, R. da Escola Politécnica, 229

TELEFONE 6 0711

LISBOA — PORTUGAL

## CONHEÇA MARROCOS A TERRA DOS CONTRASTES

Voando nos confortáveis aviões da  
AERO-PORTUGUESA

que ligam  
LISBOA

com  
TÂNGER

e  
CASABLANCA

transportando passageiros,  
correio e carga

Peça informações na  
Av. da Liberdade, 120  
ou pelo telefone 3128/9  
ou ainda no seu Agente de viagens

A Aero-Portuguesa é Agente Geral  
das Companhias  
AIR FRANCE, SABENA e S. A. S.



# Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

*Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte*

Frota da Companhia em serviço e em construção

<i>Paquetes:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	<i>Navios de carga:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.) . . . . .	19.173	10.943	«Amboim» (n. m.) . . . . .	13.114	9.419
«Império» (n. t.) . . . . .	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.) . . . . .	12.303	9.347
«Mouzinho» . . . . .	14.150	8.200	«Lugela» (n. t.) . . . . .	12.250	8.340
«Colonial» . . . . .	14.120	8.136	«Pungue» . . . . .	8.750	6.356
«Serpa Pinto» . . . . .	13.020	5.412	«Lobito» . . . . .	5.970	4.278
«João Belo» . . . . .	12.080	7.540	«Pebane» . . . . .	4.105	2.797
«Guiné» . . . . .	6.130	3.250	«Quionga» . . . . .	4.105	2.770
			«Lunda» . . . . .	4.105	2.778
			«Chaimite» . . . . .	3.200	2.000
			«Nampula» . . . . .	3.200	2.000
			«Búzi» . . . . .	3.080	2.062
			«Sena» . . . . .	2.458	1.700
<i>Navios de carga:</i>					
«Luanda» (n. m.) . . . . .	13.790	9.820			
«Ganda» (n. m.) . . . . .	13.114	9.419			

*Rebocadores:* «Monsanto», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; Mafra, (n. m.), 310; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticus», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas.

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Tel. 30131 a 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

## DICIONÁRIO COROGRÁFICO

*De Portugal Continental e Insular*

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico,  
Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

*Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a Livraria Civilização tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o*

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telégrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopeias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fascículos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL

# Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Rua da Sofia, 78-1.º

Telefone 24076 — Porto

Telef. 2799—Coimbra

## GRANDES BIOGRAFIAS

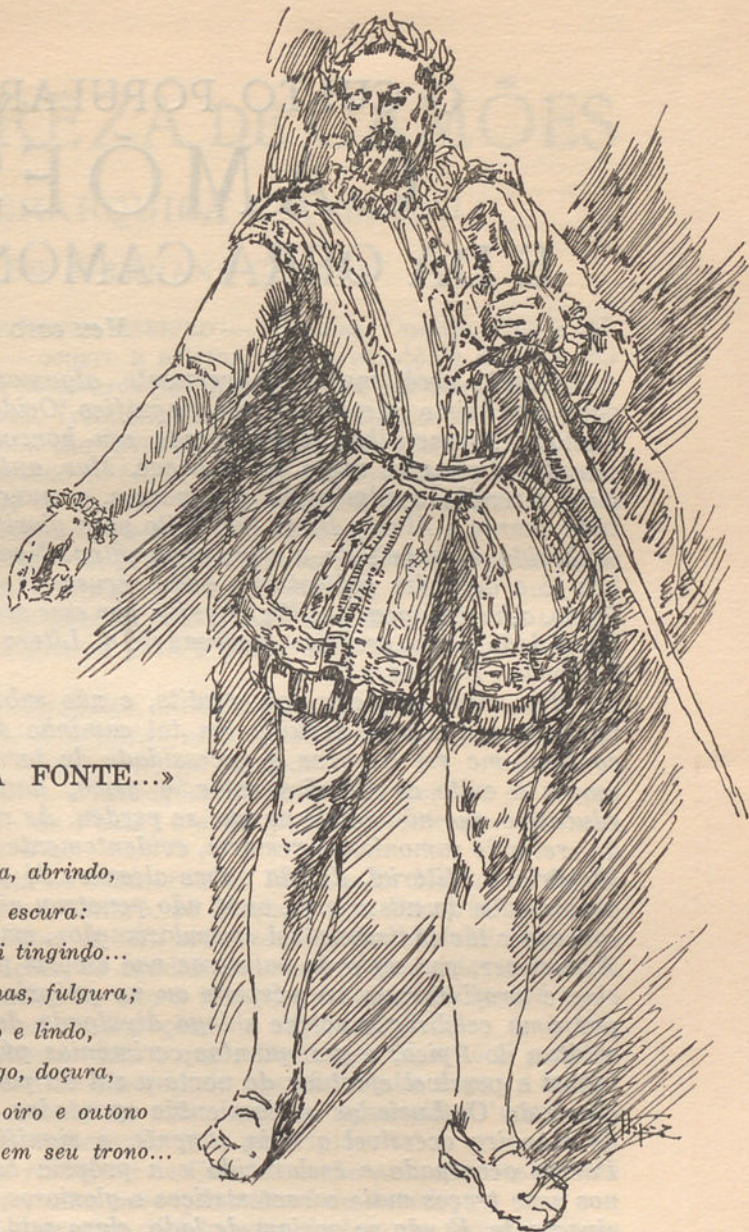
Volumes luxuosamente encadernados em tela com gravuras e sobrecapas a cores

ADALBERTO, Príncipe de Baviera — <i>Eugénio Beauharnais</i> , bastardo de Napoleão .....	75\$00
BELLOC, Hilaire — <i>Maria Antonieta</i> .....	50\$00
BRINTON, Crane — <i>As Vidas de Talleyrand</i> .....	40\$00
BUCHAN, John — <i>Augusto</i> .....	75\$00
CURIE, Eva — <i>A vida heróica de Maria Curie</i> .....	110\$00
CHESTERTON, Gilbert K. — <i>Autobiografia</i> (2.ª ed.) .....	60\$00
EINSTEIN, Alfredo — <i>Mozart</i> .....	80\$00
FÜLOP-MILLER, René — <i>Santos que comoveram o Mundo</i> .....	75\$00
HOLSAPPLE, Lloyd B. — <i>Constantino, o Grande</i> .....	70\$00
LOJENDIO, Luís Maria de. — <i>Gonçalo de Córdova</i> — O Grande Capitão — <i>Savonarola</i> .....	100\$00
LOON, H. W. Van — <i>Rembrandt</i> .....	65\$00
LLANOS Y TORRIGLIA, F. de — <i>Maria I de Inglaterra</i> — A Sanguinária — Rainha de Espanha .....	125\$00
MARAÑON, Gregorio — <i>Tibério</i> . — História de um ressentimento (4.ª ed.) — <i>António Perez</i> . — Dois volumes .....	150\$00
MARCU, Valeriu — <i>Maquiavel</i> . — A escola do poder .....	275\$00
MAURA, Duque de — <i>Vida e reinado de Carlos II</i> . Três volumes .....	35\$00
— <i>O Príncipe que morreu de amor</i> .....	225\$00
MAUROIS, André — <i>Memórias</i> (2.ª ed.) .....	75\$00
MERRIMAN, R. B. — <i>Carlos V. O Imperador e o Império espanhol no Velho e Novo Mundo</i> (4.ª ed.) .....	45\$00
— <i>Solimão o Magnífico</i> .....	45\$00
MICHIELI, Augusto Adriano — <i>O Duque dos Abruzzos e seus feitos</i> .....	90\$00
MUÑOZ DE SAN PEDRO, Miguel — <i>Diogo Garcia de Paredes. Hércules e Sansão de Espanha</i> .....	125\$00
QUEIROZ VELLOSO, J. M. de — <i>D. Sebastião</i> .....	75\$00
ROMIEU, Emilie y Georges — <i>A vida das irmãs Brontë</i> .....	55\$00
SEMENTOWSKI-KURILO, Nicolai — <i>Alexandre I. Eufonia e recolhimento de uma alma</i> .....	55\$00
SILIO CORTES, César — <i>Isabel a Católica. Fundadora de Espanha</i> .....	100\$00
TASSONI ESTENSE, Alexandre — <i>Eugénio de Saboia</i> .....	50\$00
THIEL, Rudolf — <i>Contra a morte e o demónio</i> — Da vida dos grandes médicos .....	75\$00
WALSH, W. T. — <i>Filipe II</i> (2.ª ed.) .....	150\$00
— <i>Santa Teresa de Ávila</i> .....	60\$00
— <i>Personagens da Inquisição</i> .....	150\$00
WELLS, H. G. — <i>Tentativa de autobiografia</i> .....	60\$00
XAVIER, Adro — <i>O Duque de Gandia. O nobre Santo do Primeiro Império</i> .....	65\$00
XIMENES DE SANDOVAL, Filipe — <i>António Alcalá Saliano. O homem que não chegou</i> .....	190\$00

10-6-1580

a

10-6-1950



«VEDE QUE FRESCA FONTE...»

*«Vede que fresca fonte» mana, abrindo,  
A golpes de ais, aquela pedra escura:  
Do sangue real de Inês a vai tingindo...  
E a pedra, a escorrer lágrimas, fulgura;  
Vede como se estrela, esparso e lindo,  
O sonho que anda no ar: vago, doçura,  
Luz de perdão, dos olhos de oiro e outono  
Da que, morta, sorri, posta em seu trono...*

MÁRIO BEIRÃO

Desenho  
de  
Joaquim Lopes

# O CULTO POPULAR DE CAMÕES E DA OBRA CAMONIANA

*Meu caro Álvaro Pinto:*

*Deseja você, muito amavelmente, algumas palavras minhas para o próximo número do seu magnífico 'Ocidente' consagrado a Camões. Prometi-lhas, agradecendo seu honroso e desvanecedor convite. Aqui vão, nesta carta breve. Mas, antes, quero uma vez mais dizer-lhe a admiração que merece, e nunca lhe neguei por tudo quanto o Álvaro Pinto tem feito para glorificar e tornar mais conhecida e respeitada a obra camoniana. Nenhum português de boa-fé e de sadio patriotismo pode recusar-lhe, meu caro Álvaro Pinto, a homenagem que lhe é devida por esse seu belo e persistente apostolado cívico, serviço inestimável à Literatura e à Cultura nacionais. Bem haja!*

*Por mim, que não sou erudito, e não saberia, mesmo que o tentasse e quisesse, segui-lo em tal caminho árduo e iluminado, contento-me em lembrar a necessidade de tornar cada vez mais amplo o culto de Camões entre o povo, dando-lhe o carácter educativo que não existe ou que se perdeu. As raízes dessa espécie de «religião camoniana» residem, evidentemente na sua propaganda literária e editorial, de tão nobre alcance. Só peço que ela atinja as camadas da nossa grei, onde não penetrou ainda. Como, porém, conseguir tão indispensável «popularização», em parte pelo menos? A meu ver, por meio de palestras nas escolas primárias, secundárias e profissionais na véspera ou no próprio dia 10 de Junho; por uma celebração solene e logo divulgada dessa data junto da estátua do Épico; e por quantas cerimónias públicas seja aconselhável e possível efectuar de norte a sul do país. Os passos principais de 'Os Lusíadas' seriam então apontados, lidos e comentados de maneira acessível a toda a gente, o significado patriótico do Poema acentuado e esclarecido e a própria história de Camões, nos seus traços mais característicos e gloriosos, recordada impressivamente. E não se poriam de lado, claro está, outro qualquer ou outros quaisquer processos de assegurar, bem firmes e bem patentes, o valor e as sugestões de amor à Nacionalidade que em 'Os Lusíadas' jamais empalidecem, jamais se apagam, jamais deixam de ser oportunos.*

*Concorda? Atrevo-me a supor que sim.*

*Perdoe o desalinhavado desta carta e disponha do admirador sincero e do amigo reconhecido*

V-1950.

JOÃO DE BARROS

# A NOBREZA DE CAMÕES

## A HIERÁRQUICA E A MORAL

Por HERNANI CIDADE

N O LIVRO DE AQUILINO RIBEIRO — ‘*Camões, Camilo, Eça e Al-guns mais*’ — ocorre a afirmativa peremptória de que *não é necessário mostrar* «que tudo o que se diz dele, (Camões) amores com princesas, frequentação do Paço, estudos em Coimbra, primores de fidalguia, são invenções risíveis dos seus devotos. Luís de Camões era amassado do barro comum dos homens da sua época, com a diferença que os excedeu nas virtudes e vícios. Devia ser a sublimação de instintivo superior». (P. 53-54).

Não deixa o Mestre da prosa portuguesa, nesta digressão pelos domínios da crítica erudita, de reconhecer em Camões «um dos demiurgos das Letras portuguesas», mas, do ponto de vista moral, desnivela-o, sem cerimónia, para o plano de Villon — que a custo escapou à força...

Sem espírito polemístico, antes com a perfeita serenidade de quem revê um problema, para verificar se acertou no modo como o julgou resolvido, vejamos se, na verdade:

Serão *invenções* — e *invenções risíveis* — *de devotos* os traços citados da biografia do Poeta; e a tal ponto *risíveis* que *não seja necessário demonstrá-lo*.

Saber se o Poeta se enamorou da Infanta D. Maria, se foi fidalgo, se estudou em Coimbra, se frequentou o Paço, talvez tanto não importe como saber se têm consistência, demonstrada a inani-dade de tais afirmações, os fundamentos sobre que todas assentam ou aparentam assentar. Se não a têm, nem mesmo os haverá para basear as afirmações ou negações de Aquilino Ribeiro e, então, teremos de nos contentar com o que o Poeta nos diga de si próprio — enquanto outro crítico hiperagudo nos não venha negar a autenticidade de quanto possa, na sua obra, ser aproveitado como elemento biográfico. E começando pelo princípio:

Os *primores de fidalguia* de Camões serão assim, por absoluta falta de fundamento, uma *invenção risível de devotos*?

Esses *devotos*, é preciso dizê-lo, vêm de tempos recuadíssimos e, se me não engano, não se têm descoberto documentos que os não tenham justificado.

Em primeiro lugar, creio não haver dúvidas sobre a nobreza dos Camões de Coimbra, a que pertenciam o crúzio D. Bento de Camões, prior geral da sua Ordem e cancelário da Universidade, que um documento coevo inculca *da mais honrada gente dela* (da cidade), e aquele homónimo do pai do Poeta, Simão Vaz de Camões, que um outro documento da época afirma ser *muito privado do príncipe pai de D. Sebastião*. Da nobreza dessa linhagem informa, já em 1613, Pedro de Mariz, filho do livreiro de Coimbra António

de Mariz, que viveu na última metade do Século XVI. Os documentos descobertos pelo Cónego Ribeiro de Vasconcelos apenas vieram confirmar o que, quanto à nobreza da linhagem, de essencial Mariz tinha asseverado.

Mas seria o Poeta realmente aparentado com os Camões conimbricenses?

Quem primeiro disse informa é ainda Pedro de Mariz. Não parece que a *devoção* deste escritor o pudesse ter levado a inventar uma genealogia diferente daquela que por seu pai, contemporâneo de Camões, ou pelo seu amigo, L.<sup>do</sup> Manuel Correia, que se inculcava amigo do Poeta, ele poderia ter conhecido. O que é certo é que os documentos publicados por Faria e Sousa no Século XVII e os que vieram a lume no Século XIX, descobertos por Juromenha e Cónego Vasconcelos, apenas vieram reforçar a afirmativa daquele primeiro biógrafo.

Faria e Sousa — dir-se-á — era patranheiro sem escrúpulos. Mas um patranheiro não inventa documentos que destruam afirmações já por ele mesmo publicadas. Tinha ele afirmado que o Poeta nascera em 1517 e que o pai o deixara órfão muito novo; e, em face dos dados dos seus documentos, passa de 1517 para 1525 aquela data, indica o pai como fiador do filho, quando do embarque para a Índia, e modifica o nome da mãe, que, seguindo Mariz, chamara Ana de Macedo, para Ana de Sá de Macedo, pois *de Sá* lhe chamam os seus documentos, como os que mais tarde havia de publicar Juromenha.

Mais ainda: a divergência entre os dois documentos é argumento a favor da autenticidade de ambos. O primeiro anuncia a partida do Poeta no ano de 1550; o segundo dá-o como devendo embarcar em 1553. É infinitamente mais fácil de admitir que, por qualquer circunstância, tivesse a viagem sido adiada, do que aceitar que Faria e Sousa inventasse um documento falso — para, sem necessidade alguma, modificar dados de outro documento por ele igualmente *inventado*.

O que importa para o nosso caso é que ambos esses documentos dão o Poeta como escudeiro e filho de Simão Vaz de Camões, homónimo do conimbricense *muito privado do príncipe pai de D. Sebastião*.

Decorrem dois séculos, e surgem ainda, em confirmação dos biógrafos de seiscentos, os documentos publicados por Juromenha: a *carta de perdão*, de D. João III, e os alvarás respeitantes à tença conferida ao Poeta por D. Sebastião. O primeiro destes e aquela promovem-no a *cavaleiro fidalgo da Casa Real*, assim como lhe atribuem a mesma filiação que lhe attribuía Mariz, com a diferença que a mãe é nestes documentos chamada Ana de Sá, enquanto o biógrafo a diz da família dos Macedos, de Santarém.

Não poderemos dizer que façam rir como ingénuas *invenções de devotos primores de fidalguia* baseados em diplomas, que assim reciprocamente se fortalecem. Fidalgo de altíssima linhagem de corpo o não era, mas que tinha categoria que bastasse a frequentar o Paço é o que no caso importa.



Tanto mais que da *'Lírica'* se depreende insofismavelmente a elevada altura hierárquica do ambiente em que viveu. E se as *'Cartas'* parecem desnivelá-lo para plano muito outro, de *rua e alcouce*, também claramente nos mostram que era entre os Marialvas do tempo que o Poeta encontrava os companheiros da sua transitória boémia libertina.

Quanto à *'Lírica'*, parece não poder duvidar-se, tanto mais que uma das cartas o confirma, que eram de comovida amizade as suas relações com o malogrado D. António de Noronha, filho dos condes de Linhares. É, além disso, conhecido o banquete oferecido na Índia aos fidalgos João Lopes Leitão, Vasco de Taíde, D. Francisco de Almeida e Heitor da Silveira, a quem pôs na mesa, em vez das viandas que esperavam, as redondilhas de que mais facilmente poderia ser liberal. E, tudo olhando sob esta luz, é lógico julgar que, se pede para Magalhães Gandavo, autor da *'História de Santa Cruz'*, a protecção do herói de Malaca, Leonis Pereira, ou a do próprio vice-rei, D. Francisco Coutinho, para o Dr. Garcia d'Orta, de cujo *'Diálogo dos Símplices e Drogas'* lhe faz o elogio, é porque não lhe falta confiança no próprio prestígio. Aliás, nele confiaram esses autores, e o de maior categoria, Garcia d'Orta, ao ponto de publicar na primeira edição da sua obra a ode exaltadora. É com a mesma confiança que ainda solicita do vice-rei favoreça a Heitor da Silveira; e não lhe teria dirigido os versos facetos em que lhe pede o livre do embargo que lhe pôs um credor, sem que ele, mandando-lhe, por exemplo, um mote para glosar, lhe garantisse acolhimento amistoso às solicitações.

Em Lisboa, na corte, encontrava ele ambiente feminino de categoria cultural e hábitos de galantaria para simpático acolhimento das subtilezas petrarquistas, que lhe encham a *Lírica*, mesmo, às vezes, a mais ligeira. Consagra um soneto a D. Guiomar de Blasfé, entre outras damas de difícil identificação; e D. Francisca de Aragão, a mais alta dama da corte, logo depois das da família real, envia ao Poeta um mote para ele glosar. Camões acompanha as finas voltas que lhe faz de carta que documenta, insofismavelmente, relações de grata convivência, no mesmo plano social.



Obrigarão as *'Cartas'* a fazer desconto ao significado dos documentos ou dos poemas a que me refiro?

Aquela *escrita a um amigo, em que lhe dá novas de Lisboa*, é, na verdade, crónica de baixa estúrdia. Arruaças e agressões, por menores da vida de alcouce e, por fim, a inclusão dele próprio no grupo desordeiro.

Desvairios da mocidade, que bem podemos supor mais destravada e barulhenta do que a do nosso tempo. Reparemos, porém, que a pessoa a que se dirige — o *primeiro do rol* — é de categoria mental que explica, na *'Carta'*, a mistura de latim, Evangelho e Mito-

logia, o estilo florido de finas metáforas, *para raros apenas*. Trata-o por V. M. e comunica-lhe que *lhe beija a mão o senhor António de Resende*. Aliás, é de igual categoria o indigitado autor da agressão, *o senhor João de Melo...*

É claro: a categoria social dos boémios brigões apenas lhes agrava a responsabilidade da desordem, mas não é menos claro que o Poeta, misturando-se a eles, não precisava de se desnivelar à categoria de Villon, que viveu entre ladrões e assassinos... Descia no conceito rígido dos puritanos, mas sem se desnivelar na escala de valores duma sociedade tocada da perturbação do Renascimento e onde era natural os regressados dos longos desterramentos e campanhas do Ultramar, ou os que para lá aguardassem o momento de partir, esquecessem a disciplina cristã — e até a medida epicurista...

Mas leiamos a carta que ele escreveu da Índia e cotejemo-la com esta. Queixa-se nela de que, «sem pecados que o obrigassem a três dias de purgatório, passou três mil de má língua, piores tenções, danadas vontades, nascidas da pura inveja», e alude a «amizades mais brandas que cera, que acendiam em ódios que disparavam em lume e lhe deitavam mais pingos na fama que nos couros dum leitão».

Não parece muito apropriado a um Poeta resvalado à vida crapulosa dum Villon atribuir à *pura inveja* as *danadas vontades* do que se queixa.

O que, porém, mais interessa na carta (ainda mais do que a alusão ao facto de ter sido tomado como juiz de certa contenda de honra) é a viva alegria nela expressa de se libertar do ambiente de Lisboa. Escreve ele: «Enfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços me armavam os acontecimentos, como com me vir para esta (terra)».

Ao que nesta carta põe em evidência que o Poeta não foi compelido ao embarque para a Índia, como Aquilino apressadamente concluiu da '*Carta de Perdão*', juntemos o significado em que ela converge com uma outra, escrita de Lisboa, que do modo mais impressionante patenteia a distância que separou o ambiente, em que durante algum tempo viveu, daquele em que desejaria ter vivido.

Camões é novo, é livre, é *feito de carne e de sentidos*, como de si próprio informa. Conhece a vida em todos os planos. Aquele a que o levou a sua boémia, descreve-o com realismo que lhe provoca o sorriso de Demócrito, e não as lágrimas de Heraclito, impróprias da sua mocidade. Mas é sensível a mágoa com que inveja o modo como decorre a vida do amigo, perto da Natureza, entre as coisas *quae vitam faciunt beatam*. Valorizando aquela *quietação branda, ouvindo a harmonia dos passarinhos, em braços com os 'Sonetos' de Petrarca, 'Arcádia' de Sannazzaro, 'Éclogas' de Virgílio*, afirma o desejo de *trocar, mesmo com tornas*, pela do amigo, a existência de que, na carta citada acima, exprime a alegria de se ter libertado.

Como se vê, mesmo nos tempos da estúrdia desregrada, é vivo o anseio da saúde moral, do cultivo das coisas do espírito, viva e actuante a nobreza que impede a demora nos lamaceiros da boémia



— e garante o mérito de convívio mais alto do que o da rua e do alcouce.

Ora é da tradição que teve tal convívio. Comunicaram-no-lhe Pedro de Mariz, que, vivendo nos últimos tempos do Século XVI, melhor do que nós sabia se as portas do Paço se abririam ou não a *cavaleiro fidalgo*, relacionado com fidalgos que o frequentavam e dotado de talentos que aí lhe dariam brilho excepcional. Inferir que lá tivesse acesso e encontrasse os amores que lhe dramatizaram a vida, aliás referidos por Diogo de Paiva de Andrade e Fr. João do Rosário, não é *invenção risível de devotos* camonianos. Isto, mesmo que ponhamos de reserva a autenticidade das memórias de um e outro, visto que apenas vêm em reforço do que sobre outros informes se assentou.



A respeito do parentesco com os Camões de Coimbra e da probabilíssima frequentação do Paço, basearam-se duas outras *invenções*, se assim quisermos chamar a inferências, que podemos não aceitar, mas de que não há direito a rir: os estudos em Coimbra e os amores com a Infanta D. Maria.

Quanto aos estudos, atendendo à variedade e firmeza dos seus conhecimentos humanísticos e científicos, à circunstância de, na cidade onde eles se professavam, o Poeta ter parentes em boa situação de lhes propiciar e, finalmente, às referências que faz às *claras águas do Mondego*, às ninfas do rio, que em '*Os Lusíadas*' associa às do Tejo, atendendo a isto — dizia eu — não parece que seja *risível invenção* conceber que lá os tenha realizado.

Mas nem o local importa. Ou naquela cidade ou em Lisboa ou mesmo em casa, o que interessa é reconhecer a densidade e a extensão duma cultura que não podia ser adquirida nem na rua, nem no alcouce; nem nas andanças de soldado e matalote, nem na penúria que sofreu pela Índia ou em Moçambique. Camões teve certamente um largo período de formação cultural; ela lhe condicionou o *honesto estudo*, que ele se orgulha de juntar à *longa experiência*.

E quanto aos amores com a Infanta D. Maria?

A hipótese foi audaciosa, e o que nela sobretudo mereceu repulsa foi o tom peremptório com que o Prof. José Maria Rodrigues a converteu em tese. Mas não foi *invenção risível*. Baseou-se: 1.º) na convicção, que data do primeiro biógrafo Mariz, de terem sido amores no Paço que lhe provocaram os desterros; 2.º) nos encarecimentos com que o Poeta se refere ao desnível entre a sua situação social e a da dama — *sol no meio de estrelas* — a que considera ousadia aspirar; 3.º) no próprio facto de não ser impossível a Camões o que foi possível a quantos enamorados, até de sangue menos azul mas igualmente ardoroso, aponta a História como favorecidos, ou como aspirando a sê-lo, por comprometedoras ternuras, senão dádivas integrais de princesas e raíñas. E, pelo que respeita à Infanta, o caso de Camões não seria tão absurdo, que não conste de um livro genealógico desvairo análogo praticado por Jorge da Silva, certo «moço de grandes bríos e altivos pensamentos». Por

ela fez «tais extremos», que D. João III o mandou prender no Lismoeiro.

É lenda? O que importa é que não seja absurdo, ao ponto de só poder ser considerada *invenção risível* a hipótese de José Maria Rodrigues.



E fico-me por aqui no arrazoado. A extensão que lhe dei e a serenidade com que o fiz dão evidência ao propósito de que proveio: rever o problema posto por Aquilino Ribeiro, no sentido de verificar se era certo o resultado em que julgava poder fixar-me.

Não se conteste ao crítico, em suas arremetidas contra o lugar comum, o direito de o pôr, mesmo que das conclusões resulte diminuído o carácter do Poeta. A verdade deve estar acima das nossas afeições ou antipatias — e das imagens que elas possam sugerir. E não há mal nenhum em que a análise desça do ponto mais alto da agulha gótica, até aos fundamentos de pedregulho e lama sobre que assenta. O que se lhe poderá contestar é o riso demasiado pronto perante a imagem de Camões, erguida dos documentos que acabamos de rever — e o tom excessivamente assertivo com que a substitui pela que teceu com a interpretação unilateral de alguns trechos de algumas cartas do Poeta.

Insisto, porém: É insuficiente dizer que *não há mal* em que a análise biográfica queira conhecer a autêntica realidade humana, que pode ocultar-se por detrás da ficção literária. É preciso reconhecer que *é bem* ela se faça, quando, por métodos rigorosos, se chegue a reconstituir a verdade — a aprofundar mais o conhecimento do que no homem tantas vezes desborda os nossos módulos artificiais, os esquemas preconcebidos em que deformamos o seu vulto real e empobrecemos a sua misteriosa complexidade. Importa, porém, que os métodos sejam rigorosos, e não me parece que o grande Escritor seja tão perfeito modelo no rigor com que procura a verdade, como no brilho insuperável por que mostra procurá-la.

---

Ó mente baixa de matéria humana,  
Cega no bem e vista na maldade  
Que tão soberba vás e tão ufana,

Que vás buscando a fonte da verdade,  
E cega-te a mentira de maneira  
Que não vês palmo já de claridade;

Põe os olhos da fé pura e sincera  
Nas altas cimas do Calvário monte,  
Por onde irás à glória verdadeira.

LUÍS DE CAMÕES

# CAMÕES

## POETA DO DESENGANO

Por JACINTO DO PRADO COELHO

Camões, a sós consigo mesmo, alimentado pela Imaginação, ora se deixa iludir por ela ora reflecte na vacuidade das imagens que desfilam no seu espírito. Já não requesta a dona, já não descreve as suas graças deslumbrantes. Longe, dissipadas na bruma, as voluptuosas experiências da carne. Está exilado; mas o desterro não é só afastamento no espaço, é separação irremediável — o Tempo é irreversível — «do bem que noutro tempo possuía». Contempla o que não existe: o que foi um dia, o que nunca virá a ser. Vive concentrado e absorto. *Imaginar*, no seu vocabulário, não consiste só em conceber imagens falsas: é também evocar e cogitar. A visão da dona ausente pode encher-lhe a alma duma alegria efémera:

Ah! Senhora! Senhora! Que tão rica  
Estais, que, cá tão longe, de alegria  
Me sustentais com doce fingimento!  
Em vos afigurando o pensamento  
Foge todo o trabalho e toda a pena.

(*Canção IX*, ed. Cidade)

Mas difficilmente se goza, pela memória, o bem perdido, sem que esse gozo se desfaça em lágrimas, sentido o contraste com a desolação actual: «Sonhados e vãos contentamentos...» «Aqui o imaginar se convertia / Num súbito chorar...» Assim Camões, Poeta da Saudade, se antecipa aos Românticos por amar o que lhe dá pena, por viver gostosamente entregue às próprias mágoas:

Esta imaginação me acrecenta  
Mil mágoas no sentido, porque a vida  
De imaginações tristes se sustenta.

(*Elegia III*)

Se uma reacção vital desse homem «de carne e sentidos» o impele a pôr os olhos no futuro, logo a razão desiludida o chama gravemente à aridez da circunstância: «Aqui, sombras fantásticas, trazidas / De algúas temerárias esperanças...» (*Canção X*) «Oh! ocioso e cego pensamento! / Ainda eu imagino em ser contente?» (*Soneto 91*). Repreende-se por esta confiança pueril. Não: o seu reino de Poeta exilado é um reino de sombras ocas, de fingimento, de fantasmagoria. Increpa os *pensamentos* obsidentes: «Com sonhos e com sombras atentais / Quem nem por sonhos pode ser contente?» (*Soneto 77*). A sua lucidez impõe-lhe o pessimismo do total

desengano. Fernando Pessoa, não menos agudamente lúcido e desencantado, invejará os que sofrem sentimentos comuns: «São felizes: têm pena. / Eu soffro sem pena a vida.» Camões lamenta já não ser capaz de desespero, de tal modo o aniquilam as decepções: «Mas oh! que se algum dia / Desesperar pudesse, viveria» (*Cancção VI*).

Tomando o seu destino como objecto de meditação, Camões pondera que o bem que o fez cantar outrora não era pròpriamente *contentamento* mas *confiança* (*Soneto 95*). O bem passado nunca chegou a ser tangível: apenas uma esperança que depois se transformou em saudade. Camões retoma aqui uma ideia cara aos Poetas do Cancioneiro de Resende. O Homem parece condenado a só gozar a felicidade em prefiguração, nunca em posse efectiva; o único bem que lhe é dado é um bem subjectivo, imagens sempre. Bernardim: «Foram bem-aventurados, / não conheceram mudança, / os que na mór esperança / foram da vida levados». Camões, por seu turno: «Mas por que meu destino me mostrasse / Que nem ter esperanças me convinha, / Nunca nesta tão longa vida minha / Couse me deixou ver que desejasse» (*Soneto 71*). E Pessoa, com a sua voz imensamente dolorida: «Onde pus a esperança, as rosas / Murcharam logo». A integração de Camões no clima espiritual de Bernardim traduz-se no emprego das mesmas palavras: a vida é feita de *mudanças, vãs esperanças, desenganos*.

Que foi a sua vida? A sucessão de imagens, *breve* ou *longa* (conforme o prisma), que o Poeta traz consigo e rememora. Considerando-as no seu conjunto, punge-o o sentimento do curso inelutável das horas, convence-se da inanidade desta «frágil vida transitória». Estar é uma ilusão. Não estamos, passamos: morremos a cada instante:

Vai-se-me o breve tempo de ante os olhos;  
Choro pelo passado; e, enquanto falo,  
Se me passam os dias passo a passo.

(*Sextina*)

Que o tempo que se vai não torna mais,  
E, se torna, não tornam as idades.

(*Soneto 79*)

O Camões destes versos nada tem de plenitude sensual, de alacridade pagã; nutre-o uma filosofia a um tempo clássica e cristã, fundada na experiência, eivada do desprezo do perecível. Não será a vida um sonho que sonhamos acordados? Não será um desfile de sombras fantásticas, tudo aparência sem fundo? Perdoem-me os leitores um novo paralelo com Fernando Pessoa; mas não é verdade que *vão* ou  *fingido*, num e noutro, são palavras essenciais, e que, pelo sentimento da vacuidade de tudo, Camões é tão moderno, tão próximo de nós, como filho dos Gregos e da Bíblia?

Não há ninguém que assente nem que creia  
Este discurso vão da vida humana...

(Oitavas — I)

Que o bem que a esperança vã promete,  
Ou a morte o estorva, ou a mudança...

(Elegia I)

Oh! Como se me alonga de ano em ano  
A peregrinação cansada minha!  
Como se encurta e como ao fim caminha  
Este meu breve e vão discurso humano!

(Soneto 48)

Oh! vão, caduco e débil esperar!  
Como se desengana ãa mudança!

(Soneto 70)

Pera que quero a glória fugitiva  
De ãa esperança vã que me atormente?

(Soneto 200)

O Poeta dir-se-ia à beira do mais completo desalento, e assim tentado a repudiar a própria nobreza duma razão clara que o tortura e aguilhoa com perguntas. Daí o sentido profundo, em Camões, do tema horaciano da ignorância tranquila do lavrador. Antes a «quieta vida e livre em tudo» que a dolorosa consciência do «sêdo», do homem advertido (*Oitavas — I*). O tema, pelas mesmas causas, será central em Pessoa-Ricardo Reis. Mas Camões tem um caminho de fuga ao cepticismo.

Escarmentado pelos «breves enganos» do amor, magoado por uma «comprida maginação» que se desfaz em nada, descobre todavia no próprio imaginar qualquer coisa que o transcende e valoriza. Na ausência o amor afina-se (tema do *dolce stil nuovo* e quatrocentista) porque o Poeta, longe da Amada, vai realizando a subtil operação que consiste em referir à Ideia o que primeiro se referia à beleza transitória da mulher. Na própria perduração subjectiva das imagens, progressivamente depuradas, convertidas em símbolos, se revela uma natureza espiritual vocacionada para o Eterno:

Que, se amor se não perde em vida ausente,  
Menos se perderá por morte escura;  
Porque, enfim, a alma vive eternamente,  
E amor é afeito de alma, e sempre dura.

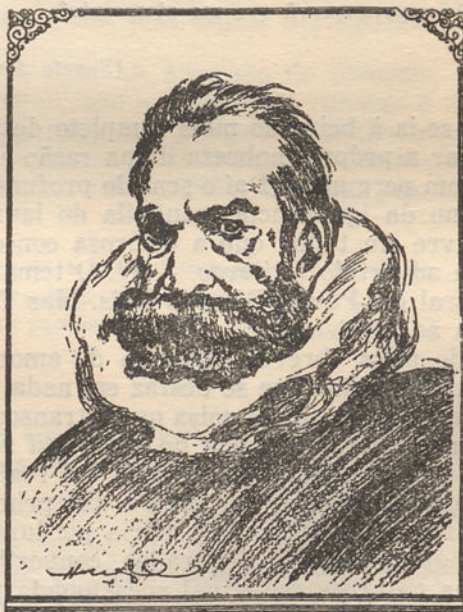
(Elegia II)

A memória, se nos permite medir a brevidade dos dias e a instabilidade em que vogamos, dá-nos consciência duma unidade pessoal que não morre. Por «casos, opiniões, natura e uso» pensamos às vezes que só existe o que parece, o simples fenómeno fugaz (*Soneto 119*). Mas para além há o domínio das Ideias e das Almas — o reino do que permanece. Quanto mais ideal, mais real.

— Não passes, caminhante! — Quem me chama?  
 — Õa memória nova e nunca ouvida,  
 De um que trocou finita e humana vida  
 Por divina, infinita e clara fama.

(*Soneto 54*)

Na épica, o Poeta cantará o que salva da morte: o Heroísmo ao serviço da Ideia colectiva, em cumprimento da vontade de Deus; os feitos que conferem «as honras imortais e graus maiores». Na lírica, nesse poema-chave, como bem viu António Sérgio, que são as redondilhas «Sobolos rios...», cristianizando o platonismo, Camões descreverá a ascensão da alma à esfera inteligível, o trânsito do reino das sombras vãs para a Divina Cidade, *Jerusalém Celeste*.



ADQUIRA O 'CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL' — AN-  
 TIGO COLOCCI-BRANCUTI, DE QUE JÁ FOI PUBLICADO O VOLUME I  
 (408 + 80 PÁGINAS DE FAC-SIMILE) PELA 'REVISTA DE PORTUGAL'  
 EDIÇÃO COMUM — 150\$00; EDIÇÃO ESPECIAL — 250\$00



LUÍS DE CAMÕES

MUSEU MILITAR

*por JOSÉ MALHOA*



CAMÕES LENDO 'OS LUSÍADAS' AOS FRADES DE ALCOBACA

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

por ANTONIO CARNEIRO



# 'OS LUSÍADAS'

## E O TEMA

### DAS 'ARGONÁUTICAS'

(I — IDEIA DUM PROBLEMA; II — ESBOÇO  
DA SUA HISTÓRIA)

Por ANTÔNIO SALGADO JÚNIOR

EM NOSSOS TRABALHOS camonianos inéditos (e, o que é pior, paralisados há muito já, a alguma distância do seu termo, por falta de boas condições de trabalho que nos permitam continuá-los) prestamos uma atenção muito especial às relações que nos parecem existir (e assumem, a nosso ver, aspectos essencialíssimos) entre '*Os Lusíadas*' e os poemas com base no tema dos Argonautas. Não somos nós, decerto, quem primeiro afirma alguma relação entre aqueles e estes; mas julgamos ter chegado a dar-lhe uma nova extensão e importância, apreciando tal relação em inúmeras consequências variadíssimas que comporta. De facto, ao passo que uma ou outra vez têm sido apontados lugares isolados de '*Os Lusíadas*' como possíveis reflexos de alguns, também isolados, daqueles outros poemas, — a nossa preocupação é a de demonstrar que na análise do *sentido* desses poemas é que está a maior importância do caso. Quer dizer: para nós é a esse *sentido* que convém atender pelas inesperadas explicações que traz à gênese e composição de '*Os Lusíadas*' considerados muito mais na sua geral economia do que nos lugares isolados de que até aqui se têm feito essas aproximações. E mais: cremos mesmo que só esse nosso modo de enfrentar a questão poderá garantir as aproximações já feitas, — ou até excluí-las em alguns casos e provocar o aparecimento de certas outras menos evidentes, como a nós nos pareceu ter acontecido.

Nas páginas que vamos agora aqui escrever não poderemos expor o caso em todos os seus aspectos. Reduziremos a simples artigos os capítulos iniciais dum estudo por agora inédito e truncado, em parte escrito, em parte apenas apontado, mas já inteiramente concebido. Será isto, portanto (como, aliás, em casos análogos anteriores), uma amostra exemplificativa dos nossos métodos e das orientações da nossa crítica camoniana. Não pode ser mais. Ficarà o resto para quando nos for possível retomar essa papelada adormecida e dar-lhe a demão que exige.

## I — IDEIA DO PROBLEMA

## 1.

Há, a nosso ver, um preconceito que aflige os estudos de 'Os Lusíadas' desde que nasceram, há séculos: — o de que a sua capital fonte é a 'Eneida'. Decerto, assim é, se se trata de procurar determinar a obra que ensinou a Camões os processos artísticos. Somos os primeiros a reconhecer que é Virgílio o professor de arte que Camões adoptou com convicção e entusiasmo, recolhendo-lhe a lição pelo que respeita à disposição da matéria épica, à oportunidade da intervenção de Deuses, à mitificação artística deste ou daquele ponto, à criação de imagens ou comparações, — a mil e um recursos ou efeitos da arte, em suma. Tudo isso é por demais evidente para que insistamos.

Creemos, porém, que a consideração da 'Eneida' como fonte se transformou em preconceito, quando absorveu a atenção dos camonistas a ponto de a julgarem susceptível de fornecer também o *sentido épico* ao tema que Camões tinha ao seu dispor. Ora, a este respeito, *nada mais inconveniente do que o Poema latino*. E quem o diz da 'Eneida', deverá dizê-lo também da 'Odisséia', que pode ser trazida à discussão pelo que dela passou para o Poema de Virgílio. Atentemos um pouco nesta *inconveniência* que apontamos, esclarecendo a questão.

Fundamentalmente, o assunto de 'Os Lusíadas', como o determinou perfeitamente Epifânio, é a Viagem do Gama à Índia, e este o seu Herói. Como Epifânio, diremos que, *tênicamente*, não há outro modo de ver o problema. Apresentar outros modos de o resolver é retirar ao Poema toda a sua espinha dorsal. Reduzindo a discussão à sua simplicidade máxima, não seria preciso mais do que pensar que espécie de Poema subsistiria quando lhe fosse retirada a Viagem do Gama... Acrescente-se ainda a contraprova: pensar se no que se lhe retirava estava ou não estava subsistindo um Poema... Supomos que nos fazemos entender a este respeito: *tênicamente*, na palavra de Epifânio, o assunto de 'Os Lusíadas' é a viagem do Gama. Se assim é, o Poema resultante assenta essencialmente naquilo que tiver sido uma tal viagem. Ora o que ela foi, pelo menos na exposição de Camões, toda a gente o sabe: um rei que encomenda a um seu capitão certa viagem com determinado fim; o capitão que a aceita e, tendo reunido os seus colaboradores, parte certo dia; uma travessia por longos mares, com peripécias variadíssimas, ora felizes, ora infelizes; a chegada do capitão ao ponto do destino e o avistar-se com outro rei longínquo, a quem expõe o que o leva de embaixada; uma série de contrariedades que tem de defrontar em face da relutância que encontra para satisfazer a sua missão; finalmente, um regresso ao reino de origem, em vista da apresentação dos resultados colhidos naquela empresa.

Determinado isto, é bem de ver que era impossível ter Camões encontrado na 'Eneida' ou na 'Odisséia' qualquer história do mesmo sentido, por forma a aprender em tais Poemas a orientação do seu.

Diremos mesmo mais: se fosse necessário a Camões ter encontrado um símile para que dele nascesse a ideia do seu Poema, e não conhecesse senão esses tais, não teria neles nada que lha fizesse nascer. De facto, que história lhe contava Virgílio na '*Eneida*'? A história desventurada dum Troiano que, estando em sua terra, viveu a vida trágica dos sitiados, até que lha destruíram numa noite. E inicia nesse momento a sua fuga desastrada, perdendo a mulher, embarcando precipitadamente, atirando-se para o mar, quase sem rumo... Depois, sem qualquer domínio do seu navio e sem visão clara do seu destino, farta-se de tocar inesperados portos, ao sabor das forças estrechocadas, que chegam a levá-lo aos Infernos antigos. Por fim, aporta a Itália, onde, já com a consciência do que ali deve fazer, põe reclamações a Turno e se envolve em intermináveis guerras, — no fim das quais tem fundado o novo reino do Lácio. — É ocasião de perguntar: Que parentesco tem esta história com a de '*Os Lusíadas*'? Se as histórias são tão dessemelhantes nos seus motivos, no seu desenvolvimento, no seu desfecho, poderão ter alguma coisa de comum no seu sentido? Evidentemente, entre o sentido da '*Eneida*' e o de '*Os Lusíadas*' vai toda a diferença que existe entre uma história de fugitivos tristes e uma história de aventureiros intrépidos. — E a uma conclusão idêntica chegaríamos, se considerássemos a própria '*Odisseia*', que foi modelo da primeira metade da '*Eneida*'. Que contava esta? Uma história quase da mesma espécie: a dum homem que (embora não Troiano, mas antes inimigo) abandonava também Tróia, onde já não tinha que fazer, para regressar à sua terra natal, à Ilha de Ítaca. Depois, talqualmente o Troiano de Virgílio, perdera o domínio do seu navio, andara um ror de anos sobre mares azedos, arribara inesperadamente a alguns portos comuns, sofrera aventuras semelhamtíssimas, — e no fim de tudo isto tivera de pôr fora de combate uns tantos palacianos impertinentes antes que retomasse o seu lugar junto da fiel consorte e do fidelíssimo cão. — Será mais chegado o parentesco desta história com a de '*Os Lusíadas*'? Que diremos do seu sentido? — Evidentemente, esta história de Homero é irmã gémea da de Virgílio: a história deste perdido torna-viagem corre paralela dessa outra do amargurado fugitivo. Uma nasce da outra, a latina da grega. Mas o que elas não são é paralelas da de '*Os Lusíadas*'. E, quanto ao seu sentido, escusado será dizer que nada mais natural que exista em Homero, a alguns respeito, um descambar em elegia, — coisa que depois Virgílio acentuou até aos limites que o caso possibilitava. Natural, decerto. E aí temos o principal da questão: tudo está em ver que a '*Odisseia*' é o que poderemos chamar um Poema de regresso (de regresso contrariado, juntemos), e que à '*Eneida*' compete a designação de Poema de fuga (de fuga trágica, juntemos também). E é altura de perguntar: Como se poderiam ter originado e desenvolvido '*Os Lusíadas*' de tais Poemas, estes '*Lusíadas*' que nem são um Poema de regresso, nem um Poema de fuga? Como poderiam, enfim, viver essa atmosfera que o regresso e a fuga obrigaram a respirar os heróis de Homero e de Virgílio? Evidentemente, se foi necessário a Camões a sugestão duma história alheia para ver na

viagem do Gama um tema adaptável ao épico, — outra teria de ser essa história alheia. E essa, sim, é que teria sido o seu ponto de partida, — o seu modelo inicial.

## 2.

Há, é verdade, em Camões, um cuidado especial em não indicar dos épicos da Antiguidade senão dois nomes: Homero e Virgílio. É, de facto, assim; temos de reconhecê-lo. Decerto, um Poema épico não é uma dissertação em que convenha citar-se... Não há citações, portanto, em '*Os Lusíadas*' — e, embora muita coisa tenha sido determinada como tendo sua origem literária em dezenas de Poetas latinos, etc. — os autores-fontes nunca foram tocados com alguma referência. Desse processo geral, exceptuam-se, porém, dois, sempre os mesmos dois — Homero e Virgílio — aos quais o Poeta dedicou esta estância célebre:

Esse que bebeu tanto da água Aónia,  
Sobre quem têm contenda peregrina,  
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,  
Atenas, Ios, Argo e Salamina;  
Essoutro que esclarece toda Ansónia,  
A cuja voz altíssima e divina,  
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,  
Mas o Tibre co' o som se ensoberbece...

Por outro lado, os nomes de heróis que sempre lhe estão vindo à pena para confronto com o Gama são os de *Eneias* e do *facundo Ulisses*. Nesse mesmo canto V (de cujas estâncias finais nos estamos agora servindo), a procissão de entidades mitológicas que traz à memória é toda constituída por figuras da '*Odisseia*' ou da '*Eneida*': Circes, Polifemos, Sirenas, Cícones, Lotófagos, Ventos, Calipsos, Harpias, Infernos... Mas isto é um exemplo; toda a gente sabe quantas referências existem, pel'*Os Lusíadas*' adiante, a pontos que são exclusivos de Homero e Virgílio, ou por eles mais notavelmente tratados.

Desta atitude, tão abertamente tomada por Camões, derivou em parte, cremos nós, essa tendência para colocar Virgílio como sua fonte capital (e a Homero, de certo modo, embora indirectamente). Camões, portanto, lançou a crítica no exclusivismo que de início considerámos preconceito. Mas, parece-nos, Camões não teve culpa de ter sido assim interpretado, de ter dado motivo a isso. Note-se uma coisa importante: sempre que Camões faz referências claras a Virgílio (ou a Homero) é fácil verificar a sua natureza incidental. Nunca, que nos lembre, se faz qualquer assimilação perfeita, completa, das identidades do Gama e de Eneias ou Ulisses. Nunca, em nenhum caso, se aponta o paralelismo da história que está contando em relação àquelas outras duas. É certo que o Gama «para si de Eneias toma a fama», — mas nunca lhe toma a fortuna. Se alguma coisa se aproxima é a fama, pois que as histórias são diver-

sas. Camões não deixa de o lembrar por várias vezes, embora a diferença em que insiste seja a de que as histórias de Eneias e de Ulisses são «fábulas vãs tão bem sonhadas» e a que conta é feita de «verdade nua e pura». Mas esta é para Camões a diferença essencial, — e basta-lhe declarar esta. Como quer que seja, é o próprio Camões que tem consciência das diferenças. E, no entanto, insiste nas referências a Virgílio e a Homero. Porquê? É evidente que se trata de homenagear os que considera os mestres do processo artístico conveniente ao épico. Ele o diz, dizendo-os autores de fábulas vãs — mas *tão bem sonhadas!* São os maiores, decerto, são os que unicamente merecem a primeira referência e a primeira atenção. Sobretudo, são os que deve considerar para seguir nos casos incidentes. *Casos incidentes*, escrevemos nós, note-se bem. E a coisa é visível, porque, em grande número de casos destes, Camões deixa voluntariamente indicação bastante para nos lembrar que é desses mestres que está recolhendo uma lição muito aplicável ao ponto. Mas não mais. Não avancemos nós mais longe que ele próprio, até ao ponto de querer que ele próprio o faça para o *sentido* geral da sua história, para uma assimilação da natureza da sua matéria épica à dum Virgílio ou dum Homero.

Ora, que a este respeito Camões nunca pensou numa tal assimilação do sentido das histórias, está patente no próprio Poema. Verifiquemos: Camões acaba de fazer a proposição e a invocação; fala agora a D. Sebastião menino. Mas já disse o que queria, e vai acabar; resta só pedir-lhe que ouça a história que tem para contar-lhe, — e é assim que o faz:

Mas enquanto este tempo passa ledo  
De regerdes os povos, que o desejam,  
Dai vós favor ao novo atrevimento,  
Para que estes meus versos vossos sejam,  
E vereis ir cortando o salso argento  
Os vossos *Argonautas*...

Agora sim: agora é que há assimilação. É como quem diz: ouvi a história dos que foram à Índia, como outrora outros haviam ido à Cólquida; vede que história parecida! Não; não são os *vossos Enéadas*, como podia ter dito, porque Virgílio lhe oferecia a palavra já prontinha para a assimilação. São, isso sim, os *vossos Argonautas*. E não pode haver assimilação, nem mais bem colocada, nem mais bem declarada.

### 3.

Nem '*Odisseia*', nem '*Eneida*': os '*Argonautas*', essa outra história que a Antiguidade tanto apreciava e que tantos Poetas gregos e latinos aproveitaram abundantemente. História que se conta rápida, vamos lembrá-la em poucas palavras:

De Míneas (retenha-se este nome), neto de Neptuno, descendia um povo estabelecido na Tessália, que o rei Pélias governava. Tinha

este destronado seu irmão Eson e receava o filho deste, seu sobrinho Jasão. Os seus receios eram tanto mais justificados, quanto era certo ter o oráculo predito que se receasse de homem que algum dia se lhe apresentasse descalço dum pé, — o que, por mitológicas circunstâncias romanescas, sucedera com Jasão. Desde esse momento, Pélias busca ensejo de se desfazer do sobrinho, se possível para sempre, e lembra-se de lhe encomendar uma viagem à Cólquida, donde deve trazer-lhe a pele do carneiro dourado em que tinham fugido do Orcomeno os irmãos Frixo e Hele, e que o rei daquela região, Eeta, ciosamente fizera guardar por um dragão, desde que Frixo lha ofertara.

Jasão, chamado ao palácio, aceita a incumbência e faz preparar uma nau — a *Argo* —, nau em cuja construção colaborou Minerva, inserindo-lhe um madeiro da floresta de Dodona, madeiro falante e profético ou fatídico. Reunidos os melhores heróis da Tessália (Hércules e Hilas, Castor e Pólux, Orfeu e Télemo, etc., etc.) a expedição parte após as circunstâncias rituais apropriadas, e, seguindo primeiro as costas até ao monte Atos, afastando-se depois para o alto mar, vai aportar a Lemnos, depois a Samotrácia, e chega ao Helesponto. Enfim, percorrem, parando aqui e ali, a Propôntida e o Bósforo, até atingir o Euxino. Seguindo-lhe as praias das terras meridionais, todo o atravessaram, — e ei-los no Fásis, o rio da Cólquida que banha a sua capital. Estava terminada a viagem de ida. E escusado será dizer que todo o percurso, aqui lisamente contado, esteve cheio de episódios impressionantes.

Na Cólquida, a missão de Jasão foi difícil. Eeta não se decide a entregar-lhe o Velo, a pele do carneiro dourado. Não lho nega abertamente; mas impõe condições impossíveis: domar dois touros de cascos de bronze e bafo ardente, jungi-los, lavrar com eles um campo, semear nele o que restava dos dentes de Cadmo, de que nasciam gigantes. Felizmente, Jasão tem Deusas que o protegem e que fazem que Medeia, a filha solteira do rei, dele se enamore perdidamente. Mágica perita que é, o amor fá-la trair o pai, fornecendo ao herói os meios de vencer a prova. Mas Eeta não se submete ao resultado do certame, — e é só porque Medeia intervém novamente, adormecendo o dragão, que Jasão consegue matá-lo e apoderar-se do Velo. De regresso ao navio, não trazia apenas a cobiçada pele: acompanhava-o Medeia, perdida por amor dele.

O regresso vai começar. Mas, descoberta a façanha do herói e a traição da filha, Eeta ordena a perseguição, que seu filho Absirto comandará. Bem toma Jasão outro caminho, procurando a foz do Istro, que na fantástica geografia antiga, ligando seu curso ao de outros rios da Europa Central, permitia estradas navegáveis directamente aos mares gelados do Norte, ou aos golfos azulados que ladeavam a Itália... Embora: Absirto alcança-os. E, perante o perigo, Medeia comete novo crime: o irmão é atraído e morto traiçoeiramente. Os Argonautas estão livres — e já estão no Mediterrâneo; mas os crimes de Medeia exigem uma purificação, e isso força-os a ir à Ilha onde habita Circe. Começa nova viagem acidentada, com a ida a esta ilha com paragem na de Cócira (onde cir-

cunståncias romanescas impõem o casamento de Jasão e Medeia), com prodigiosas travessias na África — e, por fim, ei-los de novo na Tessália.

Este o resumo da Lenda, no que se refere à expedição própria-mente dita. Evidentemente, a história toda inclui como antecedentes a história de Frixo e Hele, e, como consequentes, a estranha história das vinganças de Medeia, exercidas quer sobre Pélias, quer (ao saber-se esquecida por Jasão) sobre o marido, sobre Créusa sua nova rival), sobre seus próprios filhos dela e dele — e, por fim, o seu regresso à Cólquida, seu socorro ao pai deposto, e, depois da morte, seu casamento nos Infernos com Aquiles. — Isso, porém, para o nosso problema, é verdadeiramente uma outra história. A nossa é apenas a da expedição, aquela de que nasceram os Poemas épicos, todos designados genéricamente de *Argonáuticas*, que muitos foram escritos (a acreditar em informações de antigos), mas de que nos ficaram, sobretudo, o do grego Apolônio de Rodes, o do latino Valério Flaco, — isto se lhe não quisermos acrescentar um outro, o mais insignificante de todos, aquele que os cantores chamados órficos compuseram e se lembraram de atribuir, como tudo o mais que fizeram, ao próprio Orfeu, o cantor que, sentado à popa da Argo, aligeirava o esforço dos companheiros, marcando, com o canto e o som da lira, o pesado compasso das remadas largas.

## 4.

Começemos por notar isto: quando a exploração das estradas líquidas determinou, em vários momentos da História, a mudança de rumo da Civilização, a reacção de sensibilidade provocada nos povos interessados foi decerto registada por uma celebração em poema épico. Assim foi com os Gregos e com os Romanos, que tiveram as explorações das estradas do Mediterrâneo, como base das criações fundamentais da '*Odisseia*' e da '*Eneida*', e assim era natural que viesse a suceder com os Europeus do Ocidente que, na abertura dos tempos modernos, estavam procedendo à exploração das estradas oceânicas. — Ora precisamente o mais curioso é que, por coincidência, a descoberta do Mundo moderno estava sendo feita ao mesmo tempo que a da Antiguidade. E a divulgação, pela imprensa, dos monumentos literários da Antiguidade tornava mais visível e instante essa relação entre a expansão pelos mares e o aparecimento dos Poemas épicos da navegação. O homem moderno teve assim uma consciência muito mais rápida dessa relação, e, não esperando pela mitificação espontânea que gerasse de si o épico marítimo, aproveitou a matéria quase no próprio momento em que se desenrolava. '*Os Lusíadas*' foram assim o fruto da consciência imediata de tal relação.

Pensemos um pouco, no entanto, em qual teria sido, dos monumentos antigos então divulgados, aquele que teria tido maior importância como provocador dessa tão rápida consciência? A '*Odisseia*', esse poema de regresso? A '*Eneida*', esse poema de fuga? Quais os acontecimentos a que podiam aplicar-se naturalmente,

apontando-lhe o valor épico? Que herói moderno estaria ali pronto para reproduzir na sua vida as contrariedades sofridas por Ulisses ou por Eneias, — e desse, apesar delas, lugar à glorificação da aventura pelas novíssimas estradas de expansão? — Mas, de envolta com a *'Odisseia'* e com a *'Eneida'*, os grandes editores do Renascimento deram a público, cuidadosamente, as edições de todas as *'Argonáuticas'* conhecidas: a de Apolónio, a de Valério, a do próprio pseudo-Orfeu. Havia, é facto, uma grande distância artística dos Poemas destes àqueles outros Poemas. Sentia-se-lhes a inferioridade artística relativa; mas o que é notável é que, não obstante essa inferioridade, as *'Argonáuticas'* todas tinham criado uma visível curiosidade em volta de si. Provam-no as edições muito anotadas e, em certos casos, a facilitação da tradução do grego para o latim. O Mundo apreciava as *'Argonáuticas'*. Quanto desse apreço não seria derivado da consciência de que esses Poemas estavam exprimindo, como Poemas de *exploração*, a própria reacção da sensibilidade do homem moderno em face do espectáculo a que assistia?

Desse homem moderno, era, entretanto, o Português o que estava natural e especialmente conformado para sentir a relação e para aprender qual era a importância que nisso tinham as *'Argonáuticas'*. Ele fora quem abriu o caminho à exploração atlântica e fora quem a coroara com a viagem do Gama, termo dum pensamento perseverante e sistemático. Depois, e por fim, tivera o seu Pélias no D. Manuel (Pélias sem crueldade nem receio, mas rei mandatário, no fim de contas); tivera outro Jasão no seu Gama; tivera seu Eeta no Samorim; tivera seu Velo de Ouro nos tratados que o Gama ia firmar com este; e (vá lá!) tivera até uma espécie de Medeia, sem magia nem crimes, no bom do Monçaide, que o livrara de situações perigosas. Decerto, a história de Jasão dizia muito mais ao Português do que a qualquer outro. Já vamos vê-lo, fixando agora a nossa atenção em certos lugares do Escritor nosso do Século XVI que maiores responsabilidades veio a ter no surto do épico em Portugal. Vejamos João de Barros.

Eis o que se passa com este Escritor: ao acabar o Livro IV da *'Década I'*, tendo terminado a sua versão da Viagem do Gama, Barros não resiste a um comentário de confronto, em que fique reclamada para o nosso capitão uma glória muito maior do que a que ilumina a dos maiores da Antiguidade. E acabava afirmando que tal glória lhe advém por feitos autênticos, — «não contando os fabulosos trabalhos de Hércules em poer suas colunas; não contando alguma *Argonáutica de capitães gregos em tão curta e segura navegação como é da Grécia ao rio Faso, sempre à vista da terra, jantando em um porto e ceando em outro*; não escrevendo os erros de Ulisses sem sair de um clima; nem os vários casos de Eneias em tão breve caminho; nem outras fábulas da gentildade grega e romana...». Como se vê, Barros não achou outras melhores comparações do que as que apontavam a Hércules, a Jasão, a Ulisses e a Eneias. Repare-se, porém, que, se excluirmos o confronto bizarro com Hércules, — dos três últimos, é Jasão que vem à cabeça e que só depois dele é que seguem Ulisses e Eneias. Repare-se ainda em



que o sentido das respectivas histórias nos aparece aí como que distinguido: de facto, a história de Jasão é uma *argonáutica* (palavra que aparece aqui como significando viagem de exploração e embaixada), — ao passo que a de Ulisses é uma história de *erros*, como a de Eneias é uma sucessão de *casos*.

As conclusões a que nos conduz a análise deste ponto de Barros têm paralelo naquelas a que nos conduz um outro que ele também escreveu, em lugar menos conhecido do que este. É em certa página do *Panegírico da Infanta D. Maria*, onde se refere aos humanistas estrangeiros do seu tempo que têm celebrado «os triunfos del-rei vosso padre». Ah, que «se fora o grande Homero, [...] quão pouca conta fizera dos erros de Ulisses...»! E depois de ter afirmado tal coisa de Homero e de seu herói, o que diz logo a seguir é nem mais nem menos do que isto:

«Que fizeram [entenda-se *fariam*] os Poetas Orfeu e Apolónio, quão pouco estimaram [entenda-se *estimariam*] a conquista do Velocino de ouro e daquele primeiro navio Argos, que tanta admiração naquele tempo fez ao mundo navegando o espaço que há de Tessália até Colcos (que, ao mais podem ser trezentas e cinquenta léguas, em o qual mar, por ser muito povoado, podiam tomar muitos refrescos e fazer muitas aguadas, com que teriam mais passatempo neste caminho que trabalhos dignos de cansar neles os Poetas seu engenho), vendo seis mil léguas de mar tão ermo e desabitado, navegadas e senhoreadas por a gente portuguesa...?» Etc., etc.

Pois bem, note-se esta circunstância: depois destas tais reflexões, alude de fugida a Hércules («Não falo nas colunas de Hércules» etc.) — e toma outro rumo. Quer dizer: Barros *omitiu agora por completo qualquer referência a Virgílio e ao seu Eneias*, não pode deixar de lastimar que a arte de Homero se não ocupasse de nossos triunfos, — e põe-se a sonhar como Orfeu e Apolónio se apressariam a abandonar o seu tema das *Argonáuticas* para tomar apressadamente este outro tema das navegações portuguesas *do mesmo sentido*, mas duma importância e glória incomensuravelmente superiores...

## 5.

O que acabámos de ver passar-se com João de Barros, — esta consciência de que o símile das nossas viagens exigia uma permanente lembrança da expedição dos Argonautas—, presidiu, sem dúvida alguma, ao pensamento épico de Camões. Já o verificámos há pedaço, quando o vimos, no começo dos seus '*Lusíadas*', antes que comece a narração, pedir a D. Sebastião que, enquanto não chega o tempo dos seus triunfos, queira ver irem

..... cortando o salso argento  
os vossos Argonautas .....

Isto já poderia significar muito, evidentemente; mas não é tudo. Camões, que assim abriu, vai terminar de maneira idêntica.

É lá pelo Canto IX, quando os Portugueses, terminados seus trabalhos, deparam a Ilha onde lhes está preparada a glorificação final. E lá,

Nesta frescura tal, desembarcaram  
Já das naus os *segundos Argonautas*...

Curioso, não é verdade? Curioso — e explícito. É no princípio e no fim que estas claras afirmações são feitas: primeiro, apresenta-se o assunto de '*Os Lusíadas*' como a história dos Argonautas dos reis portugueses; no fim de tudo, lembra-se, como em conclusão, que foi tal a história dos segundos Argonautas. Há maior clareza? Repare-se até na força deste adjectivo *segundos* que acompanha a palavra no passo do Canto IX. Com esse adjectivo a assimilação é perfeita, completa. No caso dos «vossos Argonautas» ainda poderíamos querer ver uma comparação poética sem outra significação senão que eram marinheiros uns e outros; agora, porém, esta expressão de *segundos Argonautas* não admite evasivas de significação: já não poderá pensar-se que seja por se tratar de marinheiros uns e outros, mas precisamente que competiu aos de Vasco da Gama serem comparsas da história dos Argonautas, que voltou a fazer-se, que se realizou — *pela segunda vez*.

Entretanto, há mais, igualmente significativo: é que Camões não se limita a fazer essas duas declarações nos lugares tão importantes do começo e do fim. Fará outras tais em pleno desenvolvimento do seu tema, enquanto conta a sua história. Não usa, é certo, o nome de *Argonautas*; mas usa o de *Mínias*. Destoutro nome tinham usado Gregos e Latinos para os significar, — pela razão de que, conforme dissemos em nossa esquemática exposição anterior da Lenda que nos interessa, descendiam de Mínias, neto de Neptuno, os povos da Beócia (Orcomeno) e da Tessália. Pois bem, é desse nome de Mínias que Camões se serve em dois pontos do desenvolvimento da sua história da viagem do Gama onde os quer lembrados a propósito. A primeira vez aparece a referência no fim do Canto IV, quando está expondo o modo como foi resolvida e organizada a expedição à Índia. E o Poeta compara:

*Assi foram os Mínias* ajuntados  
Para que o véu dourado combatessem,  
Na fatídica nau que ousou primeira  
Tentar o mar Euxino aventureira.

A outra referência surge quando, no Canto VI, Camões faz descer Baco ao palácio de Neptuno para obter deste que desencadeie os Ventos em furiosa tempestade sobre as naus portuguesas, que estão atravessando o Índico. Aí é, pois, Baco que levanta a referência, lembrando a Neptuno que, por ousadias semelhantes, também os Argonautas foram pelos ventos açoitados. Eis as palavras que Camões lhe atribui:

Eu vi que *contra os Mínias*, que primeiro  
No vosso reino este caminho abriram,

Bóreas injuriado e o companheiro  
 Aquilo e os outros todos resistiram...

Considerando estes dois passos que juntamos agora, parece-nos que eles não são menos importantes ou significativos que os outros dois. Com efeito, se os dois primeiramente considerados afirmavam a assimilação dos marinheiros do Gama aos Argonautas (mas o faziam numa comparação do sentido em geral das suas viagens respectivas) — os dois passos de agora afirmam uma outra coisa que atinge o problema *em particularidades*, pois apontam inclusivamente a assimilação dos episódios a respeito de que se escrevem. Quer dizer: é o próprio Camões que nos vem garantir que a assimilação não se limita ao paralelismo de sentido da acção, — mas abrange os aspectos mais característicos de dois, pelo menos, dos episódios essenciais do que é a sua visão épica da viagem do Gama.

O que acabamos de escrever aponta, parece, a capital importância que Camões atribui às 'Argonáuticas' na ideação do seu poema de 'Os Lusíadas'. Tudo isto nos lançou num estudo em que, portanto, intentássemos verificar até que ponto este aspecto dos estudos camonianos podia ser seguido, desde que se lhe prestasse cuidadosa atenção. A algumas conclusões parece termos chegado, que ultrapassam o âmbito daquelas a que tradicionalmente o problema tem conduzido. De facto, dissemos de início, que alguma atenção mereceram já, dentro de certos limites, as relações possíveis que teria havido entre aqueles Poemas e o nosso. Julgamos até útil dar uma ideia do que até agora se pode encontrar feito nesse sentido. Eis o que passaremos a fazer.

## II — ESBOÇO HISTÓRICO DA CONSIDERAÇÃO DO PROBLEMA

### 1.

Apliquemo-nos, portanto, a esboçar uma exposição histórica, sumária embora, do que tem sido a atenção prestada ao caso pelos camonianistas desde os tempos mais recuados. Não faremos uma história completa, certamente; mas apontaremos alguns pontos salientes que nos parecem de muito interesse para precisar os aspectos que até agora tem apresentado o problema.

O primeiro desses pontos vai aparecer-nos documentado em Faria e Sousa, — e é uma certa alusão que ele faz no *Juizio del Poema* (que é como segunda parte do *Prólogo*), alusão essa feita a «los que dicen que la accion que Luis de Camões canta es la misma que cantó Valerio Flacco de los Argonautas i menos la que canta Apolonio Rodio» (Pág. 62). Isto significa, naturalmente, que no seu tempo andaria acesa alguma discussão sobre o assunto, que é de lastimar não tenha sido resenhada por ele convenientemente. Encontrámos, é certo, um desses tais a que aludiria; mas é pouco: trata-se de Manuel de Galhegos, no *Discurso sobre o*

*Poema Épico*, que serve de prosa preliminar à edição de 1636 da '*Ulisseia*' de Gabriel Pereira de Castro. Diz Galhegos: «Valério Flaco, no seu Poema dos Argonautas (*que é quase a mesma acção que a de Luís de Camões*)...» — Conferindo os termos transcritos com os de Faria, parece não haver dúvida de que este apontava àquele (pelo menos àquele), três anos depois da afirmação (os comentários de Faria são de 1639). O plural usado por Faria confunde-nos, todavia: *los que dizem* aponta a mais de um, — ou Faria pluralizou arbitrariamente. Como quer que seja, um ou mais, isto demonstra que, em começos do Século XVII, os camonianistas tiveram, na verdade, uma qualquer intuição da importância e complexidade do problema.

Contudo, nem Galhegos avança mais, nem Faria (que parece acusá-lo de passar pelo Poema «como perro por viña vendimiada» e até como cego «porque esta estuvo hasta agora [até ele, Faria, claro...] por vendimiar»), — nem Faria, dizíamos, soube aproveitar o filão. De facto, logo a sua primeira nota à primeira estância do primeiro canto, dedicada à peregrina discussão de qual é o assunto e o herói do Poema, traz o bastante para se compreender que Faria não liga senão uma importância muito secundária aos Poemas das '*Argonáuticas*', porque Camões não tinha imitado capitalmente senão a Homero e a Virgílio. Leia-se atentamente este excerto em que Faria procura justificar a proposição de '*Os Lusíadas*': «Otro intento pudo tener, i es que, como cantava navegacion (*imitando a Homero i Virgilio*) no quiso que le quedassen por imitar Orfeo i Apolonio Rodio en sus Argonauticas, que juntamente propusieron todos los varones que se embarcaron, i en particular Apolonio diciendo *Priscorum laudes virorum memorabo*, que al pie de la letra es aquello de nuestro Poeta *As armas e os varões cantarei*; i por dicha que, atendiendo a esta imitacion les llamó Argonautas en la est. 18. I luego arrimóse más a Orfeo (*imitado de Valerio Flaco en esto*): *Semideum pariterque Heroum primus Jason*. I asi luego en la estancia tercera hace primero superior al Gama, apartandole i proponiendole como mayor, en estancia aparte i de mayor estilo i furor qual ella es (como luego mostraremos) *i atento siempre a no apartarse de Homero i Virgilio* en proponer un Heroe solo.» — Como daqui se vê, o caso das '*Argonáuticas*' era para Camões, no entender de Faria e Sousa, uma *condescendência* (parece-nos este o termo que lhe traduz o pensamento) em certos casos esporádicos muito especiais. Como se vê também, o facto de ter o Poeta chamado *vossos Argonautas* aos marinheiros dos reis portugueses é mesmo uma coisa que vem, *por dicha*, por ter Camões pluralizado os heróis numa imitação condescendente da proposição dos Poemas das '*Argonáuticas*'... Assim punha o problema Faria e Sousa no seu tempo. E, no entanto, há uma nota dele, às estâncias do fim do Canto IV, à estância 83 precisamente, em que parece estar a ponto de ver um pouco mais longe. Começa por dizer que Camões dá, em vários pontos, indicação clara das fontes imitadas. Depois continua:

«Aqui haze lo mismo, advirtiendo que estos navegantes para la India fueron juntados como los Mynias para Colcos i lo que esta advertencia quiere entendamos, es que imitó en toda la invencion deste troço deste canto, i del 6.º en aquel concilio, la de Valerio Flaco (con la parte que tocare a Apolonio Rodio) en su Argonautica; i deste modo: Valerio dize que el Rey Pelias, determinado en hazer aquella navegacion para conquistar el Vellochino, llamó a Iason i le encargó esta hazaña, encareciendole lo mucho que fiava de su valor; esso sucede acá al Rey Don Manuel con Vasco de Gama, desde la est. 77 hastá la 81. Allá Iason, despues que acetó la empresa, juntó aquellos valientes Cavalleros que fueron con el; acá sucede lo mismo desde la propria est. 81 hasta la 83. Allá empieçan las madres, esposas, hijos i parientes a llorar los navegantes, juzgandolos yà por muertos en tan nuevo i peligroso viaje; acá sucede lo propio desde la est. 87 hasta el fin del canto. Allá, mientras se fabricava la nave Argo i se disponia la gente á la navegacion i lloravan los interessados esta ausencia, negociava el viento Boreas com Eolo la destruicion de aquellos navegantes, dando-se por afrentado de que los hombres atrevidos osassen caminar por los mares nunca trillados de gente humana; acá en el canto 6º desde la est. 6 hasta la 34 anda Baco solicitando entre los Dioses maritimos los vientos para destruir los navegantes, dando por razon que atrevidamente violavan sus mares nunca antes surcados, i que esto era afrenta suya, i singularmente lo dize en la est. 30, i luego en la 31 les advirte que obren contra ellos, a exemplo de lo que obran los Argonautas por semejante atrevimiento. Allá, mientras los vientos se componen para dar sobre los navegantes, refiere el Poeta las inquietudes que avia en la Corte del Rey Pelias por la resolucion deste viaje, principalmente essos interessados en la compañía i vida de los que ivan a el; acá, en esse canto 6º, mientras en las est. 35, 36 i 37 se ensayavan los vientos para essa destruicion, refiere el Camoens la historia de los doze de Inglaterra desde la est. 42. Allá sucede despues la tormenta; i acá desde la est. 70. I deste modo vá mi Poeta imitando mucho de aquel i advirtiendonos juntamente de que lo haze; como veremos otra vez por otro modo en la est. 31 desse canto 6º, en mucho más le imita, assi de invencion, como de estilo; pero no podemos traerlo aqui todo. El curioso con esta informacion, dé por allá una buelta, si gusta, i lo entenderá mejor.»

«El curioso», porém, não encontrará na volta a que é convidado a satisfação da promessa que Faria aqui lhe faz. Ou se esqueceu, ou não ligou mais importância a essas imitações, «assi de invencion, como de estilo». E não admira, dado que este comentador é dos mais afectados pelo prejuízo da imitação primordial, capitalíssima, da 'Eneida'. Desta forma, tirante a explicação da pluralização do herói na proposição, os Poemas das 'Argonáuticas', não lhe interessam senão no paralelismo (aliás não isento de erros) que desenhou para dois lugares do Poema, — e isto porque Camões

lho impôs aludindo com toda a clareza aos lugares respectivos. Se Camões o não tem feito, Sousa teria, ao que parece, recusado admitir que «su Poeta» se tivesse dignado olhar para a subalteridade manifesta desses Poemas secundários...

Cem anos depois, em 1731-2, o caso não viria a mudar muito de aspecto nas mãos de Inácio Garcês Ferreira. Com efeito, nos comentários com que vai acompanhando as estâncias, quase não há alusão a tais Poemas. Para os encontrarmos considerados, será preciso percorrer com alguma atenção o *Aparato* de que fez preceder a sua edição. A primeira a notar é talvez a da página 38, que traz afirmação de interesse. Diz ele que o argumento do Poema épico tanto pode ser uma guerra como uma navegação. No primeiro caso está a *‘Ilíada’*; no segundo a *‘Odisseia’*, a *‘Eneida’*, a *‘Argonáutica’*. Ora o da *‘Lusíada’* (como dizia Garcês) é também uma navegação — «à imitação das três, e principalmente da última». Sem dúvida, Garcês parece estar senhor duma pista, e estar a ponto de lhe atingir a importância. Com efeito, num outro ponto, nas páginas 125-126, ele traz as razões desta afirmação, produzindo uma análise quase correcta do problema:

«Dos dous poemas de Homero (como é dito) ideou Virgílio o da sua Eneida, imitando da Odisseia a navegação e da Ilíada as guerras de Eneias na Itália. Camões, que aos seus argonautas portugueses não quis atribuir guerras mas sim perigos e contrastes do mar, de metade da Eneida ideou a sua Lusíada. Mas, como entre a navegação de Eneias e a de Vasco da Gama há esta diferença que o primeiro, saindo de Tróia, chegou a Itália e não voltou a Tróia, e o segundo, partindo de Lisboa, chegou à Índia e voltou outra vez a Lisboa, — nesta parte é mais adequado protótipo da Lusíada a Odisseia, onde Ulisses, embarcando em Tróia, depois de uma longa navegação voltou a Ítaca, sua pátria, ou ainda com mais propriedade a Argonauta de Valério Flaco, na qual se descreve Jason, navegando com os da sua companhia de Tessália a Colcos, e voltando a Tessália com o Velo de Ouro conquistado, — da mesma sorte que Gama e Portugueses da sua companhia entraram em Portugal, donde tinham saído, com as novas de um novo e rico reino descoberto, que foi disposição para ser depois conquistado».

Sem dúvida, a visão do problema esteve a ponto de ser correcta. Repare-se, porém: Garcês não fala de protótipo na acepção que esperaríamos. O que ele faz é dizer que Camões se via autorizado pela Antiguidade para fazer o seu Poema: os autores antigos também ofereciam casos de navegações de ida-e-volta. Camões estava, portanto, autorizado. E Garcês não foi mais longe, tendo-se servido das *‘Argonáuticas’*, no *Aparato* e nos comentários, apenas para casos esporádicos e incidentes, tal como fizera Faria (de quem retoma a discussão do problema da pluralidade do herói), com individuação especial do caso do socorro que prestaram as Nereidas em Mombaça, — passo que ele diz imitado do passo de Apolónio em que aquelas socorrem a Argos na passagem de Cila e Caribdis. Mas logo acrescenta que esse mesmo passo de Camões

nem por isso deixa de dever menos a Virgílio, — o que pretende demonstrar.

Como se vê, Garcês deixou o problema tal como o encontrou, apesar de estar a ponto de lhe ver a importância. Mas que isto não admire. Sabendo-se em que bases assentava a crítica literária no período em que viveram Faria e Garcês, verifica-se que era impossível ser de outra forma. O que importava era encontrar para a «invenção» e para o «estilo» da obra criticada a justificação da obra clássica considerada modelo. Eram as consequências dessa terrível crítica dogmática, estioladora das obras e do que se pode chamar crítica. Desta maneira, os Poemas das 'Argonáuticas', que nunca foram postos à plana dos de Homero e de Virgílio, nunca puderam ser considerados como fonte importante para a criação de 'Os Lusíadas'.

## 2.

Outra pretendeu ser a atitude daqueles que, tempos depois, surgiram a apresentar traduções dos Poemas das 'Argonáuticas', de Valério ou de Apolónio, — o que também se compreende. Agora trata-se de fazer uma operação inversa: convencer da superioridade do Poema traduzido pelo interesse e influência que alguma vez produziu entre os maiores. Claro que esta atitude tem de ser algo posterior em tempo à de Faria e de Garcês, porque tem de ser duma época em que o gosto estivesse já liberto das preocupações da estética clássica (ou melhor: daquilo que os teorizadores da imitação e a crítica dogmática impuseram como estética clássica), e tivesse começado por justificar a tradução duns tais Poemas. Com efeito, ambos os tradutores a que vamos referir-nos são já — *cela va sans dire* — do Século XIX. E são eles, parece, os que mais importa considerar depois de Faria e de Garcês.

O primeiro é o francês Adolphe Dureau de Lamalle, que, em 1811, publicou, em três volumes, a '*Argonautique de Valérius Flaccus, ou la Conquête de la Toison d'Or, Poème traduit en vers français*' (A Paris, chez Michaud Frères). Repare-se como ele procura dignificar a obra de Valério (depois de o ter feito com outros argumentos), lançando mão do caso de 'Os Lusíadas'. Diz ele: «Enfin, un poème dont le sujet offre la ressemblance la plus frappante avec celui que nous examinons, n'a-t-il pas fait déjà la gloire de son auteur et celle de sa patrie? Le Camoëns lui-même cherche à fonder cette ressemblance entre la '*Lusiade*' et l'*Argonautique*', et a imité en plusieurs endroits Valérius Flaccus». Estas palavras do *Discours Préliminaire* (pág. LIII) são ilustradas por duas notas de fundo de página. Na primeira, diz, indicando a tradução inglesa de Mickle, os lugares onde podem ver-se as afirmações que Camões faz para «fonder cette ressemblance», — e são os já conhecidos. A segunda, muito mais importante, é aquela em que aponta o que, quanto a ele, são os «plusieurs endroits» imitados de Valério por Camões. Eis a nota:

«La nuit que précède le départ de Gama, employée aux prières et consacrée à la religion, les regrets de ses amis et de ses conci-

toyens, la douleur grave des vieillards, forment dans le Camoëns un tableau très pathétique, et toutes ces circonstances rappellent exactement les prières et les sacrifices de Jason avant le départ, les regrets de ses amis, les lamentations d'Alcimède sur la perte de son fils, et la douleur muette de son père.

«L'apparition même du géant Adamastor sur les rochers du cap des tempêtes, l'une des plus belles fictions qu'on ait introduites dans l'épopée, il paraît en avoir trouvé le germe dans l'Argonautique; mais il est juste d'avouer qu'il l'a singulièrement embellie. Il a formé, je crois, son Adamastor de quelques traits du géant Amycus, fils de Neptune, roi du Pont-Euxin — «redoutable gardien de cette mer terrible» — et de l'apparition de l'ombre de Sthénéus, qui s'élève debout sur son tombeau pour voir passer les Argonautes.»

Até aqui o que interessa conhecer do texto e nota do *Discours Préliminaire*. A juntar a isto, há ainda um comentário a certo ponto do livro II (v. 201-3) que Lamalle aproxima do que Camões diz na Est. 28 do C. IV dos efeitos da trombeta castelhana. — Ora em todas estas aproximações, Lamalle apontava, como se vê, a Valério Flaco. Mas já veremos agora que o outro tradutor apontaria a Apolónio.

Esse outro tradutor é o português José Maria da Costa e Silva, que, em 1852, apresentou em um volume '*Os Argonautas, Poema de Apollonio Rhodio traduzido*', etc. (Lisboa, Imprensa Nacional). Este, ao contrário de Lamalle, não se ocupa do problema no *Prólogo* de que fez anteceder a tradução; é nas notas que após a cada um dos quatro Livros (ou Cantos), que, à medida que vai chegando cada uma das oportunidades, faz as respectivas aproximações. Assim, nas notas ao primeiro, vemos o ambiente da partida de Jasão lembrado no da partida do Gama, tanto no concurso das gentes, como nas apreciações sobre a temeridade; mais adiante, o coro choroso que as Ninfas levantam na morte de Clite, e se transforma em fonte, está lembrando o que levantam as «filhas do Mondego» na morte de Inês. O Livro II não lhe dá ensejo a qualquer nota aproximativa. Mas no III, já Costa e Silva aproxima certas afirmações que faz Jasão a Eeta, quando deste consegue audiência, daquelas que, em idênticas circunstâncias, o Gama faz na segunda visita ao Samorim; e aproxima também a imagem da luz reflectida em superfície líquida tremulante, com que Apolónio pinta a inquietação de Medeia, da conhecida imagem da luz reflectida por espelho em mão de menino, de que usa Camões na pintura da inquietação do Gama preso. No Livro IV, lá está a aproximação dos efeitos dos urros do Dragão guardador do Velo sobre as mães, apresentados por Apolónio, com os que apresenta Camões dos que sobre estas exerce o sinal da trombeta castelhana; e lá está também a aproximação feita entre o auxílio que prestam à nau Argo as Nereidas na passagem de Cila e Caribdis, e o que estas prestam em Mombaça na iminência do perigo da entrada do porto.

Parece que Costa e Silva julgava estar fazendo aproximações





VENUS PEDE A JÚPITER PROTECÇÃO PARA OS PORTUGUESES

MUSEU MILITAR

por CARLOS REIS



INÉS DE CASTRO ANTE O REI, JÁ MOVIDO A PIEDADE  
MUSEU MILITAR

por COLUMBANO

em primeira mão, pois não alude nunca às que anteriormente tivessem sido feitas, e que possivelmente desconhecia. Decerto, elas eram-no, se feitas em relação ao texto de Apolónio, tão raramente citado anteriormente. Mas, na verdade, pouco há ali que já não tivesse sido notado em relação ao texto de Valério. Até no caso do auxílio das Nereidas, até nesse mesmo, já Garcês, excepcionalmente embora, tinha apontado a Apolónio, como dissemos. De maneira que a Costa e Silva ficam apenas as aproximações respeitantes ao choro das Ninfas na morte de Clite, ao passo do discurso de Jasão a Eeta e à imagem da inquietação pelos saltos da luz reflectida, o que é interessante, mas pouco, — sobretudo para o modo como nós próprios pomos o problema. Lamalle foi, de facto, um pouco mais ao âmago da questão, como evidenciaremos.

### 3.

Pode dizer-se que o problema não ofereceu até ao nosso século outros aspectos senão os que as referências que deixamos feitas assinalam. Nem, entrado já o nosso século, o problema interessou grandemente o próprio Dr. José Maria Rodrigues, que, no volume das '*Fontes dos Lusíadas*', poucas linhas lhe deixou dedicadas. Apenas quis determinar que Camões, tendo conhecido a Lenda dos Argonautas (como prova pelas referências que lhe faz), a deve ter conhecido através da leitura directa do Poema de Valério, pois do de Apolónio não encontra quaisquer vestígios evidentes. Mas essa mesma determinação é feita bastante apressadamente, sem análise de toda a documentação oferecida por Camões, e acaba abruptamente por uma explicação da forma *Argos*, usada pelo Poeta em vez de *Argo*, que relaciona com um passo de Jorge Ferreira de Vasconcelos (e que, a nosso ver, se podia relacionar com outro, muito mais importante ao caso, de João de Barros, já aqui citado).

Este facto pode explicar, de algum modo, que o problema das relações de '*Os Lusíadas*' com as '*Argonáuticas*' tenha assim andado arredado da consideração dos camonianistas mais modernos, pois que é a orientação do Dr. José Maria Rodrigues a que mais tem influído no rumo dos estudos do nosso Poema. Entretanto, é de notar que nestes últimos vinte anos apareceram, pelo menos, dois estudos, em que se volta às relações a que aludimos. Ambos eles são orientados, como em Costa e Silva, no sentido da aproximação com Apolónio. O primeiro é de 1933 e devido a Ludovico de Menezes; o segundo é de 1947 e devido ao Dr. Narciso de Azevedo.

Quanto ao primeiro estudo, trata-se do opúsculo com que entrou seu autor num debate que, por essa altura, se levantou sobre as origens do episódio da Ilha dos Amores, a que o Dr. David Lopes dera uma provável, a seu ver, origem oriental. Contra tal opinião, o autor, que se servia da tradução que Costa e Silva fizera de Apolónio, chamava a atenção para o Poema grego. Começa por fazer uma aproximação já apresentada por aquele: o do choro das Ninfas tornado fonte, tanto na morte de Clite, como na morte de Inês.

Acrescenta, porém, duas outras a que aquele não aludira: a do episódio do aparecimento de Glauco, que, alçando das águas a sua forma espantosa, vem predizer a sorte de Hércules (que os Argonautas acabam de abandonar na Cianeia) e desaparece no meio de vagas alterosas, — apresentado como fonte do do Adamastor; e a do episódio da Ilha de Lemnos, ilha a que a Argo aporta precisamente depois que as mulheres da terra haviam feito desaparecer, por ciúmes, toda a população masculina e procuram deter os Argonautas, — apresentado como fonte do da Ilha dos Amores. — O segundo estudo a que aludimos, e cremos ser o último em data, é o que vem incluído no volume *'A Arte Literária na Idade Média'*, e se subordina ao título de *'Influência de Apolónio de Rodes n'Os Lusíadas'*. Nele, depois de se apresentarem argumentos desfavoráveis à afirmação, feita pelo Dr. José Maria Rodrigues, da importância de Valério sobre Apolónio, pretende seu autor justificar a afirmação oposta, segundo a qual, seria do Poema grego que Camões recebera as sugestões para vários passos do seu. A argumentação gira em volta de aproximações de episódios, como nos casos anteriores, e, assim, as cenas finais do Canto IV (ajuntamento dos heróis, as despedidas, as murmurações do Velho) são dadas como filiáveis em cenas da partida da Argo (representando o Velho a sacerdotisa Ifias), a descrição da tromba marítima como dependente da descrição da vaga levantada a meio do Bósforo, o Adamastor como representativo da figura de Fineu (o velho cego de ciência profética) e o acolhimento na Ilha dos Amores como modelado pelo que Apolónio pintou na Ilha de Lemnos.



Esta a história do problema tal como ele tem sido posto até agora, marcada através de meia dúzia de autores apenas, — mas que nos parecem os marcos mais precisos e mais significativos de tal história. Por esta indicação sumária é, no entanto, visível o que começámos por dizer: a relação de *'Os Lusíadas'* com os Poemas das *'Argonáuticas'* já tem sido objecto da atenção, a princípio apressada, depois mais repousada, dos estudiosos de todos os tempos, — mas verifica-se que sempre os preocupou mais a análise do caso particular deste ou daquele episódio e a relação incidental, do que pròpriamente aquilo que supomos um ponto de partida basilar para o estudo sistemático deste problema, e vem a ser o caso geral do paralelismo do *sentido* de ambas as histórias: a dos primeiros e a dos segundos Argonautas. Uma vez estabelecido isto, a relação ilumina-se então duma clareza meridiana, pelo menos tal como se nos afigura suceder nas conclusões dos nossos estudos inéditos e truncados — *malgré nous*. Mas isso, evidentemente, já não pode caber nestas páginas. Entretanto, para que de todo se não perca este trabalho, procuraremos, na primeira oportunidade, reincidir na publicação da summa dos capítulos seguintes, em que se se exponham os variadíssimos e decerto inesperados resultados desta nova maneira de orientar o problema.



## SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

*Crónica de* RODRIGUES CAVALHEIRO

OS PORTUGUESES Podem todos os Portugueses cultos ter a  
PERANTE CAMÕES consciência tranquila de que têm feito pela  
memória sagrada de Camões tudo quanto  
deviam fazer? Parece duvidoso... Porque a verdade é que o Poeta,  
que, afinal, se identifica com a própria Pátria, continua, ou a ser  
desconhecido, na sua obra, pela maioria de quantos habitam este  
retalho da Península, ou a servir apenas de pretexto a oratória  
balofa e a mais que modestas manifestações cívicas de duvidoso  
gosto estético e literário. O centenário da sua morte, em 1880, assi-  
nalou-se por manifestações de idealismo patriótico, a que, a breve  
trecho, a política estreita se veio juntar, originando mais cisões  
ainda entre Portugueses, quando, afinal, o culto do Épico deve  
unir-nos cada vez mais, e nunca promover incompatibilidades que  
nos separem. Em 1925, o centenário do seu nascimento quase pas-  
sou despercebido, se atendermos à desproporção que existia entre  
a figura que se festejava e os meios que se empregaram para honrar  
a sua memória.

É certo que, nos domínios da Erudição e da Cultura, a obra de  
Camões tem sido profundada e acarinhada por uma plêiade de  
sábios e de letrados que produziram já uma biblioteca valiosíssima  
de estudos camonianos. Nacionais e estrangeiros têm rivalizado na  
investigação e na exegese da vida e das produções do imortal Poeta.  
E assim, '*Os Lusíadas*' foram já analisados sob os mais diversos  
aspectos, que especialistas de várias ciências têm sublinhado, enca-  
recendo a extraordinária capacidade intelectual do seu autor. A  
astronomia e a náutica, a flora e a fauna, a geografia e a medicina,  
a heráldica e a política do Poema eterno, foram já dissecados, entre  
muitas outras facetas, por nomes de alta envergadura científica.  
E não têm conto as monografias, os estudos, os ensaios, os artigos  
que sobre Camões e o seu labor literário se produziram no último  
século. A universalidade do Poeta é hoje absoluta, pois a sua obra  
acha-se traduzida em quase todas as Línguas que no Mundo se  
falam.

Mas essa enorme montanha de papel impresso não chegou, ver-  
dadeiramente, ao Povo. Este continua a ignorar a personalidade  
do Poeta, e, o que é pior ainda, o significado patriótico a tirar de

'*Os Lusíadas*' e a lição de beleza estética a extrair da sua lírica maravilhosa. Durante muitos anos ensinou-se o Poema nas aulas dos liceus de ensino secundário. Triste ideia! Porque as estâncias, sonoras como bronze e trespassadas do mais alto ideal português, eram analisadas à lupa da gramática, em estudo exaustivo das suas orações, com sujeito, verbo e complementos, que só deu em resultado a juventude aborrecer de tal maneira o Épico que nunca mais, pela vida fora, se atrevia a reler-lhe a obra. Tinha razão Afonso Lopes Vieira quando escrevia que «a leitura e o comentário de '*Os Lusíadas*', feitos diante de um planisfério, por professores de superior categoria mental, segundo regulamentos que expressamente proibissem que sobre este texto se praticasse a inacreditável tropelia das análises gramaticais, viriam a ser a mais poderosa e bela desintoxicação do espírito nacional, infelizmente deseducado e oprimido nessa triste noção do *país pequeno*, negadora de todo o significado da nossa História e da nossa Arte». Mas é assim que se procede nas nossas Escolas?

Todavia — perguntar-se-á — que mais se pode fazer para honrar a memória de Camões? Vamos repetir algo do que já se tem dito a tal respeito e, porventura, acrescentar qualquer coisa de novo. No fundo, ideias simples, que estão no ânimo de todos e que, com um pouco de boa vontade, se poriam em prática, pois até algumas delas importam em pequeníssima despesa monetária.

ALVITRES E SUGESTÕES Existem no nosso País — e só aplausos merecem as pessoas que contribuíram para a sua fundação — um museu de João de Deus, um museu de Rafael Bordalo Pinheiro, um museu de Guerra Junqueiro, um museu de José Malhoa, um museu de Teixeira Lopes, um museu de Soares dos Reis. Não existe, todavia, um museu de Luís de Camões. É uma lacuna imperdoável — porque Camões não é inferior nem a Dante, nem a Shakespeare, nem a Goethe, nem a Vitor Hugo, e estes homens geniais possuem, nas suas respectivas terras, museus que recordam e honram as suas memórias. Em que consistiria o museu de Luís de Camões? Em tudo quanto contribuisse para valorizar a obra do Poeta e esclarecer o conhecimento da sua vida. Não faltam elementos bibliográficos e iconográficos para encher bastantes salas. E os nossos Artistas e eruditos se encarregariam, depois, de criar o ambiente histórico e estético que envolvesse a exposição pública das espécies.

Que belo conjunto se podia organizar, num clima de altitude espiritual e de pura comunhão patriótica! Aí fica, pois, uma ideia, entre cujos defensores se tem destacado o Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, a que a anunciada aquisição, pelo Município de Lisboa, da quinhentista *Casa dos Bicos* viria a dar condigna e apropriada realização.

Outra sugestão — esta lançada, há anos, por Afonso Lopes Vieira, que a reeditou na sua conferência sobre *O carácter de Camões*, recolhida na '*Nova Demanda do Graal*': — «Lembrei uma vez que todas as terras portuguesas do continente que se acham

citadas em '*Os Lusíadas*' erguessem padrões em que essas citações se inscrevessem como brasões de Arte e de História. Dessas dezasseis terras apenas uma vila — a muito bela e muito nobre vila de Óbidos — levantou o seu padrão». Ora Lisboa, que o Poeta proclamou, num passo célebre, ser Princesa entre todas as cidades, bem podia mostrar que merecia tal título e estava grata a quem lho concedera. Como vêem, a sugestão é de fácil factura — mas até agora, com a excepção apontada por Lopes Vieira, ainda ninguém deu um passo para que o apelo visionário do autor do '*Em Demanda do Graal*' se venha a tornar uma bela realidade, impregnada de respeito e de civismo.



Na semana em que, anualmente, se integra o dia 10 de Junho as nossas casas de espectáculo, em Lisboa e no Porto, pelo menos, podiam bem recordar Camões através da representação dos seus Autos, completando-se as funções com a dicção dos melhores trechos líricos e épicos do Poeta. O Teatro Nacional de D. Maria II reservaria para essa data algumas das suas récitas clássicas, com a reposição da obra dramática de Camões. Nas salas de concertos também alguma coisa se poderia fazer pelo culto do maior Português de todos os tempos. Para gosto e ilustração do público poderia executar-se a '*Camoniana*', de Rui Coelho, e outras peças musicais inspiradas na vida e na obra do Épico. Uma há, que anda bastante esquecida, mas cuja alta categoria artística mereceu a um crítico como Carlos Ramos — saudoso e querido Amigo, de tão fina, equilibrada e discreta sensibilidade! — os mais rasgados louvores: — a '*Invocação dos Lusíadas*', de Mestre Viana da Mota. E nos cinemas, documentários breves sobre Camões, ainda por fazer, mas que não seria difícil realizar, lembrariam aos apreciadores de animatógrafo que também a sétima arte se curva perante o engenho do maior cantor das glórias portuguesas.



Se tivéssemos uma Biblioteca Nacional à altura da sua missão, todos os anos, quando se comemorasse o aniversário da morte de Camões, se abriria uma exposição bibliográfica e documental da sua obra, por aspectos ou secções. Duma vez, a obra épica, com todas as edições de '*Os Lusíadas*'; depois, a feição lírica, com a respectiva obra e a influência que exerceu; em seguida, os Autos, integrados na escola teatral do seu tempo. Viriam, nos anos imediatos, os inspiradores, os críticos, os comentadores, os tradutores, os estudiosos que se têm debruçado sobre o vasto mundo que é a obra camoniana, os Artistas que a têm ilustrado, etc. Só aí estavam, bem à vontade, uma ou duas dezenas de certames culturais, convenientemente comentados e explicados com conferências públicas. Os museus também podiam colaborar, apresentando as obras de Arte que se inspiraram nos '*Lusíadas*' e no restante labor camoniano.

Não faltam óleos, aguarelas, pastéis, desenhos, gravuras, litografias, caricaturas, esculturas, baixos-relevos, moedas e medalhas que proporcionem, de ano para ano, novidades aos frequentadores de exposições.



Tanto há para fazer, neste campo do culto de Camões! Temos, é certo, boas edições da sua obra, temos resumos em prosa do Poema, temos biografias do Épico, estabelecidas com cuidado e amor. O que é preciso é que tudo isso penetre na consciência das crianças, dos adolescentes e dos adultos, — na alma, enfim, de todos os Portugueses, a quem é preciso, por todos os meios, insuflar o respeito, a admiração, o carinho pelo nosso maior Poeta, por aquele que simboliza, através dos séculos, a perenidade do génio nacional. Do Estado aos simples particulares, há obrigação de fazer mais alguma coisa por Camões. Basta que nos lembremos de que nem todas as cidades do País (muito longe disso!) possuem ainda o seu busto na melhor praça pública e que poucas são as localidades que têm o seu nome no letreiro dum largo ou duma rua... E isto estará certo?



*Quão doce é o louvor, e a justa glória  
 Dos próprios feitos, quando são soados!  
 Qualquer Nobre trabalha que em memória  
 Vença ou iguale os grandes já passados,  
 As invejas da ilustre e alheia história  
 Fazem mil vezes feitos sublimados.  
 Quem valorosas obras exercita,  
 Louvor alheio muito o esperta e incita.*

LUÍS DE CAMÕES





## NOTAS DE ARTE

Por **DIOGO DE MACEDO**

**CAMÕES E OS PINTORES** Por culpas duma educação geral mal conduzida e pouco auxiliada, começando na família, passando pela primária escolar e subindo à universitária, nunca em Portugal existiu um razoável entendimento entre Artistas e público, nem tampouco uma compreensão de parte a parte entre Artistas e doutores. Por consequência, a Arte nesta atmosfera de precária formação, afora a indispensável cultura técnica, não tem recebido nem dado contributos para aquela educação geral, pela qual se avalia a Cultura dos povos. Por exemplo: entre Artistas plásticos e Literatos, as relações são de boa cortesia, às vezes com a permuta de críticas amenas e livros com dedicatórias, por ilustrações para os mesmos livros e quadros para gabinetes; mas, na boa verdade, muito pouca troca de ideias, de poesia, de culturas recíprocas, divorciando-se os interesses culturais das duas partes, lendo pouco os Plásticos e vendo pouco os Literatos. O convívio de cafés ou de porta de livrarias é puramente social, ocasional, de passatempo, improdutivo e, devido à má língua das rivalidades, em vez de emulativo resulta em pedante e desencorajante. Os Intelectuais não vão às exposições nem aos museus; os Plásticos não assistem a Conferências nem a sessões literárias. A passagem por ateliês ou por tertúlias de Poetas foi substituída pelo encontro distractivo nos cinemas. Da míngua desse convívio que devia ser educativo e útil à sociedade em favor duma Cultura espiritual da Nação, a separação desses interesses comuns aumenta e complica a incompreensão geral dos problemas que garantem parte das civilizações. Ainda há pouco tempo numa pugna incidental, mas importante para a educação artística entre nós, os Pintores por um triz que não obtinham oficialmente a categoria a que têm direito, por não lhes ser reconhecida Cultura intelectual como aos doutores em Literatura, a contrapor à científica que outros antigos Artistas procuraram praticamente adquirir. A educação geral é culpada de muitas coisas que motivam queixumes sem análises sérias das causas. Claro que a moral integrada nessa educação anda em bolandas, desnorçada.

Houve tempos em que os Pintores, sem cursos complicados e exigentes como os de hoje, se educavam no convívio da leitura e dos letrados, ao ponto da sua obra manifestar cultura que hoje não

mostra, embora eles as possuam e andem destrambelhados em abstractos relatos. O período romântico, acusado de literário, foi de boa lição. Depois o Realismo com as suas preocupações novas, técnicas e objectivas, descuroou um tanto essa cultura. Todavia os Artistas buscavam na Poesia motivos de auxílio ao sentimento de visuais intérpretes, e, convivendo com Jornalistas e Críticos de boa formação intelectual, produziram uma obra demonstrativa de, pelo menos, ansiedades afins com as dos Literatos. Columbano, por exemplo, pintando os retratos dos mais altos espíritos da intelectualidade portuguesa, legou-nos pela escolha e pela interpretação psicológica, a prova máxima dessas ansiedades. Simultaneamente lia-lhes os livros e auxiliava os retratados nas sensações plásticas que todo o homem sensível pode ter, desde que seja educado no convívio com a Arte, grande mestra que ensina a compreender a Natureza. Apesar de ter passado o período de pintura chamada «histórica», dos quadralhões dramáticos e espectaculosos, nenhum Pintor ignorava as odes de '*Os Lusíadas*', inspirando-se nelas para tanto sentir a disputa dos Deuses como o mistério do mar, tenebroso ou o drama amoroso de Inês de Castro, deixando-se guiar, assim, por Camões, para compreender a heroicidade das principais cenas da nossa História Pátria.

Columbano não tirara curso de doutor, mas era da igualha dos maiores doutores seus contemporâneos. Falava, via e escrevia com os pincéis, como pensava o mais douto catedrático ou Poeta do seu tempo. Camões, desde cedo, o atraira. Ainda nos estudos da Academia de Belas Artes, já o tema da *A Morte de Camões* lhe inspirara uma tela que andou por exposições. A exemplo do que anteriormente acontecera com Soares dos Reis, desenhara algumas ilustrações para uma edição de '*Os Lusíadas*' e deixou-nos dois estupendos desenhos com o retrato do Poeta, num dos quais se diz ter aproveitado para modelo sugestivo João de Deus, fixando assim os dois Poetas numa irmandade conceptiva da sua percepção.

Em '*Os Lusíadas*' encontrou muitos quadros que interpretou em maravilhosas e grandes telas, patentes nas salas do Museu Militar; mas muitas outras idealizou ainda em quadros de menores dimensões, como aqueles que pertencem ao Museu de Arte Contemporânea, tirados dos Cantos do Poema, e muitos e muitos desenhos que na mesma galeria existem e colecções particulares possuem. Mais de uma dúzia de interpretações de passagens dessa nossa Bíblia Sentimental foram fixadas por Columbano, que no contacto com Poetas aprendeu a compreendê-la e a evocá-la plásticamente.

Não só Columbano traduziu cenas desses Cantos eloquentes. Salgado, Condeixa, Malhoa, Ramalho, José de Brito, António Carneiro, Sousa Lopes e outros Pintores mais, nos legaram uma colectiva documentação da cultura literária, que hoje se distribui por complexos campos de carácter diverso.

Salvo um caso ou outro, parece que os nossos Artistas não têm muito tempo para ler Camões, embora pela rádio oiçam alguns versos seus de Amor, que melhor gostariam de ouvir musicados por Bing Crosby ou Charles Trenet.

Dantes, os Escultores como Soares dos Reis e Simões de Almeida modelavam medalhas e bustos do Poeta; Fernandes de Sá esculpiu no mármore a sua estátua, que esteve durante anos na entrada do Museu de Coimbra; Almeida e Silva ergueu-lhe, em Viseu, um busto na praça pública; Anjos Teixeira e Simões Sobrinho executaram maquetas para um monumento projectado em Paris, que não chegou a realizar-se e com o qual se pretendia substituir o que em Neuilly existiu durante alguns anos, ou fosse um busto de Camões esculpido por um italiano, que se dizia ter sido aproveitado dum de Henrique IV, como se aproveitara para o D. Pedro do nosso Rossio a estátua de Maximiliano.

Poeira dos tempos, com a qual não se conseguiu sólida argamassa para a construção dum justo monumento ao Poeta, nem, tão pouco, das bases daquela educação geral que fomenta no ânimo dos povos o orgulho das suas Glórias!

**CAMÕES NO ROMANTISMO** O inventário artístico de quadros, esculturas, desenhos e gravuras com a representação ou alusão à vida e à obra de Camões, a quem o organizasse daria tomo simpático. Não seria hoje muito difícil compilar esse álbum, se porventura surgisse no meio do materialismo presente um Editor-Poeta que quisesse arriscar a tarefa. Luís de Montalvor mais duma vez me falou nesse sonho. Existem estudos e tomos a esse respeito; fizeram-se comunicações e apresentaram-se teses sobre a iconografia de Camões; mas não se reuniu ainda o preciso álbum para educação de escolares, evocação e exaltação da Arte, cultura na especialidade e glória do Poeta. Essa grande ilustração colectiva, mesmo sem comentários e apenas com os esclarecimentos de Autores, procedências e datas, seria original e proveitosa memória a estimar tanto por Letrados e Eruditos, como pelo público em geral, que de Camões tem uma noção anedótica e insufficientíssima, mas que ainda assim respeita com orgulho, numa inconsciente percepção.

No período romântico da Pintura Portuguesa, por exemplo, o motivo camoniano inspirou alguns dos nossos Artistas. Anteriormente, Sequeira, havia desenhado e gravado a cena algo dramática de *A Morte de Camões*, o mestre Fonseca pintou *Camões invocando as Tágides*, e o Escultor académico Assis Rodrigues havia modelado a estátua do Poeta para a enviar a uma Exposição em Paris. O Romantismo, de orientação literária, tomou o assunto à sua conta e cada Pintor o explorou consoante concepções ou sentimentos individuais. Francisco Metrass, em Paris, pintou a tela com *Camões na gruta de Macau*, que ali expôs, e depois compôs novo quadro com *Camões lendo os Lusíadas*. Francisco Resende pintou uma tela com *Camões salvando os Lusíadas*, que levou também a uma Exposição de Paris. Higinio Bento de Sousa também pintou *Camões salvando o seu poema*. Manuel Maria Bordalo fez vários estudos a óleo, de *Camões e o Jau*, modelando também o busto do Poeta que se encontra na gruta de Macau. Vítor Bastos esculpiu a estátua do seu monumento erguido em Lisboa, sendo, só nessa época que

os Portugueses se decidiram a pagar, conforme puderam, tão antiga sacratíssima dívida.

Ao Romantismo, com o poema de Garrett na vanguarda, se deve esse culto plástico de evocação da figura de Camões em transe dramáticos ou mesmo trágicos, como convinha ao sentido da própria escola. Não sendo pintores de História, foram, contudo, intérpretes dalgumas memórias heróicas ou dolorosas da História Pátria. Por isso Camões os perturbou.

SONHOS. DE- Afonso Lopes Vieira idealizara um monumento  
VERES E MO- a Camões, estudante em Coimbra, moço, for-  
NUMENTOS moso e de olhos abertos, que substituisse aque-  
loutro há pouco derrubado naquela cidade, no qual um leão se encostava a uma coluna coroada. Falou no seu sonho a vários Escultores e chegou a encomendá-lo a um dos mais capazes. O sonho, porém, como o leão vizinho da Porta Férrea e da casa de Eugénio de Castro, esvaiu-se. *Sic transit gloria mundi*.

Também não falta quem considere imperfeito o monumento de Lisboa, no qual Camões se ergue de capa e espada cercado duma corte de cronistas isolados, como se o monumento fosse comemorativo do intrépido espadachim a desafiar quem ofendesse os seus pecatos camaradas da homenagem, não percebendo porque se reuniram ali todos numa glorificação de conjunto, naquele pedestal associativo de real pertença individual do coroado Poeta, que o bronze só diz sê-lo por ter um livro junto ao coração. Para quem exija, superiormente, nessa memória descobrir o Poeta antes de qualquer outra concepção, tal monumento é deveras insuficiente, se não um bloco plástico onde o Poeta está ausente. Logo, Lisboa não tem ainda o preciso e completo monumento a Camões, ou seja, principalmente, ao Poeta do Amor e da glória da Pátria.

Quando teremos nós a consciência desta lacuna e a coragem de dar possibilidades aos novos Estatuários para que realizem o verdadeiro e definitivo monumento daquele que nos deixou nas letras o mais eloquente monumento a Portugal, aos sentimentos e às ansiedades da Raça? E porque não se dará forma ao sonho de Afonso Lopes Vieira, agora que se está tentando construir uma Coimbra monstruosa sobre as cinzas saudosas duma parte da cidade que na sua pitoresca pobreza nunca ofendeu os doutores antes dos engenheiros ali arribarem?

Ai, meu Deus, que tudo passa! Dantes, Pintores, Escultores e Arquitectos eram irmãos. Todos liam pela mesma cartilha, com o coração aquecido pelo mesmo Ideal e sentindo mais orgulho em amar Camões do que em imitar Picasso ou consagrar o cimento armado!

FANTASIAS Fomos há dias procurado por um estran-  
E INDIGNIDADES geiro que nos veio mostrar a fotografia dum  
quadro pintado por alemão, intitulado *Os derradeiros momentos de Camões*. Nele se via, sentado num escabelo baixo, de frente caída e mexendo em pergaminhos, um ancião

enroscado numa manta, calvo e de grandes barbas brancas, como Tolstoi. Era a evocação libérrima da imagem de Camões, como a de certas estampas do Doutor Fausto, a despedir-se das folhas de 'Os Lusíadas'. Atrás do curvado ancião, levanta-se a figura da Morte, toda em esqueleto e com a caveira maliciosa coberta por chapeirão emplumado, meio envolta numa capa, que mostrava nas suas mãos ao Poeta moribundo uma estatueta esguia e mefistofélica, representativa da sua glória de espadachim, do seu passado heróico quando moço, na base da qual se lia a palavra «Camões».

Antes e depois, começo e fim, parecia querer mostrar esta composição simbólica de concepção deveras espantosa. Neste género de fantasias abundam os documentos camonianos pelo mundo além. Já em tempos víramos um outro, igualmente pintado a óleo, em que Camões cego e andrajoso, sentado numa pedra da esquina de qualquer rua com aspecto afluviado, cantava os seus versos como se fossem coplas de mendigo, enquanto um garoto preto, o Jau, pedia esmola a uns transeuntes distraídos. O título da obra era o mesmo daquela outra. Sòmente em vez da Morte, passava ao fundo um cortejo militar.

Não nos causam revoltas estes abusos de imaginação, felizmente de responsabilidade alheia; mas sentimos vergonhosa pena em que as lendas populares e as versões insultuosas à memória de Camões, tenham sido deste modo espalhadas além fronteiras, ao ponto de que Artistas cultores da desgraça e do anedoctico, porventura com boas intenções as tenham aproveitado para tão tristes quadros, aliás bem pintados.

---

*O dia em que nasci moura e pereça  
 Não o queira jamais o tempo dar;  
 Não torne mais ao mundo e, se tornar,  
 Eclipse nesse passo o Sol padeça.*

*A luz lhe falte, o Sol se lhe escureça,  
 Mostre o mundo sinais de se acabar,  
 Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,  
 A mãe ao próprio filho não conheça.*

*As pessoas pasmadas, de ignorantes,  
 As lágrimas no rosto, a côr perdida,  
 Cuidem que o mundo já se destruiu.*

*Ó Gente temerosa, não te espantes,  
 Que este dia deitou ao mundo a vida  
 Mais desgraçada que jamais se viu!*

# PELA SEARA ALHEIA

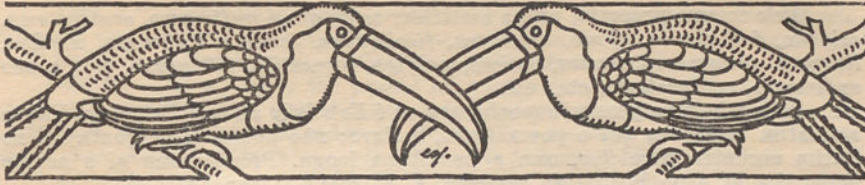
## «OS LUSÍADAS»

Couto e Mariz são concordes em haver Camões voltado para Portugal com '*Os Lusíadas*' virtualmente completos. A epopeia foi publicada em 1572 por influência do poeta D. Manuel de Portugal. Camões tem sido muitas vezes denominado «príncipe dos poetas épicos»; é, porém, digno de nota que Faria e Sousa tenha dito em 1685: *Todos hasta oy, y principalmente en Castilla, tuvieron siempre a mi Maestre por mayor en estes poemas* (líricos) *que en el Heroyco*. Mais que uma epopeia, '*Os Lusíadas*' são um grande hino lírico em louvor de Portugal, com esplêndidos episódios, como a morte de Inês, a batalha de Aljubarrota, a tempestade, Adamastor, a Ilha de Venus. Pondo de parte o estilo, a originalidade do poema está no talento com que o Poeta conseguiu entretecer toda a história da sua pátria na metade dos versos que contém a '*Gerusalemme Liberata*', de Tasso, e na quinta parte dos que compõem o '*Orlando Furioso*', de Ariosto. É isto o que dá unidade aos dez Cantos em oitavas; isto e a maravilha da transparente fluência do verso, que distrai o leitor de muitas fraquezas e desigualdades de pormenor. Mais nobre poema do que o sobrecarregado jardim exposto à ventania que é o '*Orlando Furioso*', há também n' '*Os Lusíadas*' mais humanidade e intensidade do que na '*Jerusalém Libertada*'.

Dotado de prodigiosa memória e do conhecimento profundo da mitologia greco-latina, Camões leu tudo, e de todos os lados carregou materiais, como um pássaro na primavera: de um tratado latino do antiquário Resende; dos historiadores Duarte Galvão, Pina, Lopes, Barros e Castanheda, assim como transcrevia literalmente versos de Virgílio e nas poesias breves imitava Petrarca, Graci Lasso e Boscão. Tasso empregou termos justos quando, num soneto em honra de Vasco da Gama, chamou a Camões *dotto e buon Luigi*. Se, como parece provável, o Poeta sentiu muito cedo o desejo de cantar os feitos dos Portugueses, os primeiros volumes de Castanheda e Barros devem ter sido para ele incentivo tão forte como o destino que o fez conhecer, por experiência própria, o cenário da viagem do Gama e das vitórias portuguesas no Oriente. Pode ser que os Cantos III e IV, com a história primitiva de Portugal, estivesse já escritos e que em torno deles Camões desenvolvesse a grandeza épica dos episódios do descobrimento da Índia.

(De '*A Literatura Portuguesa*')

AUBREY BELL



## CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO

Por AUGUSTO MORENO

1) Nos compostos por via erudita, o acento tónico de cada vocábulo deve ficar no 1.º elemento componente, ou no 2.º? — A. B. M.

R. — Conforme. Pode ficar num ou no outro. Se o 2.º elemento tiver três ou mais sílabas, de força que o acento há-de ficar numa delas, visto que em Português não pode recuar mais que até à antepenúltima. Mas, se tiver só uma ou duas, então pode ficar no 1.º — Em qualquer caso em que se trate de palavra que haja de ficar grave ou esdrúxula, tem de se olhar à penúltima do composto. Se ela é longa, o acento fica nessa penúltima: o vocábulo é grave ou paroxítono; pelo contrário, se é breve, o acento fica na antepenúltima: o vocábulo é esdrúxulo ou proparoxítono.

Suponhamos que se trata da palavra composta da preposição grega *katá* (para baixo de), servindo de prefixo, e do substantivo da mesma Língua *odós* (*hodos*, caminho, estrada). Aproximando os elementos, notando que a última vogal do primeiro cai, por o segundo começar por vogal, e observando a penúltima do composto, vê-se que ela é breve (o *ómieron* nunca é longo), e por conseguinte, que o acento do composto deve ficar na antepenúltima. Dando feição portuguesa à palavra, teremos *cátodo*, que deverá ficar com esta forma, e não com a de *catodo* ou *catódio*.

Suponhamos agora que o nosso estudo incide sobre a palavra composta, também no grego, de *omós* (*homo*, igual, semelhante) e *phoné* (*foné*, voz, som). Aproximando também os elementos, reconhece-se que a penúltima do composto, o *ómege* do 2.º elemento, é longa (o *ómege* nunca é breve), e por conseguinte, que o acento tónico da palavra deve ficar, segundo a regra, nessa penúltima sílaba. Dando igualmente feição portuguesa à palavra, teremos *homofono*, grave, que começaram a grafar erroneamente *homófono*, como se devesse ser esdrúxulo, e que assim ficou e agora temos, mesmo na escrita oficial, o que é pena. Igual estudo sobre as palavras que dizemos e grafamos *polígono*, *pentágono*, *hexágono*, etc., mostrar-nos-ia que o verdadeiro lugar do seu acento proferido era o *o* da sílaba *go* (também *ómege* no grego), e que, portanto, devíamos dizer e escrever *polígono*, *pentágono*, *hexágono*, etc., como não dizemos nem escrevemos, porque nem sempre é fácil nem tempo de emendar tolices, uma vez feitas. Por aqui se vê como é preciso todo o cuidado ao estabelecer pela primeira vez uma certa prosódia. Porque o não houve, como devia, ficou errada a de *uréter*, a de *zóster*, a de *acónito*, a de *miópe*, a de *orgia*, a de *Heráclito*, a de *líquen* e até a de *carácter*, que deviam ser, respectivamente, *ureter*, *zoster*, *aconito*, *miópe*, *órgia*, *Heraclito*, *liquene*, *character*, e que já não é fácil emendar. O próprio nome de *Sofia*, que assim pronunciamos à grega, pelo menos quando é chamadoiro de mulher, soa a rachado, porque devia ser *Sófia* tanto no topónimo como no antropónimo, cuja distinção não passa de arbitrária.

Procedendo como foi indicado com palavras das que o povo diz mais ou menos *rebesgadas*, e que se nos apresentam sem indicação de acento, quando o devam ter marcado, a gente pode sempre determinar-lhes a verdadeira pronúncia. O ponto é que a etimologia não seja totalmente desconhecida ou incerta.

Fazendo como se disse, vem a gente a concluir que é *alcoólase*, *amebiase*, *amílase*, *cinase*, *écfrase*, *máltase*, *metáfase*, *síncrize*, etc., que deve dizer e escrever, e não *alcooolase*, *amebiase*, etc., etc.

Pelo mesmo processo, vem a certificar-se de que é *anfímacro*, *centrostemo*, *colpode*, *dodecastilo*, *epsilo*, *exometra*, *ficoliquene*, *folidoto*, *hieronica*, *isoclino*, *libanoto*, *mesomacro*, *nasica*, *omicro*, *penfigo*, *picnostilo*, *tetranemo*, etc., e não *anfímacro*, *centróstemo*, etc., etc.

Não sabe uma pessoa, suponhamos, se é *Estróbilo* ou se é *Estrobilo*. Vai-se ao Latim (uma vez que o possa fazer, é claro; não podendo, pergunta), e no Latim encontra *Strobilus*, com a penúltima longa. Pronto: tem aí o acento nessa língua, e no Português também. É *Estrobilo*, e não *Estróbilo*.

Quer saber (é outro supor) se é *Eudoxo* ou se é *Eudoxo*. Agora, vai-se ao Grego. E lá encontra *Eudoxos*, esdrúxulo. Não se precipita em conclusão imediata e errônea, porque a acentuação em Português não coincide, em regra, com a do Grego. Examina a penúltima. E vê nela que o *o* (*omicro*), apesar de breve por natureza, é longo por posição, em virtude de estar imediatamente seguido de uma consoante dúplice. Mais nada agora é preciso: o nome é grave ou paroxítono — *Eudoxo*, portanto.

Continuando sempre pelo mesmo teor, vem a reconhecer que em Botânica é *protalo*, e não *prótalo*, que se deve dizer e escrever, assim como *espádice*, e não *espádice*, como a mim me ensinaram, menino e moço, quando por lá passei.

Igualmente vem, noutro domínio, a assentar em que é *raquisquise* (também se diz *raquiósquise*), e não *raquisquise* ou *raquiósquise*, e em que, a exemplo de *ureter*, também devia ser *cateter*, *cremaster*, *esfincter*, *masseter*, *trocanter*, etc., tudo oxítono, como é *clister*, onde estas palavras têm padrão bem afinado.

E pode ainda vir a verificar que é errada a acentuação *estegómia*, *hidrómia*, *ornitómia*, *pegómia*, etc., em vez de *estegomia*, *hidromia*,... etc., tudo com a tónica no *i* da terminação, que neste caso não é, como pode parecer, o do sufixo *-ia*, mas aquele a que vem a reduzir-se o ditongo *ui*, que há em *muia* (*myia*), que é a mosca helénica.

2) Tem V. ... falado diversas vezes em *concordância por atracção*. Há regras para se saber quando deve empregar-se tal concordância, que a mim antes me parece *discordância*? — J. P. V.

R. — A gramática formula sempre as suas regras para quaisquer casos ocorrentes, mas o que acontece não raro é que essas regras falham num ou noutro ponto especial, porque enfim regras sem algumas excepções difficilmente as haverá.

O verbo, em regra, concorda com o sujeito em número e pessoa. Mas às vezes não há sujeito, e quando isso aconteça, já o verbo não pode concordar com ele. Outras vezes há sujeito, mas indeterminado, e então já o verbo não pode também, com segurança, acomodar-se à pessoa do sujeito, porque nem se sabe qual é. Outras vezes ainda, há sujeito, e sujeito bem determinado, mas em tais condições pode ele encontrar-se, que não convenha ritmicamente a concordância, que passará então a operar-se com outra pertença da proposição.

Contam-se nada menos que uns 6 casos de concordância atractiva, a saber:

1.º — Se o sujeito composto vier depois do verbo, este é normalmente atraído pelo componente mais próximo. Assim, em Vieira, com sublinhado meu: «*Falta-me o tempo e o alento para escrever*».

Obs. — Havendo gradação, dá-se a concordância atractiva nas mesmas condições, até quando o sujeito vier anteposto ao verbo: «*Uma palavra, um sorriso, um só olhar bastava*» (Júlio Ribeiro).

2.º — Se o sujeito for um colectivo partitivo do singular, com adjunto atributivo ou restritivo do plural, o verbo é atraído por este adjunto, e concorda com ele, em vez de com o sujeito. Em Camões, com ortografia actualizada e também sublinhado meu, como nos mais exemplos: «*Aqui dos Citas grande quantidade vivem*». Em Camilo: «*Um rancho de meninas desciam ao jardim*».

3.º — Se o verbo da oração for o verbo *ser*, e o sujeito um pronome como *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, etc., a concordância faz-se com o nome predicativo, em lugar de ser com o sujeito: «*Isto é que são canelos, tio Joaquim!*» — «*Isso não são coisas que se digam, menino*». — «*Aquilo eram já os anos*», — «*Tudo para mim são impressões*». (Garrett).



Obs. 1.<sup>a</sup> — Quando o verbo é essencialmente impessoal, a concordância opera-se também com o predicativo, num ou noutro número: «Já é meio-dia». — Mas: «São quatro horas». — «Que é?» — «São trovões ao longe».

Obs. 2.<sup>a</sup> — Se o sujeito for *pessoa* ou *nome dela*, deixa de fazer-se a concordância atractiva com o predicativo e faz-se regularmente com o sujeito: «O Joãozinho é os cuidados da mãe». — «A Rosita é os meus pecados». — «Cada um é suas acções». (Vieira). — «O homem já é cinzas». (Bernardes).

4.<sup>o</sup> — Se o verbo da oração for o verbo *ser*, com sujeito do plural e predicativo do singular, a concordância continua a fazer-se por atracção com o complemento, e não com o sujeito: «Cinco mil libras é muito». (Herculano). — «Três contos já é uma boa assinatura». (Machado de Assis). — «Duas colheradas é suficiente». — «Factos e não teses é o que trago para aqui». (Camilo). — «Os meus companheiros é gente com que se não conta». (Idem).

5.<sup>o</sup> — Se o verbo da oração for ainda o mesmo e tiver por sujeito o pronome *quem*, e por complemento qualquer dos pronomes pessoais *eu, tu, ele, nós, vós, eles*, a concordância far-se-á com o pronome complemento: «Quem paga sou eu». — «Quem sofre somos nós». —

Obs. — Esta concordância opera-se mesmo com o *complemento composto*, deixando-se o verbo atrair pelo componente mais próximo. — «Quem mais carece deles és tu e os da tua plana». (Camilo).

6.<sup>o</sup> — Finalmente, se o verbo for ainda o mesmo, com o mesmo sujeito, e tiver por complemento um substantivo do plural, é com este substantivo que se faz a concordância: «Quem foram os culpados?». — «Quem seriam os autores desta beleza?». — «Quem serão os candidatos à presidência?».

Em todos os casos apontados, se não se fizer a concordância atractiva, haverá sempre maior ou menor dissonância.

Com o verbo *parecer*, tendo por sujeito qualquer dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo*, etc., também se costuma dar a concordância por atracção. Assim: «Isso parecem-me histórias». — «Embora fossem uns pobres malteses, à timorata mulher tudo lhe pareciam ladrões».

O que é preciso notar e nunca perder de vista é que há correcção sintáctica em todas as frases do tipo dos seguintes exemplos:

«Ursos é coisa que já não temos em Portugal». — «Acuso-vos disto eu e todo o povo de Santarém». (Garrett). — «Dos inimigos, parte foram mortos e parte sitiados». — «Era perto da uma hora». — «Eram perto das seis da tarde» (se bem que em Machado de Assis se encontra: «Era perto de duas horas».) — «Benjamim era as delícias do pai». — «Seis anos era muito». (Camilo) — «Dois contos é o bastante». — «Quem to afirma sou eu». — «Quem paga somos nós». — «Quem sofre também são eles». — «Quem foram os pais de Egas Moniz?».

Porto — Rua da Maternidade, 80.

---

## OBRAS de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

EDIÇÕES DE «OCIDENTE» E DA «REVISTA DE PORTUGAL»

«NOTAS VICENTINAS» — Tomo I — *Gil Vicente em Bruxelas*; Tomo II — *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro* — *Romance à morte del-Rei D. Manuel e à aclamação de D. João III*. Tomos III/VII — *Cultura Intelectual e Nobreza Literária*. Tomo VIII — *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*. Tomo IX — *Frontispício, Índices e Capa*.

O volume completo com 664 páginas e 22 facsímiles — 150\$00.

«LIÇÕES DE FILOLOGIA» — 1 volume de 432 páginas — 80\$00

---



# BIBLIOGRAFIA

## LIVROS PORTUGUESES — XI

### VERSO

A abundância, em nossa época, de livros de Poetas jovens, tem um motivo natural.

Deve a Crítica defini-lo, não só para melhor compreender cada um desses livros mas também para explicar uma das suas consequências, o reforço actual, com a geração de 1950, em seu início, e não sei, portanto, se duradouramente, do Neo-Romantismo.

Surgiu este com a geração de 1920, a mesma que fez a primeira afirmação plena de um novo e mais profundo Humanismo. Mais facilmente aceite, de êxito mais imediato, portanto, as suas obras, pôde esse Neo-Romantismo, já com uma inteira idade literária e com Poetas de alto valor, exercer uma forte influência (conjugada, aliás, com outras, semelhantes, influências estrangeiras) nas obras da mais nova geração, de agora. Mas é menos essa influência do que a razão determinante da actual abundância de Poetas jovens, o que explica este reforço, e modificação também, do Neo-Romantismo Português.

Em todas as almas de certa elevação e grandeza, a crise da juventude, com a lembrança recente do mundo infantil abandonado; a ambição viril ou o temor do Mundo novo, de lutas e tragédia, já entrevisto; a revelação do amor físico e sua elevação ao amor sentimental; a crise da juventude, com todo o seu encanto e alegria, tristeza e amargura, provoca um natural, ainda que, na grande maioria dos casos, pouco duradouro estado poético.

O grande movimento espiritual do Romantismo, exaltando o indivíduo, permitiu a justa e necessária valorização da crise da juventude e determinou a sua directa e muito complexa e variada realização em Poesia. As últimas fases do Romantismo Oitocentista, que se prolongam até hoje, e também o Neo-Romantismo (co-existindo, repito, com o outro movimento espiritual, do Humanismo, de muito maior valor e significado mas, por isso mesmo, sem possível aceitação imediata) super-valorizaram, até à exclusividade e ao exaspero, esse motivo profundo, mas não o mais profundo nem o mais belo, da Poesia e principalmente alguns dos seus sentimentos mais angustiosos, e menos corajosos também.

Não admira, pois, que, de um acordo entre a valorização literária da crise da juventude e seu estado poético e o pessoal e directo sentimento dessa crise, resulte uma grande abundância de livros de Poetas jovens.

Isto não quer dizer que todos eles sejam livros de Poesia e transcendam, portanto, o simples interesse psicológico. Nem nos garantem esses livros, mesmo quando são de autêntica Poesia, a continuação e engrandecimento do poder criador neles revelado e que bem pode ser apenas a exigência momentânea daquele *estado poético* do qual a maioria dos homens descerá, na *vida prática*, para uma, não necessária mas infelizmente comum, recusa da grandeza espiritual. Pode mesmo haver um comprazimento nas angústias dessa crise que não permita a elevação a mais profunda e universal Poesia.

Espero e creio não ser este o caso da verdadeira Poesia da crise da juventude que se nos revela no livro de:

JÚLIO EVANGELISTA — 'Programa Alterado' — Poema — Coleção Búzio — Lisboa — 1949.

Interesse psicológico tem-no este livro, decerto, e muito grande, para todos que saibam ler. Bastaria para isso a poesia intitulada «Ao princípio era assim», exemplo sincero, e quase dramático, do motivo por que a iniciação no amor físico é, para a maioria dos homens com sensibilidade, uma quebra de sonho.

Quando prematura e de acaso, sem beleza nem sentimento, essa iniciação rebaixa o amor físico a pior ainda que um pecado, a torpeza e desencanto. Para alguns ela será a baixeza aceite para toda a vida. Para outros, e melhores, a amargura de que só no sonho da infância ou na esperança de um puro e grande amor podem libertar-se. É este naturalmente o caso dos verdadeiros Poetas. É esta a subestrutura psicológica do Poema de Júlio Evangelista.

Para sua melhor unidade, e correspondente perfeição possível, nada perderia em suprimir algumas composições, menos pessoais e altas.

O Poema uno, desejado, e com aquelas supressões realmente conseguido, é, exclusiva mas altamente, uma crise da juventude vivida e expressa em verdadeira Poesia.

Não é aquela unidade a resultante (que seria mais bela e perfeita) de uma visão total, revivida na memória, dos momentos que marcaram o seu drama espiritual e se exprimiram em poesias. A ordenação dos momentos do Poema é, por isto, incerta. E não me parece a melhor a que lhe foi dada, talvez obedecendo à cronologia (muito secundária, neste caso), por seu Autor.

Vejo-o pela seguinte forma: — a memória do acordar das aspirações da vida na pura noite da infância («Génese frustrada», «Noite de Vigília», «Sombra»); o desencanto da vida mal iniciada («Ao princípio era assim») e os primeiros desesperos e angústias da juventude («Será forçoso vingar», «Canto Suave», «Incompreensão», «Maldita é a Terra por causa de ti», «Desespero»); a libertação num sonho da infância revivida em saudade («Contrição») e na esperança de um amor de pureza («Uns versos que por enquanto não lerás», «Irei passear contigo pela via láctea»; e talvez «Passeio Romântico» e «Bailata da ronda das Águas»); a hesitação entre um caminho de coragem e de afirmação, realizadora na Poesia e merecida no amor, («Ode ao triunfo provável», «Sinos de vidro», «Programa») e um abandono à angústia vivida, não superada, e contrariando o heroísmo vital («Por motivo imprevisito», «Indeciso») que, no entanto, se reafirma em vontade, («Onde o caminho bifurcava») ainda que não em esperança.

Não posso dizer que todos estes momentos estejam expressos em poesias com igual beleza e altura (a que existe, por exemplo, em «Sinos de vidro») nem que a sua realização artística seja perfeita. Mas é o movimento dramático interior, que lhes deu uma estrutura de Poema, o que mais valor e significado tem neste primeiro livro de um verdadeiro Poeta.

Dois caminhos se abrem à sua evolução. Um, mais fácil, o da aceitação de um Neo-Romantismo, em que, a avaliar pela ordem que as poesias têm no volume, parece ir descaindo. O outro, o da elevação ao pleno e forte Humanismo. Difícil, árduo, grandioso caminho este. Mas, entre os Poetas da geração mais nova, parece-me Júlio Evangelista, pela maneira de ser própria da sua inspiração, um dos mais capazes de o tentar, de nele prosseguir e de, no futuro, por ele se realizar com grandeza.



A crise da juventude naturalmente será mais amarga e angustiosa, mais opressiva de temores e desesperos, para as duas gerações literárias últimas, a dos que atingiram a maioridade por volta de 1940 e a outra que só agora começa a revelar-se.

Justifica-o a última grande guerra, a crise moral do Mundo, a opressão socialista, a ameaça de novos horrores e de catástrofes, tudo isto sentido na idade em que todo o mal e todo o bem parecem definitivos. Assim se explica, em grande parte, o predomínio, entre os Poetas Novos, de uma reacção espi-

ritual (não a melhor, por certo, mas também humanamente válida e nobre) de característico Neo-Romantismo.

Dele é, não apenas sintoma claro, mas expressão já realizada e alta, o livro de

ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA — *'No sossego da Hora'* — Poemas — Colecção Búzio — Lisboa — 1949.

A atitude espiritual Neo-Romântica tem grandeza humana, e a Poesia que ela exige, para se exprimir perfeitamente, já venceu e ultrapassou a última e decadente fase do Romantismo Oitocentista, caracterizada pela recusa ou dissolução de todos os valores de Arte e de Cultura, exaspero das liberdades na licença, confusão e quase incapacidade realizadora.

A sempre desejada (ao que me parece) e muitas vezes alcançada perfeição dos poemas deste livro não tem nada que ver com qualquer aspecto do Classicismo, antigo ou renovado. A perfeição formal, de acordo com as leis eternas da Linguagem e da Arte, e tanto mais necessária quanto maior for a intensidade, mesmo a violência, da inspiração, só existe na expressão adequada à Poesia interior que tem de realizar. É essencialmente uma harmonia íntima do espírito e da forma.

Nas composições mais pessoais e mais altas deste Poeta essa harmonia já se realizou. Não assim naquelas, em escasso número, («Única Igualdade», «Tempo Fixo»; «Luzeiro de Pobre»; «Pequena Fábula») em que há ainda uma certa influência da Poesia sentenciosa e epigramática do lirismo de Fernando Pessoa.

Do íntimo combate a essa influência, natural em seu começo mas contrária ao seu modo de ser, é expressão muito curiosa e intensa o poema a que serve de título um verso daquele a cujo conselho se opõe a visão amarga e irónica do impossível isolamento da sua vida espiritual: «Cerca de grandes muros quem te sonhas».

O último poema, de título paradoxal, «A Epopeia é fácil», é também uma reacção contra o Bandarrismo genial da «Mensagem» e da ode «À Memória do Presidente-Rei», quer dizer, o mais vivido, o mais sincero e o mais profundo e alto da Poesia de Fernando Pessoa. Mas desta reacção, que, sendo lógica, é, no entanto, de lamentar, a resultante não tem a força, a sinceridade e autêntica beleza do poema anteriormente referido.

A reacção espiritual notada tem especial interesse por ser exactamente contra o melhor da última geração do Romantismo Oitocentista, e, talvez por isso, não anti-romântica mas de Neo-Romantismo, ligado, aliás, a algumas directrizes das gerações literárias anteriores àquela, de 1910.

Constituiu uma necessidade íntima do Poeta, e ao seu espírito e carácter a devemos atribuir. Por tal motivo essa reacção marca uma atitude pessoal e nova dentro do Neo-Romantismo Português. Mas não deve nem pode um Crítico esquecer o que naturalmente a liga, sem quebra de originalidade, à ironia desesperada, embora contida e aparentemente serena, de alguns dos melhores Poetas do Romantismo. Em especial deve lembrar-se a origem de uma directriz que se aprofundou nesta Poesia de um amargo humorismo transcendente, profundo e magoado; origem revivida, mais do que influência, nas *'Bailatas'* e *'Novas Bailatas'* de António Feijó.

Caso muito curioso, essa influência, mais psicológica do que literária, resultou de uma reacção também, mas, aqui, de amargura vivida. É o que exprime, com grandeza e dor, o poema «Canto Amargo». Mas ainda que ele termine pela mais cruciante das dúvidas para um Poeta, todo o livro, no que tem de melhor, é uma dupla vitória sobre esse *Canto Amargo*, de certeza um dos motivos iniciais do seu desejo de realização na Poesia. Vitória do Sangue, lentamente ascendendo para o máximo aristocratismo e poder — o dos Poetas verdadeiros. Vitória do Espírito, transformando a ironia, que tanto o feriu, no instrumento principal da sua afirmação e realizações de Poeta.

Foi ele que deu características novas e muito pessoais ao seu Neo-Romantismo.

Reacção constante de um Ser (coração, alma e espírito) sem verdadeiras

certezas íntimas e vividas, sem heroísmo, mas com uma força de sonho e ternura que não lhe permite recusar a Vida e as suas lutas e tragédias e amarguras, dando-se em amor, ferindo-se pela natural oposição entre o esperado ou sonhado e a realidade, vencendo pela ironia que, condenando o Mundo, o liberta e sublima a ele.

É o que vejo, de um modo geral, em todos os seus poemas e inteiramente realizado na maioria, porque neste livro o bom é a grande maioria.

Entre os melhores poemas, sobressaem, para mim, os que se intitulam «Menino de Luto», «Estudantinho de Direito» e «Cabo da Boa Esperança», este especialmente, de perfeita beleza na afirmação do poder e glória do sonho.

Parece-me o Neo-Romantismo de António Manuel Couto Viana tão natural e forte que não ousou esperar, nem mesmo desejar uma evolução que leve a um, mais universal, Humanismo.

É certo que só este permite a Poesia de máxima grandeza. Mas o que importa a um Poeta é realizar-se plenamente e com beleza na Poesia que lhe é própria. Isto já em muito o conseguiu este Poeta e, no futuro, assim o espero e prevejo, em tudo e melhor ainda o conseguirá.



Nem sempre, ou mesmo raramente, a precoce realização perfeita da Poesia que lhe é própria significa a certeza do mais alto valor futuro do Poeta. É fácil perceber que essa realização perfeita será tanto mais fácil quanto menores forem a complexidade e a fundura da pessoa que nele se exprime e, o que é mais ainda, cria uma obra.

Não representa, por isto, a mais leve restrição quanto a possibilidades, o dizer de um Poeta jovem que ele ainda não está realizado. Mas de todos aqueles que revelem a qualidade verdadeira, e tão alta, de Poetas, essa realização integral, e a mais perfeita possível, tem de ser exigida. A realização própria e verdadeira do Poeta, e não a que mais agrade ao Crítico nem a que, muitas vezes, o Poeta supõe, frustrando-se, por insuficiente meditação do seu íntimo valor ou por subserviência a qualquer moda literária e consequente desvio do seu caminho natural.

Dá-nos uma boa exemplificação de todos estes problemas o livro de:

FERNANDO VIEIRA — '*Promessa*' — Poesia — Lisboa — 1950.

É um caso estranho, o deste livro. Qualidade autêntica de Poeta, possibilidades verdadeiras de uma futura realização perfeita, e mesmo grande, em todo ele se revelam. No entanto, com excepção de uma das vinte poesias nele reunidas, não o poderemos considerar mais do que *promessa* de Poesia, dando assim ao seu título um dos significados possíveis.

Mas essa única excepção deixa-nos perplexos, menos por ser única, verdadeiramente, do que pela enorme distância a que está de todo o resto do livro, mesmo no que ele tem de melhor. Constitui essa excepção o poema (verdadeiro e perdurável poema) intitulado «Porto da Desesperança». Nele há Poesia inteiramente realizada, não *acontecida* mas vivida em toda a sua integridade, expressa na forma exacta e perfeita que lhe era necessária. Há criação de vida espiritual e de beleza humana — Poesia.

O seu motivo, sincera e altamente vivido, é também um dos maiores dramas da crise da juventude, a disparidade entre a imensa e profunda solicitação da Vida e o desespero de não ousar ou não poder vivê-la. Talvez não ousar, porque poder sempre se pode, ainda que seja em desgraça.

Se este poema representa o ponto de chegada na evolução de um Poeta jovem e for o ponto de partida, por ele agora conscientemente aceite, para a sua futura criação, muito há que esperar de quem o realizou.

Não importa que ele seja ou não o mais recente, porque a evolução de um Poeta obedece a um tempo interior que nem sempre corresponde ao outro, exterior e comum, que se exprime por datas do calendário. Ouso, por isto, dizer que esse poema é de facto o ponto de chegada ao poder poético e à grandeza natural, na evolução profunda, e talvez não consciente, deste Poeta.

Deve ela agora tornar-se consciente, aceitando o Poeta o seguro ponto de partida que a sua vida interior lhe indica. Deve o Poeta meditar intensamente os motivos da grandeza alcançada. Considerar a razão por que um outro poema, de movimento interior forte e belo, («Elegia») ficou irrealizado. Entender por que é que as formas regulares, bem executadas (mas nada mais), de outras composições não realizaram Poesia, por falta de um forte movimento interior que as anime. Compreender melhor a necessidade absoluta que a Poesia tem da perfeição formal e a vantagem da disciplina (condição da perfeita liberdade) que há naquelas formas tradicionais. Recusar a moderna tendência para uma *Poesia* sentenciosa, não fundada num pensamento vivo (o que permite a intensidade e é motivo de maior elevação) mas apenas raciocinada, quer dizer, *anti-poética*. Recusar também a outra e não melhor tendência para o abandono à *poesia-acontecida*, a que levou a confusão da palavra Poesia com os motivos exteriores, os pretextos, as comoções que se conjugam com o poder criador para que ela se realize. Não cumprir a *promessa* da última composição do seu livro mas a outra, grande e alta, e de verdadeiro Poeta, implícita no seu poema «Porto da Desesperança» — porto de largada, espero e desejo, para uma vitória humana.

Porque, ainda mais que na esperança pode fundar-se no desespero um verdadeiro heroísmo e o maior de todos os heroísmos é o dos grandes Poetas.



Bem maiores, incomensuravelmente maiores do que as angústias da crise da juventude, são as que, na maturidade, na crescente afirmação pessoal e em pleno conhecimento da Vida, qualquer homem superior, qualquer homem de alma (e o Poeta, por maioria da razão) tem de sofrer. Digo sofrer no perfeito sentido, tão alto, da palavra, e não apenas padecer pois este padecer é do comum destino dos homens.

A falta da força capaz de sofrer a trágica vida humana em quem, por superior, a sente e compreende assim, leva ao aniquilamento no suicídio, a loucura ou a bestialização.

Muitos são os casos de qualquer dessas três formas (não sei qual a pior) de humana derrota. Mas é a prova mais segura do estrutural heroísmo do homem superior, e da elevação conjunta da alma e do ânimo, o facto de muitos poderem não apenas sofrer, mas alcançar uma perfeita vitória espiritual sobre a Vida, em sua tragédia. E não menos também o facto de tantos dos que findam na derrota resistirem por longo tempo, às mais angustiosas desgraças e torturas, e resistirem criando beleza e razão de vida e vitória que a todos os homens aproveitam.

Se um Poeta vive para além dos limites (às vezes muito alongados intimamente) da juventude, é quase certo que, mesmo exprimindo as maiores angústias, nos dará um conselho redentor, um sagrado motivo de as sofrer, purificar ou vencer. Também por isto as obras da maturidade, em condições idênticas de valor, são mais altas, e mais útil (daquela utilidade profunda que importa ao Espírito) a sua leitura.

Uma dessas mensagens, de sofredora purificação e de íntima vitória, é a que nos transmite, em seu mais recente livro:

EMILIANO DA COSTA — ‘Pampilhos’ — Poemas — Estoi — 1949.

Em anterior nota crítica já frisei o predominante carácter pictural da Poesia de Emiliano da Costa. Devo agora acrescentar, o que já então era possível mas este livro melhor permite, que a esse predomínio do visual corresponde um alto pensamento poético, uma espiritual *visão* que se está aprofundando, compensadora e purificante da Vida e suas dores e angústias.

Acertei afirmando as possibilidades naturais da crescente ascensão deste grande Poeta, e dele reclamando ainda maior altura.

Se há neste seu mais recente livro uma parte de puro Poeta paisagista; se na maioria dos Sonetos e em muitas das Poesias a intensidade e graça da visão do mundo exterior lhe bastam (sem que deixe de estar presente a

alma do Poeta) e às vezes se eleva à perfeita beleza; esta é a visão pictural, que sempre lhe está na base, aprofundam-se em alguns Sonetos («Versos»; «Um pôr de Sol»; «Pela Arte») e em todas as poesias da primeira parte do volume, com excessiva modéstia e também impropriedade intitulada «Esboços».

São estas poesias a nova e grande revelação deste Poeta.

O verso livre, em combinação quase exclusiva de ritmos curtos, adquiriu perfeita segurança e pureza musical. E deu a forma exacta, em acordo com o seu espírito, a estas curtas poesias que constituem, no seu conjunto, um verdadeiro e belo Poema. As duas poesias com que termina («Insolação» e «Encantamento») são duas puras maravilhas.

Nos curtos dezassete versos da primeira está um alto pensamento poético e a razão do apenas aceite, umas vezes, e outras vezes procurado encantamento do mundo exterior, motivo da sua Poesia pictural. Esse encantamento, que se impõe ao desânimo e angústia interior, a segunda composição o mostra em seu verdadeiro carácter, um Encantamento que é a Poesia.

Humana, sofredora, purificante mensagem a deste Poema. Ele nos diz também quanto ainda temos a esperar deste grande Poeta, agora que atingiu a plena consciência dos mais profundos motivos da sua Poesia.

Não há nenhuma injustiça nem inumanidade em reduzir a quase nada, pela comparação com os verdadeiros Poetas (já realizados ou não) os, talvez mais felizes, amadores de *versos*. Inumano e injusto é rebaixar a grandeza perante as simples aspirações. Mas seria injusto não acrescentar que, só elas, já elevam qualquer indivíduo acima do comum e que, no misterioso processo de aristocratização de uma família, bem podem essas aspirações representar o primeiro e necessário passo para a grandeza.

Que seja este o caso do livro de:

ALBERTO MARQUES DA SILVA — '*Varanda dos meus sonhos*' — Versos — Faro — 1950.

Neste livro há apenas um entretenimento, sustido pela natural beleza da redondilha? Há uma aspiração inicial de que, no futuro, surja um Poeta?

O entretenimento é respeitável. O início de uma elevação é misteriosamente grande.

Mas nem uma nem outra coisa podem, sem injustiça, considerar-se Poesia.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

ANTÓNIO J. DIAS DINIS — '*Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*' —

Em nota preliminar, a Agência Geral das Colónias, explica os motivos por que saiu o texto da Crónica antes do presente estudo e a seguir o P.<sup>o</sup> Dias Dinis dá conta ao leitor dos trabalhos que passou para realizar a sua obra. O volume I, agora impresso, compreende a — Introdução à '*Crónica dos Feitos da Guiné*' — e nele nos dá o Autor a mais exaustiva e documentada resenha de tudo quanto até hoje se escreveu e discutiu a respeito do Cronista Zurara. E não apenas resenha fria e meramente histórica, mas também elucidação raciocinada, proficiente e orientadora. Daí o aviso honesto de que apenas será lícito estabelecer juízos provisórios baseados no confronto dos dois únicos textos diferentes conhecidos, o de Paris e o quincentista de Munique, visto não se ter encontrado ainda o último texto das duas mais notáveis obras de Zurara: '*Crónica dos feitos do Infante D. Henrique*' e '*Crónica dos feitos da Guiné*'! A biografia do Cronista é tratada com a máxima probidade. Nenhum elemento nos deixou os seus coevos nem ele próprio; seu nome aparece grafado de várias maneiras; não se sabe onde nem quando nasceu; o nome do pai *Johane Annes de Zurara* aparece numa Carta de D. Afonso V, mas nada se sabe da mãe; tudo se ignora a respeito da criação e educação literária de Gomes Eanes e a sua erudição tem sido largamente discutida. O Autor alinha as diferentes opiniões e analisa-lhe o estilo, concluindo: «Gomes Eanes de Zurara é, pois, um escritor de feição medieval, em cujo espírito começam, porém, a irromper, teimosos, os alvares humanísticos

da era renascentista». Em mais cinco capítulos versa os seguintes assuntos: Títulos e cargos, Mercês concedidas ao Cronista, Estado civil e descendência de Zurara, Falecimento do Cronista e Retrato de Zurara, e entra a seguir na parte referente às Obras de Zurara, refutando as que lhe são indevidamente atribuídas e estabelecendo uma valiosa e documentada relação dos Códices e edições de tudo quanto está provado seja da autoria do Cronista. A última parte e a mais extensa é consagrada à '*Crónica dos Feitos da Guiné*' e aí podemos ler uma hábil resenha crítica dos muitos e variados problemas que surgiram à volta do Códice de Paris e das investigações para saber se Zurara escreveu ou não uma '*Crónica dos Feitos da Guiné*' e onde ela se encontra. O título da obra, a dúvida sobre a escrita do segundo volume, as fontes, a data, a finalidade e âmbito da '*Crónica*' ocupam os últimos capítulos do interessantíssimo volume. Uma extensa bibliografia servirá aos estudiosos para indicador seguro e minucioso de todos os artigos e livros onde poderão aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto.

RODRIGUES JUNIOR — '*África Terra de Promissão*' — São poucas, infelizmente as obras como esta em que a verdadeira África nos é pintada tal qual ela é, com todos os seus atractivos e desilções, com suas incalculáveis riquezas e desoladoras misérias. Rodrigues Júnior, jornalista vibrante, apaixonou-se pela Terra Mocambicana e tem percorrido milhares de quilómetros dessa nossa magnífica Província ultramarina, para observar, anotar e reduzir a brilhantes crónicas as suas impressões colhidas *in loco* e sem aqueles aparatos *espontâneos* de que se revestem, em regra, as visitas oficiais. Rodrigues Júnior viu, inquiriu, sofreu vários contratemos, mas nem um só instante deixou de ter para tudo palavras de Fé e certezas de futuras providências no legítimo sentido da Colonização que se impõe a todos os espíritos esclarecidos e já está plenamente perfilhado pelo Governo do País — homens e capitais, para melhores vias de transporte e desenvolvimento das necessárias indústrias. Muitos progressos se realizaram já nessa portentosa terra da nossa África Oriental, onde a Natureza tem rasgos maravilhosos de paisagem e sensacionais imprevisíveis a desafiar a admiração dos homens e o génio dos Artistas. Mas são muito mais as faltas, os desconfortos, os abusos dos que por ali se instalaram com o intuito único de explorar o viandante ou o negro. Famílias, muitas famílias, brigadas de turismo, grandes Companhias que se adaptem à terra, aldeamentos por centenas, eis o plano geral da legítima ocupação, que andam a pregar os devotos da grandeza africana e é hoje a norma fundamental da acção governativa.

Com a ocupação da terra em larga escala, virá imediatamente o aumento da produção, a facilidade do escoamento para ali do excedente da natalidade continental e a seguir todas as vantagens emanadas da valorização dum território rico e pleno de potencialidades, que tanto poderá satisfazer os seus arroteadores directos como a Pátria longínqua. Além disso, realizar-se-á uma obra humana do mais transcendente alcance social — a civilização do negro, que em pleno Século XX ainda vive na confrangedora ignorância do que seja a boa habitação, a higiene física, a alimentação própria e o vestuário adequado.

Rodrigues Júnior deu-nos mais uma reportagem-inquérito que merece ser lida e meditada pelos que de longe têm em suas mãos o Governo do Ultramar. Há neste livro observações e lições que não devem perder-se. E há nele também, a par da descrição e dos factos correntes, páginas encantadoras de boa literatura, aguarelas quentes e impressionantes da admirável pujança africana. Realidade e sonho em íntima colaboração para que da longa e espinhosa viagem realizada não fique apenas um relatório seco e hirto mas uma excelente obra de Arte.

JUNTA DE INVESTIGAÇÕES COLONIAIS — Para completar o efeito produzido pelos Colóquios, realizados pela Junta, estão já impressos os estudos seguintes, de grande mérito e excepcional oportunidade: '*Aspecto geral do problema florestal de Moçambique*', pelo Eng. Egberto Pedro; '*Considerações acerca da contribuição das espécies coloniais para a indústria da pasta para papel*' pelo Eng. Luís de Seabra; '*A dupla Liampó das crónicas portuguesas*' pelo Visconde de Lagoa; '*Considerações acerca do equilíbrio entre as comunidades florestais e o ambiente em Moçambique*' por



Esteves de Sousa; e '*Estudos de pescarias do Ultramar português — o Atum*' pelo Prof. Fernando Frade. — Todos estes trabalhos se recomendam pela autoridade de seus autores e constituem valiosos subsídios para a solução dos múltiplos problemas que têm de enfrentar-se nas Províncias d'além-mar para que elas constituam, realmente, aquilo que tanto se apregoa que são — a continuação de Portugal.

LEWIS HANKE — '*Bartolomé de las Casas*' — O dinâmico Director da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso de Washington dedicou-se com fervor ao estudo da obra de Bartolomeu de las Casas e já a respeito dela escreveu vários volumes. Este de agora inclui-se nas comemorações do 10.º aniversário da Fundação que dirige e consta de três dissertações de elevada categoria. O eminente padre espanhol, nascido em Sevilha em fins do Século XV, foi um dos invasores de Cuba e concorreu para a ocupação de toda a ilha, sendo-lhe concedidos 100 índios para o seu serviço. Explorou-os suavemente, mas depressa se indignou com as sanguinárias atrocidades dos conquistadores e iniciou a sua cruzada a favor dos nativos, que nunca mais parou desde 1514 até 1566, data da sua morte, com 92 anos. Mais de meio século de lutas, de polémicas, de estudos profundos e meticulosos deu ao grande Espanhol, que em Cuba é tido como o seu primeiro e mais ilustre historiador, um prestígio jamais igualado por qualquer outro defensor dos índios. Depois de um capítulo de doutrina geral, relativo à luta pela justiça na conquista espanhola da América, Lewis Hanke, trata de Las Casas como pensador político, historiador e antropólogo, erguendo ao Apostolo das Índias o monumento apologético que sua obra merece.

Homens como Las Casas, prosseguidor da luta começada por Montesinos, têm sido considerados como loucos. Mas a verdade é que a mesma luta prossegue ainda, até que os povos de todo o Mundo tenham os mesmos direitos de homens. Pretendem certos sectores das grandes potências que tudo se resolverá com processos mecânicos e sob o domínio exclusivo da técnica. Pura e funesta ilusão. A solução está noutra espécie de relações entre os homens, relações, sobretudo, de sentimento, fraternidade e cultura. Hoje, como há cinco séculos, o necessário é que o Mundo seja constituído por *homens* na verídica acepção desta palavra. Foi o que Las Casas defendeu em mais de 50 anos e é o que o Humanidade tem de realizar neste século, se deseja sobreviver aos cataclismos da força bruta e da Técnica sem alma. Lewis Hanke, descreve com atraente simplicidade e comenta com lúcido critério.

'OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE' — A monumental edição da Companhia Editora do Minho está agora no fascículo 6, ou seja na página 192, e compreende toda a *Comédia de Rubena* e parte da *Comédia do Vívvo*. Primorosas vinhetas e impecável impressão em papel especial embelezam sobremaneira esta grandiosa homenagem ao Fundador do Teatro português, cuja fama e glória crescem de dia para dia.

### LIVROS RECEBIDOS

3071 — *Egberto R. Pedro* — '*Aspecto geral do Problema florestal de Moçambique*' — 16 p. e grav. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1949.

3072 — *Lewis Hanke* — '*Bartolomé de las Casas, Pensador político, Historiador, Antropólogo*' — 130 p. — La Habana — 1949.

3073 — *João Neves da Fontoura* — '*Rui Barbosa, Orador*' — 68 p. — Ministério das Relações Exteriores — Rio de Janeiro — 1949.

3074 — *J. A. Pinto do Carmo* — '*Rui Barbosa e o Dom Quixote*' — 20 p. — Rio de Janeiro — 1949.

3075 — *Jorge de Lima* — '*Livro de Sonetos*' — 172 p. — Rio de Janeiro — 1949.

3076 — *Attilio Milano* — '*25 Poemas*' — 40 p. — Rio de Janeiro — 1949.

3077 — *António J. Dias Dinis, O. F. M.* — '*Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*' — 538 p. — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1949.

3078 — '*Académicos e românticos — A Fundação*' — introdução de *Diogo de Macedo* — 20 p. e grav. — n.º 7 — 1.ª série — Colecção Museum — Museu de Arte Contemporânea — Lisboa — 1950.

# MÚSICA

## TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS E PAVILHÃO DOS DESPORTOS

O nosso primeiro Teatro esteve muito movimentado durante o mês de Maio em espectáculos de Música, com louvável apresentação de Artistas e composições nacionais e a novidade de dois jovens regentes que, se não se apresentaram com o aprumo e a desenvoltura dos grandes directores ou dos pequenos génios precoces, mereceram quentes aplausos, sobretudo pelas promessas que seu esforço já representa. Almeida Santos e Joly Braga Santos têm um futuro muito largo na sua frente e é de crer que, principalmente o primeiro, venham a colher apreciáveis louros à frente de boas Orquestras, como a da Emissora Nacional. O segundo talvez encontre na composição efeitos mais seguros.

O Concerto da Juventude Musical Portuguesa foi organizado apenas com música de dois compositores portugueses: Joly Braga Santos e Luís de Freitas Branco. Discípulo e Mestre juntaram-se em agradável sequência, podendo notar-se bem como Joly Braga é sensível às lições recebidas. A Sinfonia n.º 3 do consagrado Professor Luís de Freitas Branco, de uma grande beleza e sólida construção, foi, sem dúvida, o magnífico êxito do Concerto. Devem-se todos os estímulos à iniciativa da Juventude Musical, organização semelhante a tantas que brilham hoje nos Centros mais civilizados. Só é necessário que se não feche em círculos estreitos onde apenas se incensem correntes favoritas.

D. Lopo de Bragança preencheu a seguir outra bela noite musical com seu virtuosismo de raro quilate. Grato, porém, seria a todos os admiradores do distinto concertista que em futuros programas incluísse obras da nossa tão vasta escrita pianística.

Finalmente, Nina Marques Pereira e Paulo Manso efectuaram uma deliciosa vespéral com programa bem escolhido, em que não se esqueceram compositores portugueses. A todos os Artistas que se exibem no Estrangeiro cumpre levarem sempre em seus repertórios algumas das melhores páginas dos nossos melhores Autores.

---

No Pavilhão dos Desportos, a Banda de Música e Orfeão da Guarda Nacional Republicana realizaram um encantador Concerto, sob a direcção do distinto oficial e compositor, Sr. Lourenço Alves Ribeiro, que tem realizado naquela Guarda uma bela tarefa de educação artística. O programa constou de obras estrangeiros e portuguesas, numa justa e equilibrada proporção, e o grandioso Grupo orfeónico apresentou-se muito bem ensaiado, recortando-se nitidamente as quatro vozes das diferentes partes. Merecem os maiores louvores regente e executantes.

# EM PROL DA CULTURA

## VI

Nas grandes solenidades nacionais como nas mais importantes reuniões dos dirigentes estrangeiros, as palavras que estão sempre nos cimões da eloquência e das tentativas de persuasão têm os nomes de Escol e Cultura. Foi assim quando os Povos viviam quase isolados e tinham de procurar em seus recursos próprios os remédios para os problemas que os afligiam, continua a ser assim hoje e com muito mais razão, pois os males de que cada um sofre não são apenas os de sua casa mas também, e principalmente, os das casas alheias.

Os progressos cegos, meramente materialistas, apenas guiados por uma técnica inflexível, longe de trazerem o conforto que proclamam, aumentam o desassossego e as ambições, a perturbação nos espíritos e o veneno das contendidas. Reúnem-se então os responsáveis pela harmonia social e apelam agora para a inteligência e para o raciocínio. Nas horas de aparente serenidade, esses responsáveis deixam voar a fantasia dos inventos e das maravilhas físicas, meio embalados pela voluptuosa sensação que tais novidades lhes causam. No momento do perigo, soltam o alarme, tocam a rebatida e pretendem reconsiderar, clamando: é preciso estimular e recriar os escóis, só a Cultura dá base sólida aos planos recuperadores.

Os tropos inflamados retumbam nos imponentes auditórios, percorrem em minutos o Mundo inteiro, encantam os olhos de milhões de leitores e os ouvidos de muitos mais milhões de ouvintes, mas que resultados obtém o apelo, como é que ele ecoa na alma dos Povos?

São precisos escóis, é urgentíssimo acrisolar a Cultura, alargá-la, intensificá-la. Mas isso, esses objectivos tão fáceis de reduzir a fulgurantes perorações, são difficilimos de atingir quando, como na hora desoladora que passa, tão pouco se projecta para os acarinhar e engrandecer e tanto, tantíssimo se realiza para os espeziñar. Há vozes isoladas, há obreiros recolhidos e pertinazes, há vontades inquebrantáveis. Mas os conjuntos, as grandes massas, os arrebatamentos fulminantes são conduzidos exactamente pelas forças colossais da Rádio, do Cinema e do Desporto, onde Escol e Cultura são quase hóspedes, nem sempre bem tratados. Até aí, o velho cavalheirismo se tem deprimido e aviltado.

É, decerto, tarefa gigantesca pôr diques ao ímpeto absorvente e dominador que tais forças arrastam na sua frente, mas cumpre lutar o máximo, para que se não percam as últimas possibilidades, já não diremos de corrigir todos os desvaios em curso mas de evitar o seu recrudescimento e de antepor a muitos deles a resistência que só a Cultura lhes poderá oferecer.

Desde a Escola Primária às Universidades, no Cinema, na Rádio e no Desporto — têm de criar-se legítimos escóis que doutrinem, orientem e eduquem num elevado sentido de Cultura.

E outra grande força há que necessita igualmente de uma remodelação profunda e dos mais sólidos incentivos para que possa colocar-se à frente de todos os esforços em prol do reerguimento intelectual e cultural do País — a Imprensa. Esta, porém, como elemento de mais complexos melindres, tem de ser tratada pelo Estado como potência colaboradora que realize sobre si mesma as delicadas funções de crítica vigorosa e de profunda disciplina moralizadora. O que está nas mãos do Estado, e já não é cedo que se efective, é a criação da Escola de Jornalismo, com a devida obrigatoriedade dentro de certo prazo. Não se compreende que sejam necessários cursos para funções de muito menos importância e não se exijam para quem, do alto das empolgantes tribunas da Imprensa, pretende orientar ou simplesmente esclarecer a opinião pública.

---

No mês de Maio último, a fim de se comemorar a Restauração de 1926, que havia de trazer para Portugal a dignidade e o prestígio que hoje caracterizam a nossa vida social e económica, realizaram-se numerosas inaugurações de melhoramentos por todo o Império. Escolas, casas económicas, Casas do Povo, abastecimentos de águas, estradas, pontes, pousadas, cadeias, obras de assistência, parques infantis, um estádio, etc., etc. vieram aumentar o activo do ressurgimento nacional e criar melhores condições de vida. Não vimos, porém, que se abrisse uma nova biblioteca, um novo museu, um novo arquivo de nossas tradições, em que se fixassem novos núcleos de investigação e Cultura<sup>1</sup>. E entre os beneficiamentos e reparações, também não encontramos qualquer notícia a respeito da salvação da Biblioteca Nacional e da condigna instalação do Museu de Arte Contemporânea. É claro que nenhum destes Organismos está esquecido pelas estâncias competentes, visto serem ambos dos mais relevantes valores do nosso Património espiritual e artístico. Mas, as bolas continuam dentro da grande esfera da Sorte sem quererem sair cá para fora. E com essa inclemência do Destino vão-se deteriorando e perdendo muitas e insubstituíveis preciosidades. Esperemos mais um pouco. A Sorte há-de acabar por compadecer-se de tanto azar...

---

Na Emissora Nacional, aproveitaram-se duas obras de notáveis Escritores portugueses, as '*Pupilas do Snr. Reitor*', de Júlio Dinis e '*Céu Aberto*', de Virgínia de Castro e Almeida, para deleitar homens, mulheres e crianças com dois bons folhetins. Não lhes parece que foi de grande acerto a resolução tomada, e que bem podiam reduzir-se ao mínimo as adaptações radiofónicas de produções estrangeiras, nem sempre muito edificantes?

Entretanto, continua a mesma Difusora Nacional, na sua ru-

---

1 — Lemos à última hora melhorias na Biblioteca de Braga. Inda bem.

brica «O Compositor da Semana» a ignorar os Compositores portugueses. Desde Dezembro até agora já foram enaltecidos e divulgados 26 Compositores estrangeiros e nem UM SÓ português. Protestamos e connosco todos os que desejam naquele Organismo oficial uma Direcção que não dê ao fado e às guitarradas mais importância que à Música portuguesa dos nossos Compositores, tão respeitáveis e ilustres como muitos dos estrangeiros que ali se consagram a toda a hora.

---

No volume recentemente publicado, '*Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*', I — Introdução à '*Crónica dos Feitos da Guiné*' escreve o seu Autor, P.<sup>o</sup> Dias Dinis, a pág. XIII: «Oxalá o acaso ou diligente investigação, em Arquivos nacionais e estrangeiros, nomeadamente nos de Nápoles, Florença, Génova, Veneza e Roma, nos deparem o verdadeiro e completo texto do Cronista de D. Afonso V, despidido de interpolações e de adições póstumas, assim como de cortes, involuntários e propositados. Enquanto isso não suceda, todas as tentativas de reconstituição e de apuramento crítico serão bemvindas; mas, nunca decisivas e de molde a entregarem-nos texto suficientemente seguro e praticamente definitivo». Por parte dos investigadores e eruditos, que se movem nesses assuntos pelo interesse de produzirem obra e instruir os seus semelhantes, muito se tem feito nestes últimos cem anos de revisão histórica. Parece-nos, porém, que do Ministério dos Negócios Estrangeiros como do Instituto para a Alta Cultura deviam emanar circulares periódicas a todos os representantes de Portugal e Leitores para procederem nas áreas da sua jurisdição a investigações sobre estes casos de tanta utilidade para a Cultura nacional. Aos Leitores pertencem essas investigações pela própria natureza do cargo. Aos componentes das Missões diplomáticas e consulares devem agradar muito tais pesquisas, pois elas representam valiosos serviços a Portugal e à Civilização. Os Portugueses andaram por todos os Mares e Continentes e em toda a parte deixaram vestígios de seus feitos imorredouros. Não é demais que se façam sugestões periódicas e discriminadas por assuntos, solicitando a Diplomatas, Cônsules e Leitores, que, aproveitando suas demoras nas mais variadas regiões do Planeta, dediquem boa atenção a trabalho tão útil, patriótico e cultural.

---

Em São Paulo, começou a publicar-se o '*Jornal dos Livros*' órgão de divulgação literária e bibliográfica e que será um estrênuo defensor do Livro. O 1.<sup>o</sup> número, que temos presente, revela já os excelentes intuitos do novo mensário, que se coloca denodadamente ao serviço destes lemas imortais: «Um País faz-se com homens e com livros» e «Uma Casa sem livros é um corpo sem alma». É bem sugestiva a 1.<sup>a</sup> coluna assinada por Auta Rodrigues da Cunha, em que se faz nobremente a apologia do «*Livro presente de Amigo*»,

o mais leal e sério dos companheiros, e que termina pela oportuna evocação destes versos de Castro Alves:

Oh! bendito o que semeia  
Livros, livros a mancheias  
E manda o povo pensar.  
O livro, caindo n'alma,  
É germe que faz a palma,  
É chuva que faz o Mar!

Nesse 1.º número, repleto de listas de últimos livros das principais Editoras brasileiras, encontramos esta informação, que cumpre arquivar e enaltecer a bem da Cultura:

Publicou-se há pouco um volume de 1.180 páginas, grande formato, com o título '*Grandes Poetas Românticos do Brasil*' e contendo poesias que nunca foram publicadas em livro e outras esgotadas há mais de um século. Redigiu o Prefácio e as Biografias o Professor António Soares Amora e organizou, reviu e anotou o texto Frederico José da Silva Ramos.

Esse texto é constituído pelos Esparsos completos de Porto Alegre e Maciel Monteiro e pelas Poesias Completas de Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela e Castro Alves.

Em Coimbra, quando se procedeu, com extraordinária pompa ao Doutoramento do Generalíssimo Franco, o solene cortejo movimentou-se ao som da marcha da '*Aida*', como se houvesse de receber-se um novo e heróico vencedor dos etíopes. Há pouco, no grande baile da '*Queima das fitas*' tudo dançou aos acordes ou discordes de um grupo típico espanhol. Pregamos Nacionalismo, gozamos dos benefícios fecundos de uma política nacionalista, mas repudiamos a cada passo os nossos valores e aquilo que temos de melhor.

E não é assim que se serve a Cultura, onde ela devia ser mais nobremente respeitada.

Não há marchas portuguesas, não há Orquestras nacionais?

Transige-se com os apetites, obedece-se ao mais fácil, ao mais à mão e de transigência em transigência vai-se caindo na insensibilidade e no conformismo de tudo. Surge então o primeiro aventureiro que põe e dispõe: este *jazz*, aquele *fado*, aquela *rumba*. E pronto, quem não quiser que não ouça.

Diz-se que o mal é da época e já não tem remédio. Vil derrotismo é esse, que convém vergastar com toda a coragem. Porque todas essas manifestações de amolecimento e defecção são produtos directos ou indirectos de diabólicos planos irradiados de Leste para promoverem a desordem e o caos em todo o Mundo.

Um baile aqui, uma irradiação além, a indisciplina deste rebelde, os caprichos daquele tiranete são bagatelas isoladas que parecem não representarem inconveniente sensível. Mas reparem

na repetição, multipliquem os perigos das más irradiações e das más fitas por centenas de milhares de ouvintes ou de espectadores e comecem a sentir a grandeza da nocividade. As palavras escritas pelo maior Moralista são lidas e ponderadas por 5, 10, 20.000 estudiosos. Os disparates de um locutor atrevido e sem respeito pelo Idioma ou os bocejos da *canção de vencidos* têm a escutá-los milhões de ouvintes.

Dois pontos consideramos hoje fundamentais para uma regeneração espiritual da Nação ao lado da sua restauração social e económica — o máximo escrúpulo no recrutamento dos professores primários e a mais severa fiscalização no que se diz na Rádio e se projecta nos cinemas.

Cresce o número das escolas, mas só em edifícios. Faltam professores e professoras que saibam ensinar e educar e que vivam em condições desafogadas para poderem exercer a sua missão com independência e sem dificuldades de vida. Começaram já as reuniões de aperfeiçoamento e os esforços para melhor rendimento do ensino. Está-se, porém, imensamente longe do que deve ser o ensino primário, base essencial da primeira moldagem espiritual da criança. São tristes os processos e tristes os resultados, embora se procure sollicitamente melhorar uns e outros. Mas não se poderá exigir muito mais enquanto se não considerarem os professores primários noutra alínea da tabela geral do Estado.

---

Deu-nos há dias velho amigo a grata notícia de que se estavam a preparar alguns documentários cinematográficos, de assunto literário sobre Contos e Novelas de Escritores portugueses dos mais ilustres. E referiu-nos quais seriam os primeiros Autores escolhidos e as obras a *projectar*. O facto era deveras promissor e tudo levava a crer que constituiria um grande êxito, pois as obras mencionadas dariam, sem dúvida, excelentes fitas. Apenas, se tinha levantado logo na primeira tentativa um forte óbice, que estava de difícil solução, ou mesmo sem solução alguma: é que não via o realizador forma de meter um *fado* no meio do entrecho!... Garantimos que não se trata de anedota ou pilhéria.

---

Na Avenida da Liberdade, inauguraram-se as Estátuas de Alexandre Herculano e Almeida Garrett, os dois Pontífices do nosso Romantismo. A Câmara Municipal de Lisboa, que tem realizado muitas obras de valorização da Cidade, não esquece nunca o aspecto cultural de suas funções e, por isso, sustenta numerosas bibliotecas (que é de esperar aumentem), organiza Concertos e ergue Monumentos. Depois das duas Estátuas acima referidas, outras se seguirão. Bem hajam os Espíritos cultos de Salvação Barreto e Pastor de Macedo.



## NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Dentro de dias, completam-se 370 anos sobre a morte de Camões, e cada vez se torna mais grandiosa e venerável a memória de sua Vida e o sublime esplendor de sua Obra. Por circunstâncias de variada espécie, nem a Vida nem a Obra do maior Poeta da Raça conseguiram ainda as gloriosas consagrações que lhe são devidas, tanto em homenagens públicas como no foro íntimo dos Portugueses. Mas, justo é verificar um crescente interesse por essas homenagens, que a alma nacional irá intensificando à medida que vá sendo sucessivamente solicitada e esclarecida pelas classes mais cultas e pelos Mestres mais conscientes. No presente número de 'Ocidente', publicam-se estudos, alvitres, sugestões e algumas páginas de Arte. Nesta colaboração há um plano e um propósito — o reerguimento do culto camonianiano e o desejo que ele desça do Escol para as camadas populares. Não esperaremos pelo próximo ano para prosseguir na propaganda e exaltação desse plano e desse desejo. Em números sucessivos, iremos convocando à gratíssima devoção quantos possam trazer seu entusiasmo e novas lições para melhor apoteose do Vulto máximo da nossa Literatura.

★ GUSTAVO BARROSO — Mais uma vez, João do Norte sentiu em Portugal a admiração que merecem as suas qualidades de Escritor emérito e de Brasileiro sincero amigo da nossa História e da nossa gente. Nas Academias de Ciências e de História, homenageou-se o Presidente da Academia de Letras. Na Imprensa e no convívio de alguns dias, acarinhou-se o velho cultor da amizade luso-brasileira.

★ AUBREY BELL — A morte deste ilustre Escritor representa uma extraordinária perda para a História da Literatura Portuguesa. O agudíssimo e erudito Crítico viveu largos anos no Estoril e estudou na nossa Biblioteca Nacional (aquele infeliz túmulo de tanta preciosidade...) os documentos que mais o podiam elucidar sobre pontos pouco iluminados de Obras dos mais notáveis Autores lusos, publicando em inglês alguns dos estudos mais profundos sobre esses Autores. Isso não impediu, porém, que numa época de atribulada confusão política, aí por 1919, impetuoso deputado solicitasse no Parlamento a expulsão do atrevido Inglês, porque ele tinha transmitido para o jornal de que era correspondente comentários



assaz vivos a respeito da desordem mental que então começava a atirar com a política portuguesa para a beira do abismo. Apressaram-se os que conheciam o magnífico labor de Aubrey Bell na Biblioteca Nacional a informar o Ministro da Instrução do respeito que se devia a investigador de tal categoria e... o grito do susceptível legislador não teve seguimento, nem sequer eco favorável. Os comentários políticos, ainda que fossem ásperos e talvez inconvenientes para um estrangeiro, perderam-se no efémero do jornal. Os seus livros ficarão para sempre a valorizar e espalhar no Mundo o mérito da Literatura Portuguesa.

★ MAIS VALE TARDE... — Depois de tantas monstruosidades que se cometeram contra a Alemanha vencida, começa-se a apregoar que sem ela não pode haver uma Europa forte e capaz de se defender das arremetidas soviéticas. Só é de espantar que tenham levado tanto tempo a assim se exprimirem aqueles que criaram a terrível situação e há muito se haviam convencido dessa verdade flagrante. Para castigarem o imperialismo germânico, favoreceram e alimentaram um imperialismo cem vezes mais perigoso e ultrajante. Agora, embora bastante tarde, terão de promover rapidamente a reconstituição da vitalidade alemã, se quiserem ver a Europa capaz de resistir a todos os embates que se estão preparando no Leste e não deixarão de eclodir no momento julgado propício. — A propósito, devemos salientar aqui a torpeza de certos comunistas alemães, que ainda há pouco festejaram na zona de ocupação russa, evidentemente, a derrota de sua Pátria, ou antes da Pátria dos outros alemães. Há, sem dúvida, muitos alemães honestos, dignos, patriotas, que nunca foram nazistas e até combateram o nazismo. Mas esses seriam incapazes de tal vileza. Festejar perante o vencedor estrangeiro a derrota da Pátria em que nasceram — disso só comunistas são capazes.

★ PRECIOSIDADES BIBLIOGRÁFICAS — Em 2 de Julho próximo, repetir-se-á, com mais grandeza a Exposição dos «Livros de D. Manuel II», reunidos em largos anos de extraordinária devoção bibliófila. Comemora-se o 18.º aniversário da morte do último Rei português e a feliz iniciativa pertence à Fundação da Casa de Bragança, tão lúcida e tenacamente dirigida pela tenacidade inflexível do Dr. António Luís Gomes. Escolheu-se para local da Exposição o Museu Soares dos Reis, do Porto, por ter sido ali, antigo Palácio dos Carrancas, a residência de D. Manuel quando da sua visita à Capital do Norte, em 1909, e na mesma data será lançado a público o novo Catálogo dos Manuscritos, incunábulo, edições quinhentistas, camoniana e estudos de consulta bibliográfica, seleccionados e apresentados pelo eminente Catedrático da Universidade de Coimbra, Dr. Joaquim de Carvalho. São desse Catálogo, que será posto à venda na abertura da Exposição, estas referências ao paciente coleccionador de tanta preciosidade bibliográfica:

«...D. Manuel II não foi o primeiro rei bibliófilo, mas temos por sem dúvida que foi o primeiro rei bibliógrafo e bibliólogo. Nenhum outro se lhe compara sob tal razão. Dos reis que cultivaram as letras, não sofre comparação com D. Dinis nos dotes da criação poética; com D. João I, o didacta

do '*Livro da Montaria*', na variedade do saber natural; com D. Duarte, o moralista do '*Leal Conselheiro*', na subtileza e fundura da análise psicológica; com D. João IV, o campeão ardoroso e erudito da '*Defensa de la musica moderna contra la errada opinion del obispo Cirillo Franco*', e até mesmo com D. Luís, o tradutor do '*Hamlet*', de alma sensível à beleza literária e ao enlevo estético da Música.

Não sofrendo paralelo com qualquer destes seus antecessores, também nenhum deles se lhe compara no zelo com que se dedicou ao estudo e à publicação dos '*Livros Antigos Portugueses (1489-1600) da Biblioteca de Sua Magestade Fidelíssima*', e ao amor que lhes devotou, já por si mesmos, pela raridade ou perfeição gráfica, já pelo poder de evocação que lhe despertavam e pelo mundo de affectos e de ideias que exprimiam, já pela sumptuosidade e beleza da apresentação, que converteram alguns dos seus cimélios em monumentos de bibliátrica e de esmerada perfeição na arte de encadernar. Com que satisfação, a propósito da '*Vita Christi*' (1495), dos '*Autos dos Apóstolos*' (1505), do '*Boosco deleytoso*' (1515) e do '*Espelho de Cristina*' (1518), mandados imprimir por D. Leonor, a Rainha Velha, deixou saltar da caneta estas palavras de embevecimento: — Possuímos as quatro obras, o que forma uma colecção única no Mundo!»

Quanto ao método usado na descrição gráfica dos volumes, que vão ser expostos, diz ainda o Prof. Joaquim de Carvalho:

«As trinta e oito descrições que se encontram no Vol. I dos '*Livros Antigos*' são modelares e algumas de consulta indispensável por haverem recaído sobre exemplares únicos ou completos no conjunto das páginas e das ilustrações».

★ REINTEGRAÇÃO HISTÓRICA — O Forte de S. Julião da Barra, mercê dos maus tratos dos homens e do tempo, andava há muito descaracterizado e quase a volver-se em ruínas. Santos Costa, illustre Ministro da Guerra, decidiu reintegrá-lo na sua traça primitiva e não largou a obra enquanto a não viu pronta, atraente e com o acréscimo de confortáveis instalações para convidados estrangeiros de elevada categoria. O magnífico empreendimento foi há dias festejado com uma cordial merenda a que assistiu o Sr. Presidente do Conselho e outras individualidades do Governo e do Exército. É justo anotar o seguinte pormenor muito elucidativo — ao incansável e prestigioso Ministro não esqueceu dotar o Forte com uma escolhida Biblioteca.

★ NOTA DO FIM — Ao revermos as provas desta última página de '*Occidente*', a rádio transmite-nos o Discurso do Dr. Oliveira Salazar na Biblioteca de Braga. Admirável oração de pura e vernácula eloquência, a lição proferida pelo Chefe do Governo gravou em linhas da mais serena clareza a situação actual da nossa política e a da política dos outros Países em frente da Rússia. Quanto a nós, um esforço ininterrupto e bem sucedido para a dignificação da nossa vida e o reaportuguesamento de Portugal; quanto aos outros Países, as mais estranhas hesitações em face de problemas que só podem resolver-se com a íntegra unidade nacional de cada um. — Palavras de bronze, devem ser meditadas pelos dirigentes das Potências ocidentais, a bem de toda a Humanidade.

ÁLVARO PINTO

# ÍNDICE DO VOLUME XXXVIII

(N.ºs 141 a 146 — Janeiro a Junho de 1950)

Em Prol da Cultura — Pág. 5, 65, 121, 177, 217 e 317.  
Problemas de hoje — X e XI — Pág. 9 e 67.  
Da Ausência miraculosa — Versos — Pág. 13.  
A Escola Aquitânica — Os Estudos e a Disciplina — Pág. 15 e 130.  
Evocação histórica da fundição e inauguração da Estátua equestre de D. José — Pág. 22.  
Cartas de Espanha — III Cidades espanholas — Pág. 26.  
O Manto do Ano Santo — Versos — Pág. 73.  
Homenagem ao Poeta António Correia de Oliveira — Pág. 74.  
Soares dos Reis — Pág. 82.  
Teatro Nacional de São Carlos — Pág. 102, 168, 199, 241 e 316.  
Eu — Versos — Pág. 129.  
O Comunismo e a Arte — Pág. 137.  
Canção de embalar — Versos — Pág. 140.  
António Nobre — Soneto — Pág. 156.  
Joaquim de Vasconcelos e a Escola de Belas-Artes do Porto — Pág. 181.  
Lágrimas e Soneto — Versos — Pág. 184/185.  
Pedras de Sal — Versos — Pág. 225.  
Uma medalha de D. Miguel — Pág. 228.  
«Vede que fresca fonte...» — Versos — Pág. 265.  
O Culto popular de Camões e da obra camoniana — Pág. 266.  
A nobreza de Camões — A hierárquica e a moral — Pág. 267.  
Camões, Poeta do desengano — Pág. 273.  
'Os Lusíadas' e o tema das 'Argonáuticas' — Pág. 277.  
'Os Lusíadas' (De 'A Literatura Portuguesa', de Aubrey Bell) — Pág. 304.

SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

O centenário de D. João V — Pág. 29.  
Os que lhe fizeram justiça — Pág. 30.  
Uma data a comemorar — Pág. 32.  
Presença de António Sardinha — Pág. 33.  
Ler catálogos — Pág. 87.  
Uma grande figura de mulher — Pág. 141.  
Moniz Barreto e a salvação pública — Pág. 186.  
Ramalho e o Bispo-Conde — Pág. 231.  
Os portugueses perante Camões — Pág. 295.  
Alvitres e sugestões — Pág. 296.

## CRÓNICA COLONIAL

O café — Pág. 100.

## NOTAS DE ARTE

Vitor Bastos — Pág. 35.  
Um despropósito para meditação — Pág. 90.  
Do natural — Pág. 92.  
Manchas de popularidade — Pág. 93.  
A pintora Santos Braga — Pág. 94.  
Endereço à Prima Clotilde — Pág. 144.  
Um panorama de revisão — Pág. 146.  
Mudanças e saudades — Pág. 148.  
A Escultura de Mafra — Pág. 190.  
Romantismo a bem da Nação — Pág. 192.  
Proveito e gratidão — Pág. 193.  
Simões de Almeida, Sobrinho — Pág. 194.  
Renato de Araújo — Pág. 195.  
A bom entendedor... — Pág. 235.  
Contemplando o Porto — Pág. 235.  
Outro artista angolano — Pág. 239.  
Gabriel Constante — Pág. 240.  
Camões e os Pintores — Pág. 299.  
Camões no Romantismo — Pág. 301.  
Sonhos, Deveres e Monumentos — Pág. 302.  
Fantasias e indignidades — Pág. 302.  
Registo do mês — Pág. 40, 95.

## NOS DOMÍNIOS DA ETNOGRAFIA E DO FOLCLORE

A evolução do presépio: 1.ª fase — A fase divina — Pág. 41.  
2.ª fase: Síntese humana do presépio; simplicidade — Pág. 42.  
3.ª fase: A mística franciscana do presépio ao vivo — Pág. 43.  
4.ª fase: O presépio de arte: síntese humana: complexidade — Pág. 44.  
Fase actual: simplicidade e simbolismo — Pág. 45.  
No folclore da louça caseira — Pág. 149.  
No adagiário: anexins e anexins — Pág. 150.  
Nas adivinhas: — que é? que é? — qual é a coisa? qual é ela? — Pág. 151.  
Da louça de barro à louça de ferro — Pág. 152.  
A louça dos guisos e dos chocalhos — Pág. 152.  
Peças aos pares... eles e elas... — Pág. 153.

## CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO

Respostas a consultas — Pág. 46, 96, 154, 196, 244 e 305.

ILUSTRAÇÕES

- A estátua equestre de D. José — Medalhão de *Francisco António Raposo* — Pág. 24/A.
- Peça representando a máquina inventada por Bartolomeu da Costa — Pág. 24/A.
- Adoração do Menino Jesus — Pág. 24/B.
- O Escudo de D. João I no brasão de Ceuta — Pág. 80/A.
- Em Ceuta, uma rua ostenta em letras vem visíveis e legíveis o nome de D. João I de Portugal — Pág. 80/A.
- A Rua de Camões, na placa do nome, tem a effigie do glorioso Poeta — Pág. 80/A.
- O Desterrado e A Saudade — por *Soares dos Reis* — Pág. 80/B.
- Trazeiras da Casa-officina de Soares dos Reis — desenho de *Joaquim Lopes* — Pág. 83.
- Soares dos Reis — por *Joaquim Lopes* — Pág. 86.
- Fac-símile do frontispício e 1.<sup>a</sup> página do Regulamento de estudos de André de Gouveia — «Scholla Aquitanica» — Pág. 136/A.
- J. Reis Gomes — pelo *Prof. Américo Marinho* — Pág. 136/B.
- Joaquim de Vasconcelos — por *Joaquim Lopes* — Pág. 192/A.
- António Corrêa d'Oliveira — por *Henrique Medina* — Pág. 192/B.
- Brasão dos Magalhães Bastos — Pág. 240/A.
- Medalha de D. Miguel I — Pág. 240/A.
- Casa de Francisco Ribeiro Nobre, em Valesim — Pág. 240/A.
- Serra da Estrela — Senhora do Desterro — Pág. 240/A.
- Vendedeira de Hortaliça — por *Joaquim António Marques* — Pág. 240/B.
- Luís de Camões — por *Joaquim Lopes* — Pág. 265.
- Luís de Camões — por *José Malhoa* — Pág. 276/A.
- Camões lendo 'Os Lusíadas' aos Frades de Alcobaca — por *António Carneiro* — Pág. 276/B.
- Venus pede a protecção de Júpiter para os Portugueses — por *Carlos Reis* — Pág. 292/A.
- Inês de Castro ante o Rei, já movido a piedade — por *Columbano* — Pág. 292/B.

BIBLIOGRAFIA

- 'Os Problemas do «Hamlet» e as suas dificuldades cénicas' — por *Luís Cardim* — Pág. 50.
- 'Algumas notas sobre os Irmãos Karamazov de Dostoievsky' — por *Pedro Nascimento* — Pág. 51.
- 'Actriz de Paródia' — por *Santos Cravina* — Pág. 52.

- 'Joana Moledo' — por *Maria da Graça Azambuja* — Pág. 53.
- 'O Poeta António Fogaça' — por *Miranda de Andrade* — Pág. 57.
- 'ABC do Seguro social' — Pág. 58.
- 'El Problema del Indio en America' — por *Aida Cometta Manzoni* — Pág. 58.
- 'Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas' — por *Joseph e Henry Bullar* — Pág. 59.
- 'Sonhar para Viver' — por *A. da Costa Vaz Pinto* — Pág. 59.
- 'Poemas de quem ficou' — por *Manuel Lopes* — Pág. 104.
- 'Prelúdios' — por *João Manuel de Mascarenhas* — Pág. 105.
- 'Flor de Esteva' — por *Maria de Santa Isabel* — Pág. 107.
- 'As minhas para contigo...' — por *Ernesto Tomé* — Pág. 108.
- 'Siga a Roda' — por *Santos Cravina* — Pág. 109.
- 'Atlas de Portugal Ultramarino' — Pág. 109.
- 'História das Missões do Padroado Português do Oriente' — por *António da Silva Rego* — Pág. 109.
- 'Tripanosomíases animais da Guiné Portuguesa' — por *João Tendeiro* — Pág. 110.
- 'Infanta D. Maria' e 'Rainha D. Leonor' — por *Tereza Leitão de Barros* — Pág. 110.
- 'O Santo Condestável' — por *Estevão Pinto* — Pág. 110.
- 'Mobiliário do Paço ducal de Vila Viçosa' — por *Alfredo Guimarães* — Pág. 110.
- 'Antero de Quental e a Mulher' — por *Rui Galvão de Carvalho* — Pág. 111, 167.
- 'A Expansão léxico-gramatical do Leal Conselheiro' — por *Herbert Palhav* — Pág. 111.
- 'Vidas e Sombras' — por *Pina de Moraes* — Pág. 158.
- 'O Mistério do Paço do Milhafre' — por *Vitorino Nemésio* — Pág. 161.
- 'Ultramar Português — I — Síntese da África' — por *António Mendes Correia* — Pág. 163.
- 'A Inquisição de Goa' por *António Baião* — Pág. 164.
- 'A Freguezia de Santiago' — 2.<sup>o</sup> volume por *Ferreira de Andrade* — Pág. 164.
- 'Inventário de Lisboa' — fasc. 7 — por *Norberto de Araújo* — Pág. 164.
- 'Mensário Administrativo de Angola' — Pág. 165.
- 'Biblos', 'Brasília', 'Humanitas' — Pág. 165.
- 'Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira' — Pág. 166.
- 'Notas Vicentinas' — I a V — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* — Pág. 166.

OCIDENTE — ÍNDICE DO VOLUME XXXVIII

- 'Elogio do Contista Trindade Coelho' — por *Júlio de Lemos* — Pág. 166, 253.  
 'Hora incerta, Pátria certa' — por *António Corrêa d'Oliveira* — Pág. 200.  
 'Breviário de Amor' — de *Miguel Sapeiras* — Pág. 208.  
 'Julgareis qual é mais excelente...' — por *Gastão Sousa Dias* — Pág. 208.  
 'Estudos etnográficos, filológicos e históricos' — vol. IV — por *Augusto César Pires de Lima* — Pág. 208.  
 'Conferências médicas e literárias' — por *Egas Moniz* — Pág. 208.  
 'Santa Justa' — por *J. M. Cordeiro de Sousa* — Pág. 209.  
 'Antigamente...' — por *A. L. de Carvalho* — Pág. 209.  
 'O meu Sentir' — por *Maria Ondina* — Pág. 248.  
 'Êxtase' — por *Maria da Graça Varela Cid* — Pág. 249.  
 'Dádiva' — por *Luís Amaro* — Pág. 250.  
 'Debaixo do Céu' — por *Geraldo Bessa Vitor* — Pág. 250.  
 'Mãe Terra' — por *Papiniano Carlos* — Pág. 252.  
 'A Vida rural no Romance Português' — por *António Álvaro Dória* — Pág. 253.  
 'Páginas avulsas' — por *De Araújo Costa* — Pág. 253.  
 'Ocidente' — Pág. 254.  
 'Programa alterado' — por *Júlio Evangelista* — Pág. 309.  
 'No sossego da Hora' — por *António Manuel Couto Viana* — Pág. 310.  
 'Promessa' — por *Fernando Vieira* — Pág. 311.  
 'Pampilhos' — por *Emiliano da Costa* — Pág. 312.  
 'Varanda dos meus sonhos' — Versos — por *Alberto Marques da Silva* — Pág. 313.  
 'Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara' — por *António J. Dias Dinis* — Pág. 313.  
 'África terra de Promissão' — por *Rodrighes Júnior* — Pág. 314.  
 'Aspecto geral do problema florestal de Moçambique' — por *Egberto Pedro* — Pág. 314.  
 'Considerações acerca da contribuição das espécies coloniais para a indústria da pasta para papel' — por *Luís Seabra* — Pág. 314.  
 'A dupla Liampó das crónicas portuguesas' — pelo *Visconde de Lagoa* — Pág. 314.  
 'Considerações acerca do equilíbrio entre as comunidades florestais e o ambiente em Moçambique' — por *Esteves de Sousa* — Pág. 314.  
 'Estudos de pescarias do Ultramar português — o Atum' — por *Fernando Frade* — Pág. 315.

- 'Bartolomé de las Casas' — por *Lewis Hanke* — Pág. 315.  
 'Obras Completas de Gil Vicente' — Pág. 315.  
 Livros recebidos — Pág. 59, 111, 167, 209, 254 e 315.

NOTAS E COMENTARIOS

- Crónica — Pág. 60, 115, 169, 210, 255 e 322.  
 'O Pintor Vilela' — Pág. 60.  
 Glória a Camões — Pág. 61.  
 'Camões e Nabuco' — Pág. 61.  
 Exposições do livro português no Brasil — Pág. 62.  
 Livros portugueses no Brasil — Pág. 62.  
 Prémio Nobel de Medicina — Pág. 63.  
 'Boletim oficial da Cruz Vermelha Portuguesa' — Pág. 63.  
 Pela Emissora — Pág. 63, 172, 264 e  
 A música, linguagem universal — Pág. 64.  
 À margem da crítica e dos criticados — Pág. 116.  
 A propósito do Acordo ortográfico — Pág. 118.  
 Conferências sobre Poesia — Pág. 118.  
 Quando acaba o meio século? — Pág. 119.  
 A respeito da pasta para papel — Pág. 119.  
 'Gil Vicente e outros estudos portugueses' — Pág. 120.  
 'Cultura' — Pág. 120.  
 As queixas de Goa — Pág. 170.  
 Cruz Vermelha Portuguesa — Pág. 170.  
 Muito, muitíssimo bem — Pág. 171.  
 O progresso de Moçambique — Pág. 171.  
 A França na chefia da Europa? — Pág. 172.  
 Artur Ramos — Pág. 172.  
 Heitor Lira — Pág. 172.  
 'Mobiliário do Paço Ducal de Vila Viçosa' — Pág. 173.  
 Assuntos para a Imprensa diária — Pág. 173.  
 A educação secundária no Rio de Janeiro — Pág. 174.  
 Esse caso da luva e do beija-mão — Pág. 175.  
 Reis Gomes — Pág. 175.  
 António Nobre — Pág. 176.  
 «Grupo amici del Portogallo» — Pág. 176.  
 A Bem da Justiça — Pág. 212.  
 Desafronta à memória de Eça de Queirós — Pág. 213.  
 Meio século de Literatura Portuguesa — Pág. 214.  
 'Obras Completas de Gil Vicente' — Pág. 214.  
 'A Educação rural no Distrito Federal' — Pág. 214.  
 Museu Nacional de Arte Antiga — Pág. 215.

OCIDENTE — ÍNDICE DO VOLUME XXXVIII

- O Compositor da semana — Pág. 215.  
 Óscar da Silva — Pág. 215.  
 Liga Portuguesa de Profilaxia Social — Pág. 215.  
 Correio entre Portugal e Brasil — Pág. 216.  
 Melhoramentos rurais — Pág. 256.  
 Serviços Prisionais — Pág. 257.  
 Liberdades poéticas — Pág. 257.  
 Actividades consulares no estrangeiro — Pág. 258.  
 Rui Ulrich — Pág. 259.  
 Qual a preparação do emigrante? — Pág. 259.  
 Incongruências do «Fado» — Pág. 260.  
 Acadêmicos e Românticos — Pág. 261.  
 Diogo Ivens — Pág. 261.  
 Pelos Correios — Pág. 261.  
 Instituto Nacional do Livro do Brasil — Pág. 262.  
 Propaganda acertada — Pág. 262.  
 'Bando' — Pág. 262.  
 O Culto de Rui no Brasil — Pág. 262.  
 Monumento a João do Rio — Pág. 264.  
 Gustavo Barroso — Pág. 322.  
 Aubrey Bell — Pág. 322.  
 Mais vale tarde... — Pág. 323.  
 Preciosidades bibliográficas — Pág. 323.  
 Reintegração histórica — Pág. 324.  
 Nota do Fim — Pág. 64, 120, 176, 216, 264 e 324.

SUPLEMENTOS

- 'Questões de Língua Pátria' — Volume I — 2.ª edição — por *I. Xavier Fernandes* — Conclusão — Pág. 209/232.  
 'Gonzaga e a Justiça' — Confrontação de Baltazar Gracián e Tomás António Gonzaga — por *João de Castro Osório* — Pág. 1/80.  
 'Antero Vivo' — por *Rui Galvão de Carvalho* — Pág. 1/88.  
 'O Património da Sereníssima Casa de Bragança' em Olivença — por *Ventura Ledesma Abrantes* — Pág. 1/24.

ÍNDICE DOS AUTORES

- A. Mendes Correia — Pág. 218.  
 Abílio Valdez Passos e Sousa — Supl. — Pág. 9/12.  
 Alfredo de Carvalho — Pág. 15 e 130.  
 Alfredo Coelho de Magalhães — Pág. 219.

- Álvaro Pinto — Pág. 60, 115, 169, 210, 255 e 322.  
 Américo Durão — Pág. 140.  
 Américo Marinho — Pág. 136/B.  
 António Carneiro — Pág. 276/B.  
 António Corrêa d'Oliveira — Pág. 73.  
 António Dias — Pág. 22 e 228.  
 António Salgado Júnior — Pág. 277.  
 Armando Cortês-Rodrigues — Pág. 184/185.  
 Armando Marques Guedes — Pág. 220.  
 Aubrey Bell — Pág. 304.  
 Augusto Moreno — Pág. 46, 96, 154, 196, 244 e 305.  
 Cardoso Marta — Pág. 225.  
 Carlos Reis — Pág. 292/A.  
 Columbano — Pág. 292/B.  
 D. João de Castro — Pág. 121.  
 De Araújo Costa — Pág. 222.  
 Diogo de Macedo — Pág. 35, 90, 144, 190, 235 e 299.  
 Ezequiel de Campos — Pág. 9 e 67.  
 Francisco António Raposo — Pág. 24/A.  
 Henrique Medina — Pág. 192/B.  
 Hernâni Cidade — Pág. 267.  
 I. Xavier Fernandes — Supl. — Pág. 209/232.  
 J. Reis Gomes — Pág. 137.  
 Jacinto do Prado Coelho — Pág. 273.  
 João de Barros — Pág. 266.  
 João de Castro Osório — Pág. 49, 103, 157, 200, 247 e 308. Supl. Pág. 1/80.  
 Joaquim António Marques — Pág. 240/B.  
 José Malhoa — Pág. 276/A.  
 Julião Quintinha — Pág. 111 e 125.  
 Luís de Camões — Pág. 272, 293 e 303.  
 Luís Chaves — Pág. 41 e 149.  
 Luís Filipe Lindley Cintra — Pág. 26.  
 Machado e Costa — Pág. 220.  
 Maria de Santa Isabel — Pág. 129.  
 Mário Beirão — Pág. 13, 156 e 265.  
 Mário de Sampaio Ribeiro — Pág. 241.  
 Menoti del Picchia — Pág. 223.  
 Nuno de Almeida — Pág. 100.  
 Raúl de Azevedo — Pág. 167.  
 Rebelo de Bettencourt — Pág. 167.  
 Rodrigues Cavalheiro — Pág. 29, 87, 141, 186, 231 e 295.  
 Rui Galvão de Carvalho — Supl. — Pág. 1/88.  
 Soares dos Reis — Pág. 80/A.  
 Tasso da Silveira — Pág. 74.  
 Ventura Ledesma Abrantes — Supl. Pág. 1/24.

A REVISTA MENSAL 'OCIDENTE' FUNDADA EM 1938 POR ALVARO PINTO JÁ COMPLETOU 38 VOLUMES COM MAIS DE 15.000 PÁGINAS DE LEITURA SÉRIA E 900 ILUSTRAÇÕES. / EXISTE UMA PEQUENA QUANTIDADE DE COLECÇÕES COMPLETAS: 38 VOLUMES ENCADERNADOS COM CAPAS DE PANO AZUL POR 3.250\$00





**D**esde as grandes catedrais  
às mais modestas igrejas  
as pratas artisticas estão sempre  
presentes.

**VISITE AS OURIVESARIAS**



**TOSSE ?**

**BENZO-DIACOL**

**DRÁGEAS**

**GOTAS**

**XAROPE**